VAMPIROS
Rituais de Sangue

Marcos Torrigo

O Vampiro tem a maravilhosa característica de ter sido humano.
É um ser especial, um deus, no qual podemos nos tornar.
Paródia de Cristo, de Buda, do Avatar — o homem feito deus.

Frater Piarus

CAPITULO I

Origens do Vampiro e sua, ocorrência, pelo mundo

Ser ou não ser, eis a questão. Acaso
E mais nobre a cerviz curvar aos golfes
Da ultrajosa fortuna, ou já lutando
Extenso mar vencer de acerbos males?
Morrer, dormir, não mais. E um sono apenas

William Shakespeare tradução de Machado de Assis

Para o Vampiro não há céu nem inferno, um paradoxo primevo a caminhar entre os mundos, um morto-vivo. Outrora homem, agora antideus. Sua antivida é pautada pela violência, sede de sangue, paixão e terror, o horror que se esconde nas sombras. Quebrando e destruindo todas as normas, regressando ao atavismo mais profundo. Um ser habitante do limbo, um limbo glorioso, isso é o vampiro. Sua ocorrência geográfica a tudo engloba, dos Bálcãs ao Egito, dele aos confins das florestas equatoriais da Amazônia e, é claro, até as galáxias distantes.

Civilizações, como a dos sumerianos, dos babilônicos, dos indianos, e os povos hebreus, maias e astecas conviveram com o fenômeno do Vampirismo. Seus ataques foram registrados à luz do dia, e à luz da Era das Luzes, dividindo o palco com Diderot e Voltaire em plena época do Iluminismo.

Deixando o racionalismo de cabelo em pé, o epicentro dos ataques não foi algum confim distante, mas o esclarecido Império Austro-Húngaro, justamente a Áustria, que seria a pátria de Sigmund Freud. Deste arquétipo desconcertante, desse tabu é que tratamos neste livro, pois o vampiro está ali no espelho, repousando, destruindo e salvando, afinal além de matar sua vítima ele lhe confere a vida eterna.

Toda a ordem de seres mágicos e míticos tem seus próprios domínios; eles vivem numa realidade própria e paralela à nossa, suas intrusões são raras e em situações especiais. Não têm um corpo físico, ao contrário do vampiro, por mais que ele esteja “morto”.

O corpo é a base do retorno, e a ligação com o mundo material. E através dele a morte se alimenta da vida, invertendo o habitual, ou seja, a vida se alimentar da morte.

Existem inúmeras teorias sobre a origem da palavra “vampiro”. Para citar apenas algumas, ela pode ter vindo do eslavo arcaico *obyri;* talvez *vampir,* da Bulgária, seja a raiz e origem da palavra. Outra palavra seria *lampir,* o nome do vampiro na Bósnia. O Leste Europeu foi uma zona de grandes migrações, e o próprio processo de cristianização apagou a origem da palavra.

Falaremos agora do vampirismo em alguns locais do mundo, uma forma de familiarizar o leitor com a temática.

Índia

A Índia é um dos locais que, juntamente com o Egito e a China, tem mais elementos para esclarecer o fenômeno dos Vampiros. Asuras, Rakshasas e mais uma infinidade de seres vampíricos fazem parte da mitologia indiana, sem falar em várias divindades que têm facetas vampíricas evidentes, como a deusa Kali e seu marido Shiva. Os Rakshasas habitavam locais de cremação, onde inúmeros cadáveres eram cremados. Estavam sempre prontos a atrapalhar a consecução espiritual dos ascetas. Datam da era védica, seu líder é Ravana, de dentes pontiagudos e olhos sinistros, inimigo de Rama. Eles portam unhas longas e venenosas, sua aparência é feroz, sua cor é o azul escuro, mas podem ser verdes ou amarelos.

Os Rakshasas são senhores de grandes tesouros, guardiões de templos e palácios. Vagavam à noite em busca de sangue de crianças, em especial dos recém-nascidos. Também gestantes faziam parte de suas principais vítimas. Eles se faziam acompanhar muitas vezes por sacerdotisas, que participavam de seus sangrentos banquetes, as Hatu Dhana. Além dos Rakshasas, Asuras e as Hatu Dhana, havia os Pisashas; eles se alimentavam dos restos da cremação e transmitiam inúmeras calamidades. Outra classe de seres Vampiros era a dos Bhutas, o espectro dos mortos. Os candidatos principais a se tornarem Bhutas eram os que padeciam por morte antinatural, suicídio ou execução; eram loucos, portadores de alguma moléstia ou deformados. Transformavam-se, após a morte, em mortos-vivos. Em certas localidades da Índia, aqueles que morrem de maneira semelhante às descritas são sepultados ao invés de cremados. De forma alguma isso se restringe à Índia, já que em praticamente todo o mundo pessoas que sofreram morte violenta ou tiveram má índole são fortes candidatos a Vampiros.

Os Bhuta se alimentam de fezes e intestinos encontrados em corpos decompostos. E também promovem doenças nos seres humanos, uma forma de gerar o seu alimento. Eles também vivem perto do local de cremação, transformam-se em corujas e morcegos, mas igualmente aos Rakshasas atacam recém-nascidos. Podem obsediar uma pessoa, e a pessoa assim obsediada viria a atacar outras, devorando-as.

Sir Richard Burton, um dos mais importantes aventureiros do século XIX, conta-nos a história do livro Vetala Pachisi, os vinte e cinco contos de um Baital. O narrador destas vinte e cinco histórias é um Baital, um Vampiro, um ser que se apossava do corpo de um morto para executar suas atividades vampíricas.

Esse livro trata da história de um gigantesco morcego negro, vampiro ou espírito maligno que habitava e animava cadáveres. É uma lenda antiga, cujo estilo de narrativa influenciou *As Mil e Uma Noites, O Asno de Ouro,* de Apuleio, e o *Decameron* e o *Pentameron,* de Giovanni Boccaccio. Essa narrativa tem como personagem o Rei Vikram, que teve seu reinado por volta do século I.

“O ser pendia de cabeça para baixo, seus olhos, que estavam arregalados, eram de um castanho esverdeado e nunca piscavam. Seus cabelos também eram castanhos, e castanho era seu rosto. Três matizes diferentes combinadas lembravam um coco seco. Tinha o corpo magro e cheio de nervuras, como um esqueleto ou um bambu. Estava pendurado em um galho como um morcego, pela ponta dos dedos, e seus músculos contraídos ressaltavam como cordas de fibra.”

“Não parecia ter uma gota de sangue sequer, ou esse estranho líquido devia ter escoado para a cabeça; quando o Raja (Vikram) o tocou a pele era fria como o gelo e viscosa como a de uma serpente. O único sinal de vida era o agitar furioso de uma pequena cauda, como a de um bode. O bravo Rei deduziu — um Baital, um Vampiro, um Vetala Pancha Vishnati!” (Baital é a forma moderna de Vetala).

Encurtando a narrativa, Vikram faz inúmeras tentativas de capturar o vampiro, mas este é esperto, e contando inúmeras histórias consegue sempre voltar a sua árvore. Por fim, o Raja o leva até um Yogue que estava esperando por eles perto de um crematório. A área era cheia de hienas, abutres e assombrada

por espectros. O vampiro havia se apossado do corpo de um jovem, e, ao se aproximar do Yogue, mas não tão perto para que este pudesse ouvi-lo, avisou o Rei Vikram de que o Yogue na verdade era um gigante monstruoso disfarçado. Após dizer isso, o vampiro abandonou o corpo do jovem, que voltou a ser um corpo normal.

O Rei ficou em dúvida a respeito do que o vampiro havia falado. Ele tomou parte nas cerimônias do Yogue a contragosto, sempre esperando o pior, e graças a isso foi salvo. De fato, o Vampiro falara a verdade. O Vetala é um demônio vampiro com características de semideus. Ocasionalmente, o Vetala pode promover a possessão de um cadáver, animando-o para suas práticas hematófagas.

Outros dois tipos de vampiros importantes eram o Gayal e Churel. O Churel é um Vampiro feminino, uma mulher que teve morte no parto ou menstruada. Ela aparece como uma linda donzela, extremamente sedutora, drenando suas incautas vítimas enquanto estas se encontram deleitando-se em seus braços. Outras vezes, ela aparece com dentes caninos enormes, e de sua boca pende uma língua negra, e sua cabeça é ornada com uma selvagem cabeleira igualmente negra. Para prevenir-se dos ataques dela, são colocadas sementes em sua antiga casa, pois se supõe que este vampiro feminino também tenha obsessão por contar (dessa forma se esquece do ataque predador). O cadáver do Churel tinha os pés presos em cadeias, os ossos quebrados e era enterrado em decúbito dorsal, para impedir seus ataques.

Já o Gayal, o Vampiro do Punjab, assume características de Vampiro mais uma vez devido a problemas no sepultamento, por ser uma pessoa sem família para zelar por seu funeral, ou se a família por alguma razão não realizou as cerimônias. Ele é enterrado sumariamente sem ritos póstumos. O Gayal ataca seus parentes e os filhos de seus vizinhos. A destruição do Gayal é feita quando lhe fazem os ritos póstumos e lhe queimam o corpo.

As pessoas se preveniam de seus ataques usando uma mistura de água do Ganges e leite, na esperança de que ele assim se saciasse.

Os Ciganos

Os ciganos são originários da Índia, possivelmente descendentes dos dravidianos, povo autóctone, expulso pelos arianos do Norte da Índia. Os dravidianos são os pais do Yôga e do Tantra; sua civilização era matriarcal e Shiva era sua divindade principal. Ao perderem a guerra contra os invasores, eles migraram para o sul da Índia, mantendo os seus conhecimentos em sociedades secretas. Da sua terra natal, os ciganos trouxeram Sara, Santa Sara, ou melhor, Kali. Tanto ela, como seu marido Shiva, são retratados na arte hindu em atos vampíricos, e nessas representações há ainda um forte apelo sexual, de uma forma muito comum aos Vampiros. A Índia, como já vimos, conta também com inúmeros seres vampíricos. Os ciganos Começaram sua migração por volta do ano 1000 da era vulgar (Cristã), e por volta do século XIV já eram vistos no Ocidente, após uma estadia na Turquia.

Duas teorias sobre a origem da designação “cigano” são a do egiptano, ou seja, egípcio, derivando em gitano, ou a que faz alusão aos atzigani, seita herética do Oriente Médio. Para Voltaire, eles eram cultuadores da deusa Ísis vindos da Síria. Muito curiosa foi essa associação com os egípcios, já que os ciganos chegaram à Europa sem passar pelo Egito. Talvez isso seja uma menção ao pequeno Egito na Grécia, ou esse lugar tenha esse nome justamente devido aos ciganos. Os gregos desde sempre tiveram os egípcios como grandes mágicos e adivinhos; será que notaram essas características quando os ciganos foram seus hóspedes?

Curiosamente, os locais onde os ciganos tiveram influência mais proeminente estão no epicentro dos casos de Vampirismo que varreram a Europa no século XVIII. Já em 1700 há relatos na Grécia sobre a atuação de Vampiros (*Vrykolakas*). O termo é de origem eslava, e igualmente no Império Austríaco

são registrados casos amplamente documentados. Por mais que esses casos tenham o século XVIII como foco, eles não foram tratados como novidade pelas populações dos locais onde se desenrolaram, o que faz pensar que não era algo incomum.

Os ciganos, como os egípcios, tinham ritos de oferenda de alimentos aos mortos. Em troca, pediam sua proteção e outros favores. Eles também tinham uma espécie de feiticeiro (xamã) chamado Kaku, que tinha posse do poder de domar animais sem o uso da força, através do conhecimento dos poderes hipnóticos, incluindo o uso do terceiro olho.

Ao que parece, eles guardaram a sabedoria ancestral indiana, incluindo a cerimônia do Maithuna indiano, uma união sexual tântrica. O casal se uniria para este fim, muitas vezes não se vendo nunca mais. Seu objetivo era a harmonia dos opostos e o êxtase místico. Fazem uso de um asana, como o da Yôga, e exercícios com os olhos (tratakas). Eles crêem que o corpo humano é entrecortado de canais que levam energia para os mais diversos pontos, e disso se deriva uma técnica usada em curas que também pode despertar intenso desejo sexual. Um fato curioso é que os Kakus ciganos têm especial respeito por Jacques de Molay, o último Grão Mestre Templário. O porquê disso é uma boa pergunta, mas a lenda fala que Molay esteve em contato com eles no Oriente, em busca de conhecimento mágico. Os ciganos, em muitos locais, foram tratados como heréticos, bruxos e vampiros. Sofreram com fogueiras e torturas, além de não poderem ser enterrados nos cemitérios comuns, dentre outras coisas. Como já vimos, os ciganos são místicos por natureza, e seu universo é recheado de seres imaginários e mágicos.

Os Vampiros têm um lugar de destaque na religiosidade cigana, sendo que havia até a profissão de "caçador de vampiros" (*Dhampir*). Esse caçador era filho de um Vampiro, um elo entre o humano e o vampírico. Os ciganos acreditavam que o Vampiro poderia gerar filhos mesmo depois de morto, e alguns Vampiros inclusive teriam constituído novas famílias.

Como em outras culturas e nos casos de "almas" presas a Terra (ver o capítulo "duplo etérico e corpos sutis"), o Vampiro era fruto de morte violenta, falhas no sepultamento ou ainda influência de animais sobre o corpo do morto; assuntos não terminados também eram relevantes.

O Mulo era a forma mais conhecida de vampiro cigano, um morto-vivo que atacava durante a noite e voltava ao amanhecer para sua sepultura. Como a maior parte de todos os vampiros ele era um ser etéreo. Podia assumir várias formas animais, e seus ataques dizimaram algumas famílias e inúmeras cabeças de gado. Alguns relatos sobre o Mulo mencionam as relações sexuais entre o Vampiro e sua esposa, ou amante, ainda viva. Essas relações poderiam ir das mais calmas às mais violentas.

O Mulo poderia gerar filhos dessas uniões, e eles eram *vampirovic*, vampiro filho, ou *lampirovic*, pequeno vampiro, em idioma sérvio-croata. Outro nome para o filho de um vampiro é *dhampir*. Para os sérvios, o Dhampir, filho do vampiro, tinha poderes especiais para detectar e destruir vampiros. Dessa forma, famílias que tinham sangue vampírico se tornaram caçadoras de vampiros. No Brasil, os primeiros grupos de ciganos chegaram no século XVII, no Maranhão.

Roma

No Império Romano, o vampiro era uma bruxa que, em forma de coruja, atacava crianças para sugar seu sangue. Elas eram chamadas de Strix, o que culminou em *strega*, italiano para bruxa. A strega, mesmo durante o Império Romano, já tinha características vampirescas. Voava à noite, sugava o sangue de crianças e se envolvia sexualmente com homens que acabavam drenados.

Muito do que foi usado no combate ao Vampiro foi também usado contra a strega, tanto é que Carlos Magno teve de promulgar uma lei que proibia queimar ou canibalizar stregas. Ambas as práticas foram

adotadas contra o vampiro, inclusive comer pedaços dele como forma de cura. O lobisomem também foi um fenômeno conhecido em Roma e na Itália.

Arábia e os Muçulmanos

Os muçulmanos têm algumas entidades vampíricas, dentro elas os Ghouls. Ghouls são seres de forma feminina que assombram sepulcros, atacam e devoram seres humanos. São similares à Lilith, ou seja, um demônio feminino que se alimenta de corpos mortos, infestando cemitérios. Escavam as tumbas para devorar as carcaças. Muitas vezes esses Ghouls eram tidos como metade mulher, mantendo uma vida marital sem que o esposo soubesse o que ocorria. Ele atraía suas vítimas até uma ruína deserta, para então sugar o sangue de suas veias e comer sua carne. Nas *Mil e Uma Noites*, há uma passagem que trata exatamente sobre o Ghoul.

Um rapaz se casa com uma jovem de nome Amine, e ao jantarem ele nota que ela come muito pouco, nem o suficiente para um pardal. O marido observa que ela se ausenta à noite, até que um dia a segue. Ela entra em um cemitério, e o marido se esconde atrás de uma parede, com visão suficiente do cemitério e do local para onde sua esposa ia. Para sua surpresa, ela se metamorfoseia num Ghoul, e outros desses seres se aproximam para uma reunião que acontece bem ali. Ela e outros Ghouls desenterram um corpo, e prontamente o dividem em bocados devorados por todos. Os Ghouls, com grande compostura, travavam uma conversa em meio ao seu festim diabólico. Talvez mais fantástico que o prato principal, tenha sido o tema da conversa. O marido, de seu esconderijo, podia ver mas não ouvir o que se passava. Ao término, lançaram a carcaça de volta à sepultura e a enterraram.

Sidi Nouman (o marido), esperou o próximo jantar com a esposa, que mais uma vez mal tocava os alimentos. Ele perguntou se a carne de um homem morto era mais saborosa que o jantar. O Ghoul se enfureceu e jogou uma maldição sobre Sidi, transformando-o num cachorro. Através das artes mágicas de outra mulher, ele volta à forma humana e ainda ganha uma poção mágica destinada à sua esposa. Quando se defronta com Amine, lança a poção nela com a seguinte frase: “Receba o castigo da maldade”. A feiticeira é transformada em uma égua, e imediatamente conduzida a um estábulo.

Na Turquia, alguns Dervixes eram caçadores de vampiros. Eles podiam ver o espectro do morto e caçá-lo. O seu equipamento consistia em uma longa barra de ferro ter minada em ponta aguçada. Juntamente com eles, na profissão, havia os Sabbatarians, pessoas que haviam nascido no sábado, “um dia especial”. Estes dois tipos de caçadores também eram encontrados na Macedônia. Em uma dessas caçadas um Sabbatarian, perseguido por um vampiro, entra em um celeiro. Sabendo da compulsão natural dos vampiros por contar, ele espera o vampiro se defrontar com os cereais. Aproveitando a distração do vampiro, ele o destrói.

Grécia

A Grécia e a sua rica mitologia são um campo vasto para o estudo do fenômeno do vampirismo. As Lâmias, Empusas, Mormo e a própria Hécate são representantes clássicos desse fenômeno e suas histórias se perdem nos séculos.

A Lâmia é um ser vampírico dos mais antigos. Após a perda de seus filhos, Lâmia, uma bela mulher, foi tomada de ódio absoluto e vingou-se de toda a raça humana atacando crianças e sugando-lhes o sangue, história muito similar à de Lilith. Esse espectro feminino também se revestia de sedução. Quando as vítimas eram rapazes, o demônio aparecia como uma bela mulher. A história de Menippus é um bom exemplo.

Ele conhece uma bela moça, em verdade Lâmia, cujo prazer era se alimentar de jovens corpos, com sangue puro e forte.

Apuleio, em *Metamorfoses*, narra em uma passagem que as feiticeiras da Tessália podiam assumir a forma de qualquer animal. No caso em questão, Telefron, um estudante, tinha sido incumbido da tarefa do guardar um cadáver para que as feiticeiras não dilacerassem com seus dentes a face do morto. A *Stringla*, uma espécie de vampiro feminino especialista em drenar sangue de crianças, como espírito da noite, vinha e atacava as crianças. A volta do reino dos mortos não era de forma alguma algo desconhecido para os gregos.

O poder do sangue como agente materializador era também por eles conhecido. Ulisses encheu uma cova de sangue para propiciar o aparecimento de Tirésias, um vidente, c o sangue fresco nutriu a aparição ajudando-a a adensar-se, e outros espectros lambem se materializaram valendo-se desse sangue. Pausânias, no século II, já mencionava a lei grega que mandava queimar os cadáveres de quem quer que fosse acusado de visitar seus parentes após a morte. A esse solo fértil foi agregada a cultura eslava, que principia por volta do século VI sua entrada na Grécia.

A Grécia conta com inúmeros relatos de atividade vampírica. O vampiro grego mais conhecido é o Vrykolakas. O termo é de origem eslava e possivelmente se refere a algum ritual em que o sacerdote utilizava uma pele de lobo. Bem entendido que, para os gregos, o licântropo não era, de forma alguma, uma novidade.

O Vrykolakas, para os gregos, era o morto-vivo. Tinha a aparência de quando estava vivo, e podia também entrar em corpos de animais ou assumir as suas formas. Por mais que os vampiros do leste europeu tenham uma fama enorme, a maioria dos casos de vampirismo ocorreu na Grécia.

Quem é atacado por um Vrykolakas se torna invariavelmente um deles. O Vrykolakas c um dos vampiros mais vorazes e selvagens, e em seus ataques rápidos e assassinos rasgam a carne com os dentes para se banquetear com o sangue. O nome Vrykolakas talvez também seja uma referência à licantropia. No folclore eslavo, lobisomens se tornam vampiros após a morte. Há referências (escassas, todavia) de lobisomens gregos que se tornaram vampiros (Vrykolakas) após sua morte.

Os Vrykolakas não atravessavam água, por isso muitos foram mandados para ilhas desertas na esperança de que por lá ficassem. Essa prática foi usada em Hidra, Kythnos e Mitilene. “A ilha de Hidra antigamente havia sido infestada por vampiros, e um Bispo se livrou deles ao mandá-los para Therásia, uma ilha desabitada, pertencente ao arquipélago de Santorini, onde eles ainda caminham à noite, mas não podem cruzar a água salgada”. Em outros locais da Grécia, em especial em pequenas ilhas, o vampiro é conhecido como Vurvukalas, Vrukolakas, e os cretenses o chamam Kathakanas.

O Vrykolakas era essencialmente noturno, mas suas histórias incluem manifestações em plena luz do dia. Sábado era o dia em que o Vrykolakas ficava em sua tumba. Justamente no sábado eram exumados os corpos dos suspeitos. Uma cerimônia de exorcismo era levada a cabo, e o corpo era removido para alguma ilha distante ou queimado.

O Vrykolakas muitas vezes se comporta como um poltergeist, destruindo mobília, produzindo sons e mais inúmeras manifestações associadas. Ele também pode voltar para viver com a viúva, e até mesmo empreender as tarefas mais comuns e tranqüilas.

O vampiro grego por vezes visitava a viúva após a morte, e há relatos de crianças geradas desta forma; ele também podia mudar para outra cidade, onde constituía família. Na Grécia, o vampirismo era herdado. Crianças filhas de vampiros poderiam ser vampiros, ou caçá-los.

China

A China é uma das possíveis pátrias dos vampiros. O mais importante nesse país é que os vampiros são encontrados há mais de 2600 anos, já que em 600 a.C. já havia relatos de vampiros em solo sino. Na China, um dos vampiros que mais nos chama a atenção é o chiang-shih, com unhas muito longas, cabelos brancos com tons de verde e olhos avermelhados. Esse vampiro podia voar, mas, como o grego, não atravessava água e deveria voltar à sepultura após suas atividades, como um morto-vivo.

Tinha igualmente capacidade de se metamorfosear em animais, em especial em lobo. Era destruído pelo fogo, e o cadáver passava também por cerimônias de exorcismo. Para os chineses, um demônio se apossava da alma do defunto, causando a incorruptibilidade do corpo, e levando-a ao vampirismo. Ainda segundo os chineses, o ser humano tem duas almas: a Run, ou alma superior, e a P'o, ou alma inferior. Uma teria aspectos mais elevados, a outra, aspectos animais. Essa alma inferior era a causa do vampirismo, e qualquer ínfima parte do defunto poderia guardar o vampiro. Os chineses também têm várias histórias de crânios que falavam, e eram animados pela alma P' o do defunto, causando inúmeros problemas.

O Vampiro na China, como em outras partes do mundo, é ativo ao cair a noite, voltando à sua sepultura ao raiar da aurora. Uma lenda chinesa trata da volta dos mortos e da destruição advinda disso. Um funcionário do governo chinês, Chang Kuei, estava em viagem quando, em dado momento, um temporal se abateu. Ele se refugiou em uma casa. Lá, encontrou uma bela dama. A princípio tomaram chá, para mais tarde se unirem numa torrente de paixões. Ao despertar, no dia seguinte, qual não foi a sua surpresa ao se encontrar sobre a lápide de uma tumba, com seu cavalo a alguns metros dali. Ele o montou e saiu a toda brida pela estrada.

Ao chegar a seu destino, foi interrogado devido à demora, e seu relato revelou onde estava a tumba de uma jovem prostituta que havia se enforcado. O fantasma dela havia seduzido inúmeras vítimas. O clamor dessa história chegou aos ouvidos do magistrado da região, que mandou abrir a tumba, onde o cadáver foi encontrado como se estivesse a dormir. Cremaram-no imediatamente. Curiosamente, após a destruição do corpo da vampira, uma seca que grassava a região teve fim.

Outra história de vampiros na China é a que se segue. Uma mulher foi acordar seu marido e, ao entrar em seu quarto, viu-o sem cabeça. Não havia uma gota de sangue em nenhum lugar, o que era muito estranho devido à decapitação, que faria o quarto estar encharcado de sangue. Ela chamou as autoridades e foi detida como a principal suspeita, apesar de alegar inocência. Algum tempo depois, um lenhador encontrou um caixão semi-escondido pela vegetação, mas com a tampa parcialmente levantada. Ele ficou tomado de receio e chamou várias pessoas para juntos averiguarem o conteúdo. Dentro estava um cadáver, mas com aspecto de vivo, e tinha um semblante horripilante. Sua boca tinha dentes pontiagudos e vertia uma espuma avermelhada. Nas suas mãos estava a cabeça do marido infeliz. Eles chamaram as autoridades; um guarda armado veio rápido, antes do pôr-do-Sol. Os braços do vampiro tiveram que ser cortados para libertar a cabeça, e o sangue escorreu em profusão. Tudo foi queimado, e a mulher liberta.

Malásia

Na Malásia encontramos uma infinidade de vampiros; até os dias de hoje eles se fazem presentes no folclore. Um tipo de vampiro malaio está associado à atividade de um feiticeiro, que faz seus ataques enquanto dorme. O Mauri (a designação deste tipo de vampiro) entra sorrateiro casa adentro até o peito de sua vítima, onde chupa o sangue. Esse feiticeiro pode continuar suas atividades após a morte, pois há casos de cadáveres que adotaram essa conduta. Outros vampiros são o Bajang e o *Langsuir*. O

Bajang lembra um furão enquanto o Langsuir é similar à Strix Romana. Para libertar-se dos ataques do Bajang, uma curandeira é chamada. A vítima sofre convulsões, delírios e mais uma infinidade de mazelas. A curandeira induzirá a vítima, no momento do suposto ataque, u relatar o que está ocorrendo, e dessa forma detectará o vampiro.

Sendo confirmado o vampiro, este era morto, mas, com a dominação britânica, a execução foi proibida. O Langsuir é uma mulher que morreu no parto, sendo que o Langsuir original adquiriu o vampirismo ao ver que seu bebê havia nascido morto. Quando uma mulher morria no parto, ao ser enterrada, ovos foram colocados embaixo de suas axilas, suas mãos eram fixadas com agulhas e contas colocadas em sua boca. Dessa forma, tinha-se a crença que ela não se transformaria em vampira.

Outras formas de vampiros eram o Penanggalan e o Pontianak. O Pontianak é um natimorto como o Ustrel descrito por James Fraser. Aparece também como uma coruja, fazendo par com sua mãe Langsuir. Na península malaia, esses nomes, em algumas localidades, eram trocados — ora o Pontianak era a mãe, ora o inverso. A criança natimorta recebia o mesmo tratamento da mãe. Os malaios têm toda um ritualística para proteger mulheres e crianças dos ataques de vampiros.

O Penanggalan é um estranho vampiro, ou melhor, vampira, que tem o intestino e o estômago expostos. Ele voa sobre habitações atrás de crianças. Uma descrição interessante de um nativo sobre o Penanggalan foi tomada por Walter Skeat em seu livro *Malay Magic.* Vamos a ela.

No princípio, o Penanggalan era uma mulher. Ela aprendeu as artes mágicas diretamente com um demônio, e se colocou a serviço dele com afinco. Passado o prazo acertado, ela pôde voar, ou parte dela, já que o corpo ficava, e apenas sua cabeça com os intestinos dependurados voava, em busca de sangue. Suas vítimas tinham como certa sua morte. Se uma pessoa tocasse o sangue que gotejava dos intestinos, contrairia uma doença séria e seu corpo ficaria repleto de feridas. As vítimas prediletas do Penanggalan eram as mulheres no parto. Para se defender, as portas eram fechadas e espinhos espalhados, nos quais a vampira prenderia seus intestinos.

Na Polinésia, os vampiros deixavam as suas sepulturas para se refestelar com os vivos, devorando-lhes o coração. Além disso, feiticeiros comiam a carne do morto, criando dessa forma uma ligação com a alma do falecido, e essa ligação era usada contra as vítimas do feiticeiro, que então sugaria a vitalidade do vivo.

Os mongóis foram um dos povos que atravessaram o Leste Europeu juntando sua tradições ocultas ao já extenso folclore local. Não podemos deixar de pensar que os mongóis tiveram contato com a Índia, Tibete, China, e uma infinidade de países entre a Europa e a Ásia. E sabemos com certeza que na sua mitologia havia entidades vampíricas. A entrada dos mongóis no continente europeu se deu pelas terras do Leste Europeu.

Leste Europeu

Montague Summers narra a viagem de três cavalheiros ingleses, em 1734, pelo Leste Europeu. Eles ouvem a narrativa do Barão Valvasor dizendo que algumas partes do país sofriam uma terrível epidemia de vampiros. Os cavalheiros escutam que os vampiros são os corpos de pessoas falecidas, animadas por espíritos que se esgueiram para fora das sepulturas à noite. Esses seres vivem de se alimentar do sangue dos vivos. Não há lugar mais associado ao vampiro que o Leste Europeu. Por mais que sejam religiosamente diferentes, eles dividiram uma mitologia e centenas de casos de vampirismo.

Os primitivos eslavos tinham como divindade, dentre outras, Swetovid, o olho do mundo, deus negro, criador do bem e do mal. As cordilheiras dos Montes Cárpatos, desde Brabilow até a Valáquia e Saxônia, separavam-nos das hordas invasoras — os hunos, ávaros e búlgaros. Se, por um lado, os

Cárpatos não os deixaram ser destruídos, por outro, os povos que atravessavam a região propiciavam uma mescla de culturas e folclore. Eles tiveram uma grande mitologia ligada ao vampiro, que de uma forma ou outra influenciou e foi influenciada por povos vizinhos. Na Albânia, o Vampiro era conhecido como Kukuthi, Kukudhi, Lugat, Vorkolaka. Há a crença, na Albânia, de que se o vampiro não for descoberto, por mais de trinta anos, ele adquire a capacidade de andar à luz do Sol. Leva, a partir desse tempo, uma vida de humano — este é o *Kukudhi*. A sua destruição é ou pela tradicional via da estaca e do fogo ou pelos lobos. Fora esse tipo de vampiros, os albaneses também conhecem o Vrykolakas.

Na Bulgária há o Vorkolaka, a alma de um criminoso que assombra o local de sua morte, atacando e sugando o sangue dos que passam nas imediações. O Vorkolaka é urna alma presa à terra, não podendo ir nem para o céu nem para o inferno. O local é liberto da maldição com cerimônias religiosas e erguendo-se uma cruz no local.

Outra forma de vampiro na Bulgária é o Obour, que nove dias após seu sepultamento já emite seus primeiros sinais. A princípio como um fogo fátuo que brilha na escuridão; quando passa por uma luz, uma leve sombra é projetada. Depois disso, faz um enorme estardalhaço, agindo como um *poltergeist*, destruindo pertences das pessoas e cuspindo sangue. Após quarenta dias, o Obour adquire aparência humana sólida, podendo levar a vida de uma “pessoa normal”.

Para destruir o Obour, ele deveria ser atraído por iguarias que lhe excitassem o paladar, como excremento humano, por exemplo. Isso era colocado dentro de uma garrafa, e quando ele entrasse nela seria arrolhado e destruído. Ícones sagrados podiam ser usados para compeli-lo a entrar na garrafa.

Ustrel, de acordo com James Fraser em *Ramo d'Ouw*, é uma criança nascida num sábado, que morre sem batismo. Nove dias após o enterro, o Ustrel sai de sua sepultura e volta seu apetite contra um rebanho de gado que esteja nas redondezas. Quando está suficientemente forte, não precisa voltar mais à sepultura, morando nos corpos dos animais, ora nos chifres de um touro, ora no úbere de uma vaca, ora na lã de um carneiro. Para combatê-lo, os aldeões fazem num sábado duas grandes fogueiras numa encruzilhada, ossos são colocados por onde todos os rebanhos passam, e todos os outros fogos da comunidade são apagados.

Quando a manada vai passando entre as duas fogueiras, o Ustrel se lança de seu animal hospedeiro e cai na encruzilhada. O local deve ser freqüentado por lobos, para que dessa forma a alcatéia destrua e devore o Ustrel. Os búlgaros também acreditavam que o vampiro podia deixar descendência, fruto do morto-vivo com uma mulher. Essa criança seria provida de dotes paranormais muito estimados para detecção e destruição do Vampiro.

Na Eslováquia há o Nelapsi, um predador de gado e seres humanos, que pode trazer uma peste e dizimar populações inteiras. No distrito de Zemplin, os aldeões crêem que o vampiro tem dois corações e duas almas. As pesquisas sobre o Nelapsi foram feitas por Jan Mjartan em uma viagem ao campo em 1949, e os resultados foram publicados com o nome de *Povery de Vampirskev Zempline.*

Na Polônia Oriental, o nome mais comum para um vampiro era Upier ou Upior. Os mesmos nomes podem ser achados nos países vizinhos da Ucrânia e Bielorússia. O vampiro polaco mantém estreita semelhança com os vampiros das nações vizinhas. Dom Augustine Calmet descreve a ação deste tipo de vampiros: “O oupire come a mortalha feita de linho, que o envolve, como primeiro passo de seu reavivamento. O oupire pode aparecer do meio-dia à meia-noite. A noite, ele ataca seus amigos e especialmente seus parentes, abraçando-os e sugando-lhes o sangue. O modo para destruir um oupire é exumar o cadáver e então decapitá-lo e abrir seu coração.”

O sangue que escorria do ferimento servia para curar as vítimas dos ataques. Essa prática não se restringia à Polônia, já que na Romênia se comiam pedaços do vampiro, em especial cinzas do coração. Além do Upier havia a Upierzyca, sua contraparte feminina. Na exumação do Upier, o

cadáver muitas vezes apresentava movimento dos olhos, língua e um bom estado de conservação geral. Além de devorar a própria mortalha, devorava inclusive partes de seu próprio corpo.

John Heinrich Zopfius, em sua *Dissertação sobre Vampiros Sérvios*, de 1733, diz: “Vampiros vagam à noite, saindo de suas sepulturas, e atacam pessoas que dormem tranqüilamente nas suas camas, sugam todo o sangue de seus corpos e os matam. Eles atacaram homens, mulheres e crianças, não poupando idade nem sexo. Esses que estão sob a malignidade fatal da influência dos vampiros reclamam de sufocação a uma deficiência total, depois das quais eles logo expiram. Alguns a quem, quando às portas da morte, foi perguntado se poderiam contar o que estava causando seu falecimento, respondiam que o morto retornou da tumba para retirar a vida dos vivos.”

Para os sérvios, um lobisomem em vida seria um vampiro na morte, e assim os dois são muito proximamente relacionados. Alguns distritos pensaram até mesmo que pessoas que comiam a carne de uma ovelha morta por um lobo poderiam se tornar vampiros depois de morrer. Porém, os eslavos mantinham bem distintos os dois lermos, sendo vampiro o morto que retorna para atacar os vivos e lobisomem alguém que se transforma em lobo. Havia também o Mahr que, ao que tudo indica, era a alma de alguém que retornava em busca de sangue. Poderia atacar parentes ou não. O Mahr, que podia inclusive estar vivo, causaria obsessão. O modo de destruí-lo é similar ao de outros vampiros, achando sua toca e expondo-o à luz solar, e cravando uma estaca em seu coração. Na Bulgária, são chamados Morava; na Polônia, Mora.

África e Países com Influência Africana

Na África, o fenômeno do vampirismo está intimamente ligado à magia e à feitiçaria. Contrariando a opinião de alguns autores, o vampiro era bem conhecido dos africanos, e para confirmar essa afirmação basta analisar a cultura africana e dos países onde houve influência africana, como o Haiti. Asasabonsam é um vampiro encontrado no folclore Ashanti, que vive no âmago das florestas e tem forma humana. Só é avistado por caçadores que se aventuram nesses territórios. Ele ataca puxando suas vítimas para o alto das árvores.

Obayifo é um feiticeiro (a) que deixa seu corpo para sugar o sangue. As crianças são suas vítimas principais. Eles permanecem incógnitos na comunidade. Quando saem do corpo, fazem-no na forma de uma bola de luz. No Haiti, Luisiana e Jamaica, devido ao vodu e ao sincretismo (sendo o próprio vodu fruto do sincretismo), onde inúmeras influências se encontram culminando em uma tradição mágica poderosa e eclética, a figura do vampiro está intimamente ligada a práticas mágicas, com nítida influência africana.

Em Granada, é chamado Loogaroo, uma corruptela de Loupgarou, lobisomem em francês. Os Loogaroos geralmente eram mulheres praticantes das artes mágicas. Todas as noites, elas saíam em busca do sangue de suas vítimas, deixando seu próprio corpo na forma de uma bola de fogo. Qualquer fresta já era suficiente para o vampiro entrar, mas uma maneira de desviar o ataque, mais uma vez, era colocar arroz ou outra semente qualquer, pois o Loogaroo ficara entretido contando. O Loogaroo ataca também a criação, em especial a de cavalos.

Mesopotâmia

Mesopotâmia, ou vale entre rios, no caso o Tigre e o Eufrates, foi o berço de inúmeras civilizações: assírios, babilônicos, sumerianos, acadianos, entre outros. Esses povos tinham uma extensa mitologia e demonologia. O enfoque dado até hoje em inúmeros tratados sobre demônios nos faz lembrar os

mesopotâmicos. Para eles, os seres demoníacos eram terríveis, poderosos e assustadores. Dentre todos, um demônio feminino terá vital importância para a vampirologia: Lilith. Montague Summers narra o conteúdo de uma plaqueta sumeriana em que Lilith é o tema.

Summers cita Dr. R. Campbell-Thompson, dizendo que muito possivelmente o objetivo da plaqueta seria proteger contra as visitas noturnas de Lilith e suas irmãs. O tema Lilith será uma constante em praticamente todo este livro, mas especialmente no Capítulo V.

CAPITULO II

O que torna laguem vampiro, Como destruí-lo e defender-se

Assusta o meu olhar a luz da vossa aurora...
E teme as ilusões o meu coração desperto!
Meu velho coração, pois que inda te incendeias,
Não é melhor ceder? sim, sim, rejuvenescei
Dentre as nevoas surgi, visões do tempo antigo!

Dedicatória do Fausto de Goethe — tradução Antero de Quental

O mundo não é composto apenas de luz e nem tão-somente de trevas, mas de ambas. Quanto maior for a luz, maior será a sombra que ela projeta. Bem e mal são conceitos extremamente relativos, dependendo do ponto de vista e dos interesses de cada um. Isso é facilmente comprovado. Para tanto, convido o leitor a fazer a seguinte abstração: imagine estar numa sala sem janelas, com uma única porta. E imagine que por esta porta surja um tigre (por mais impossível que seja). Agora, registre suas impressões. Novamente, na mesma sala entra não um tigre, mas um pequeno coelho. Registre novamente suas impressões. Só que, neste exato momento, você se torna uma cenoura. Qual dos dois animais você gostaria que estivesse no recinto?

Se há algo de ruim ou mau, no mundo, é agir contra o nosso destino, o que não é de forma alguma seguir os ditames de uma religião ou as convenções da sociedade.

Esse destino é nossa verdadeira vontade, nosso eu interior, e dessa forma fazemos o nosso papel no drama cósmico, que é sermos nós mesmos. Ninguém pode fazer isso por nós. O brilho de Sirius não pode ser substituído por Aldebarã — elas são únicas.

Abordaremos as causas do vampirismo encontradas em praticamente todo o globo terrestre, procurando estabelecer um padrão de seus agentes motivadores, sem com isso deixar de incluir

algumas crenças locais, que serão úteis por se relacionarem indiretamente com o padrão da criação do vampiro.

Há uma gama de elementos que se repetem nos locais mais afastados do globo, em culturas que nunca tiveram contato. Isso por si só já é um fato estarrecedor. Há um padrão tanto na geração quanto na destruição dos vampiros, o que nos faz imaginar que estas culturas se defrontaram com o mesmo inimigo, em locais e eras distintas. Montague Summers diz que o candidato número um para se tornar um Vampiro c o praticante de magia negra, já que esta "requer intensa concentração e uma força de vontade férrea, e são tais pessoas que se tornam vampiros". A Magia e a Bruxaria, como fonte do Vampirismo, são encontradas em todo o mundo, tanto é que criamos um capítulo especialmente para o tema, o Capítulo V.

Corpos animados por demônios (qliphoth — isto será mais bem compreendido após a leitura dos capítulos V e IX, "Corpo astral" e "Cabala") são outra alternativa, encontrada nas religiões cristã, judaica e no hinduísmo, para citarmos algumas, ou seja, do Ocidente ao Oriente essa referência é encontrada.

O demônio se "apossa" da alma do morto para com ela executar as mais variadas formas de atos. De acordo com a tradição, as pessoas que têm os corpos possuídos são possivelmente pessoas de índole violenta ou sensual. Falhas e acidentes no sepultamento são também elementos para a geração do vampiro, não esquecendo também os animais que de uma forma ou de outra entravam em contato com o corpo.

Executar corretamente os ritos fúnebres ou ministrá-los novamente era uma forma de livrar-se do problema do vampiro. Em especial os eslavos preocupavam-se muito com isso, mas isto de forma alguma se restringe ao Leste Europeu. Na China, uma pessoa poderia se tornar um vampiro (Chiang-Shih) se houvesse morte súbita ou sepultamento inadequado, e na Índia isso não era diferente para alguns vampiros.

Mortes violentas são outro fator desencadeador do vampirismo. Natimortos podiam converter-se em vampiros, assim como mulheres mortas no parto, e também os malditos, ou seja, os que receberam a maldição dos pais ou da religião. As vítimas de excomunhão também estavam fadadas a tornar-se vampiros. O próprio Vrykolakas era uma resposta à extrema dor imposta pela excomunhão. Pessoas que nascem com uma membrana encobrindo a cabeça também são candidatas a vampiros, assim como os dotados de poderes paranormais, ou vampiros psíquicos.

Os primeiros alvos dos vampiros são seus próprios parentes, Os vampiros podem engajar-se em atividades as mais corriqueiras que tinham antes de morrer, cuidar das plantações, consertar sapatos, etc, mas mesmo nesses casos mortes de pessoas ou animais ocorrem. O retorno em busca de sexo também é bastante conhecido. Manter um espelho perto do cadáver sendo velado era evitado. O espelho poderia manter a imagem do morto, o duplo. O espelho refletiria o cadáver, criando uma imagem dual do morto. O vampiro podia atacar diretamente o coração ou sugar o sangue pela boca da vítima. Ele tinha o poder de causar tempestades, inundações, comandar os ventos.

O vampirismo era prevenido colocando o cadáver de costas no caixão, espinhos (de rosa selvagem) ou algo similar eram espetados no cadáver, e sementes ou pedras embebidas em óleo eram colocadas à sua volta, dentro e fora da tumba. As roupas do cadáver eram pregadas ao fundo do caixão, o coração ou a cabeça perfurados, presos dessa forma à sepultura. Caso esses métodos fossem inúteis ele seria exumado, seu coração ou o corpo inteiro cremado, decapitado e estaqueado.

Pascal Beverly Randolph, um grande mago e mentor de Abraham Lincoln, refere-se da seguinte forma à destruição do vampiro: "Os Goules (vampiros) penetram nas casas e bebem o sangue dos que encontram. Estas Harpias são passíveis de serem mortas, mas se assim o fizer, queime-as a cinco pés

abaixo da terra, atravesse-lhes o peito com uma estaca onde esteja uma cruz. Faça todos estes preparativos em uma encruzilhada de quatro caminhos. Se assim não fizer, a vida voltará ao Vampiro".

Os que velavam o corpo tinham muita preocupação com animais que entrassem em contato com o morto. Isso devia ser evitado a todo o custo. Entre esses animais, destacam-se o lobo e o gato. Um caso bastante conhecido foi o de Johannes Cuntius, que na noite de sua morte foi arranhado por um gato e tornou-se vampiro. Na China, o gato era temido, e no Japão inclusive há vampiros na forma de gatos. Pessoas que comessem carne de um animal morto por um lobo ou que tivessem seu corpo devorado pelos lobos podiam tornar-se vampiros.

O lobo tanto destrói quanto cria o vampiro, sendo a fera mais associada por inúmeras culturas a esse ser. A licantropia é um estágio que antecede o vampirismo em muitas delas. Um ponto de ligação entre o vampiro e o lobisomem é encontrado entre algumas populações eslavas, pois o vampiro podia ser morto com uma bala de prata. O Vampiro tinha historicamente a capacidade de se transformar em lobo, traça, coruja e mais uma infinidade de animais (não esquecendo o popular morcego). Uma narrativa grega sobre o Vrykolakas narra que ele pode aparecer como um homem, um cão ou em qualquer outra forma, transmitindo pragas e efetuando seus ataques.

O significado primitivo da palavra Varcolac (de onde vem o Vrykolakas) era o de um ser que viajava rumo ao céu e devorava o Sol e a Lua, causando o eclipse. Na mitologia dos índios sul-americanos, o jaguar faz exatamente isso. A cor vermelha da Lua durante os eclipses é o sangue que escapa da boca do Varcolac. Na Romênia, o termo é aplicado a cães endemoninhados, lobos e dragões.

Outra versão é aquela na qual as almas de pessoas saem à noite para se alimentar da energia do Sol e da Lua (isso será muito melhor entendido no capítulo do duplo etérico). São reconhecidos por sua palidez e pele seca. Quando a alma dessas pessoas está faminta, elas deixam os seus corpos. Crianças que morreram sem batismo também são associadas ao termo.

Há também uma certa confusão de termos, englobando o pricolic, o strigoi, mas usualmente é um morto-vivo, ou um vampiro vivo, que não morreu e tem a forma de cachorro ou lobo. De todos os animais ligados ao vampiro, o morcego é o mais associado atualmente. Animal consagrado a Perséfone, Rainha do Averno, mesmo antes da descoberta da América, e conseqüentemente do morcego vampiro, ele já era um animal associado ao vampiro.

Com a descoberta da América, logo se espalharam os relatos de seus ataques. As duas espécies de morcegos hematófagos são extremamente pequenas. Fazem uma pequena incisão na vítima, onde lambem o sangue voltando noite após noite para atacar o mesmo animal (ou humano). O animal atacado, com o passar do tempo, fica muito debilitado. O morcego fica tão repleto de sangue de sua vítima que tem de esperar um tempo até poder voar e voltar à sua caverna, e lá fica em um estado de torpor, refestelando-se de seu banquete.

O elemento mais nefasto — e curioso — para o nosso estudo é o papel do morcego hematófago na transmissão da raiva. A hidrofobia (medo da água) está mais associada aos cães, deixando-os agressivos e "loucos" (cachorro louco é o nome vulgar) apesar de também a doença poder acometer o ser humano. Vôo de pássaros ou até o fato de um menino passar por cima do cadáver podem ocasionar o vampirismo. O vento ruflando imperiosamente sobre o cadáver é outro elemento.

Montague Summers afirma que o costume inglês de matar um animal que atravessa sobre o morto reside em uma tentativa de evitar o vampirismo, que outrora fora conhecido na Inglaterra. O porquê desta prática, hoje em dia, foi esquecido.

Os animais também tinham o poder de deter e detectar o vampiro; assim, cães defendiam seus donos de ataques, e cavalos localizavam o Demônio. Pares de olhos extras eram pintados em um cão negro como defesa contra os vampiros.

O uso de um cavalo e um menino pré-adolescente para detectar vampiros era praticado na Hungria. O cavalo deveria ser absolutamente negro, e estar em excelentes condições, nunca tendo tropeçado ou algo do gênero. O cavalo montado pelo menino passaria por todas as sepulturas, recusando-se a passar onde estivesse o vampiro.

Dion Fortune, em seu livro *Psychic Self Defense,* conta a história de uma mulher que em outras vidas esteve envolvida com o que havia de mais destrutivo na bruxaria. Os cavalos tinham extremo pavor dela.

Na China, uma pessoa poderia se tornar um vampiro (Chiang-Shih) se houvesse morte súbita ou sepultamento inadequado. Ele poderia ser destruído pelo fogo, o sal e o alho, seus repelentes naturais. Os candidatos chineses a vampiro eram os que tivessem vidas de privação, marginais e suicidas. Outro fato desconcertante é que, para os chineses, o cadáver receber a luz solar poderia ser um fator de vampirismo, pois o Sol nutriria o cadáver da energia Yang, necessária para a animação do cadáver.

O fato de animais como o gato transmitirem o vampirismo era explicado pelos chineses da seguinte forma: a alma elementar do animal era transmitida ao P'o. Lembremos que, para a tradição ocidental, toda forma de vida tem uma partícula essencial, o "espírito" que a move, e possivelmente esse conceito chinês é idêntico. Usando um exemplo completamente diferente, mas que ajudará na compreensão do exposto, a ação dos animais seria como um vírus que altera a programação de um computador. O contato com animal seria o transmissor do "vírus". No caso, para os chineses, a natureza predatória do gato seria transmitida ao P'o humano, lembrando que a deusa egípcia Sekhmet, com cabeça de leoa, era também Bastet, a deusa gata, sendo uma a contraparte da outra.

A caça a um vampiro, na maioria dos casos, levava a um cemitério. Lá, corpos sem sinais de putrefação ou com sangue em abundância, eram os primeiros suspeitos. Estaqueamento, decapitação e fogo eram as formas de tratá-los. Alguns colocavam a cabeça cortada entre as pernas do morto.

O Poltergeist é um fenômeno muitas vezes associado à atuação vampírica. Sons, objetos que se movem e mais uma gama enorme de ocorrências inusitadas, como o avistamento do espectro do morto, sonhos, visitas de incubo e súcubo.

Doenças do pulmão também constam nas manifestações vampíricas, em especial a tuberculose. Na Nova Inglaterra, EUA, há corpos que tiveram o coração arrancado e queimado como sendo suspeitos de vampirismo. O primeiro tísico a morrer voltava para alimentar-se dos outros.

O Vrykolakas era algumas vezes a pessoa que morreu de doença contagiosa e não recebeu os sacramentos, pois a família e a sociedade se afastaram com medo da praga, e tinha sido sepultado sem nenhum preparativo. O lado marginal do Vrykolakas é bastante acentuado, tanto como característica das pessoas predispostas a se tornarem vampiros como no comportamento do morto-vivo. Quando vivo, ele pode ter sido uma pessoa comum, mas ao retornar como vampiro cometerá toda a sorte de contravenções. O Vrykolakas expressa a violência da rebelião contra Deus, contra a morte, contra o destino, contra a autoridade, contra os valores sociais, executando toda forma de atos que todos têm vontade de fazer, mas por repressão não fazem. Quebram o *status quo,* as leis naturais e ofendem as leis divinas. Um rebelde, à espreita no reino entre o céu e o inferno, pronto para assaltar as noites sonolentas e medíocres.

A transformação de uma pessoa em Vrykolakas é descrita por um padre da ilha de Creta (1898). Ele fala que a pessoa pecaminosa, que teve uma vida maculada ou foi excomungada, é candidata a ser um vampiro.

Após a morte e a saída da alma do corpo, este é possuído por um demônio. A partir desse momento, esse vampiro "converte" todas as pessoas que morrem, fazendo uma multidão de seguidores. A prática comum do Vrykolakas é sentar-se nas pessoas adormecidas, causando-lhes uma sensação de agonizante

opressão. Há o perigo de a pessoa assim sucumbir e tornar-se um Vrykolakas. Com o passar do tempo, esse monstro fica mais audacioso e sedento de sangue, de forma que isto pode devastar aldeias inteiras.

Quando eu tinha algo em torno dos dezesseis anos, aconteceu um fato que me faz entender a frase "causando uma sensação de agonizante opressão" usada pelo padre de Creta. Já nesta época eu demonstrava um interesse por magia, nada disciplinado, bastante especulativo e curioso. Portanto, ia tentando descortinar o maior número de caminhos. Dentro desse espírito, fui a uma cerimônia de candomblé. Foi um espetáculo fascinante. As cores, o som dos atabaques, as danças, os vários Orixás ganhando vida através de seus "filhos". Sentia tontura, provavelmente fruto de mediunidade, e estava receptivo e em êxtase com o ritual. Voltei para casa feliz da vida, e na noite seguinte sons estranhos foram ouvidos pela casa. Batidas na madeira, papel sendo amassado, toda a família presenciou o ocorrido. Algumas horas já se haviam passado desde que eu adormecera, quando me dei conta de estar em um estado consciente, mas com o corpo dormindo, sem conseguir mover um músculo de meu corpo. O pior não era isso, mas um ser que saltava sobre meu plexo, causando uma sensação horrível. Decorridos alguns segundos consegui despertar, asfixiado e sentindo uma agonizante opressão.

Na noite seguinte, mais problemas. Deparei-me com ele no astral. No primeiro sonho, eu o vi como um macaco grande, dessa vez lembrando um ser meio humano, uma pele cinza azulada, com nervuras, uma boca com dentes pontiagudos e proeminentes. Ele estava sentado em um trono; à sua volta havia muitos seres, talvez fossem pessoas, mas não dava para ver com nitidez. O ser queria que eu prestasse vassalagera a ele — o termo é este mesmo. Havia uma sensação como se eu estivesse em uma corte na Idade Média, ou na Renascença. Não sei definir exatamente a sensação, mas dessa vez não era medo, nem repulsa, mas um bem-estar alienante. Consegui concentrar energia e destruir o ser, e ao vê-lo caído contemplei em detalhes o seu corpo, vi suas veias e feixes de músculos de uma cor avermelhada — o conjunto era algo deveras estranho.

Minha mãe freqüentava nessa época um centro espírita. Lá eles a informaram que eu havia ido a uma "cerimônia não recomendável" e voltado com um encosto. Foi feita no centro uma desobsessão, justamente no dia desse último sonho. Esse incidente, por mais desconcertante que possa ter sido, foi fundamental para me empurrar de vez para a senda oculta.

Para os gregos, os natimortos, as crianças mortas sem batismo, as que foram concebidas ou nasceram em dias santos, os excomungados, hereges e apóstatas, os feiticeiros, bruxos e congêneres também tinham grandes chances de se tornarem vampiros. O contato de animais com o defunto e falha nas cerimônias religiosas são outros fatores, e as vítimas de um vampiro se tornavam vampiros em potencial.

O Callicantzaros são vampiros que fazem seus ataques na época do Natal, de acordo com Leone Allacci. Crianças que nascem nessa época do ano são candidatos a tornar-se Callicantzaros. A crença no Callicantzaros é grega, e eles imaginavam que esse tipo de vampiros permanecia inativo durante o resto do ano, talvez no inferno. Muitas crianças que nasceram nesse período natalino sofreram as mais terríveis mutilações, tendo suas unhas arrancadas e os dedos queimados. De forma disfarçada, até hoje esse costume se mantém na Grécia. Os Callicantzaros, quando pequenos, podiam atacar os próprios irmãos. Os búlgaros acreditavam que morrer no Natal era também prenuncio de mau agouro. As forças das trevas andavam pelo mundo nessa época. Conseqüentemente, quem morria nesse período estava fadado a se tornar vampiro.

A decapitação era um método comum de despachar um vampiro morto. Na Europa, desde o Neolítico são encontrados corpos enterrados dessa forma. Celtas e egípcios também tinham essa prática. Era uma forma certa de não ter problemas com o espectro do defunto. A flora também foi muito usada na proteção contra vampirismo. O alho, desde o Egito, está presente, e nas Antilhas era usado contra bruxas e sacerdotes de Obeah.
Caso o vampiro estivesse fora de sua sepultura, ela era preenchida com alho e suas imediações eram guarnecidas com espinhos de rosas selvagens, espinheiro ou amoreira preta. Muitas vezes a própria

tampa do caixão era removida. Dessa forma, ele, impossibilitado de voltar à tumba, seria destruído ao raiar do Sol ou pelos caçadores de vampiros.

Por todo o mundo, acreditava-se que o vampiro tinha uma compulsão absoluta por contar, e por isso sementes eram usadas para impedir que o morto-vivo chegasse até a casa, aldeia ou mesmo que se afastasse de sua sepultura, e eram também depositadas em encruzilhadas onde se reuniam bruxas, nos caminhos que separam a vila do cemitério. Em volta das casas e dos telhados, formava-se uma barreira contra o vampiro. Dentre elas, as de mostarda eram muito usadas. As sementes eram muitas vezes colocadas dentro da boca do cadáver.

O objetivo era entreter o vampiro que, dessa forma, passaria a noite contando. Ao que parece não havia a necessidade de ser algo de origem vegetal, mas sim passível de ser contado, e em número razoável para detê-lo por um bom tempo. O sangue do vampiro (em alguns casos partes do corpo) sempre foi usado como um antídoto contra os males provocados pelo ataque do vampiro, evitando que a pessoa se tornasse vampiro e ajudando em sua convalescença.

Em 1935, na aldeia de Izbecini, pertencente à província romena de Oltenia, antigamente parte oriental da Wallachia: “Uma pessoa morta que se torna um vampiro, a primeira coisa que fará é alimentar-se de seus parentes. Quando o cadáver é desenterrado, sangue é encontrado em seus lábios. As pessoas levam este sangue até sua vítima para curá-la”. As evidências históricas derrubam por terra a fantasia literária e cinematográfica de o vampiro transmitir sua condição ao beber o sangue de outro vampiro. Em Krain, na Romênia, um vampiro é criado através do contágio e morte devido ao ataque de um outro vampiro. Na Romênia, raramente a mordida é no pescoço, mas sim no coração.

Dessa forma, há a crença na Romênia de o vampiro alimentar-se da alma do morto, o que nos leva automaticamente ao Egito e ao devorador de corações. O sangue seria o veículo da alma, para os romenos. Na Bulgária, um malfeitor que encontrou a morte nas montanhas ou florestas e teve seu cadáver devorado por carniceiros como lobos, corvos, dentre outros, se tornaria um vampiro. Outra forma de uma pessoa se tornar vampiro na Bulgária era a morte violenta, antinatural, ou um gato ter pulado por cima do cadáver.

Durante os primeiros quarenta dias, os ossos do vampiro são moles, e com o tempo vão ganhando consistência. Nesses primeiros dias após o enterro, ele pode ser morto por um caçador de vampiros ou um lobo. Ele atua como um *poltergeist,* perturbando a vida das pessoas. Com o esqueleto mais robusto, torna-se mais violento e de difícil destruição. Suicidas e pessoas que deixaram assuntos inacabados, como vingança, são candidatos ao vampirismo, somando-se a isso o fato de que as igrejas cristãs negam os ofícios fúnebres aos suicidas. Na Inglaterra, até o reinado de George IV, a prática era enterrar o suicida em uma encruzilhada, com uma estaca devidamente posicionada. Os suicidas não tiveram essa má fama por toda a história, e muito provavelmente a fama do suicida que retorna como morto- vivo se deve a ter cometido suicídio em momentos de extremo desespero. Samurais, os povos gregos, romanos e ainda os godos e vândalos praticavam o suicídio. Os tugs, adoradores de Kali, o praticavam como reverencia à deusa. Pessoas amaldiçoadas ou perjuras podem vir a se tornar vampiros.

Caso o Strigoi (vampiro) não fosse destruído antes de sete anos, sairia da tumba e se passaria por uma pessoa normal. O Vampiro poderia constituir família e ter uma vida normal. No entanto, toda sexta-feira ele teria que dormir em uma sepultura e encontrar-se com outros Strigois para juntos participarem de sabás. Os filhos desse vampiro também o seriam. Outra fonte do vampiro era a morte de crianças indesejáveis ou ilegítimas, moitas pelos próprios pais. Esse vampiro era chamado de Moroi. Eles apareciam como traças ou borboletas, tendo o poder de criar tempestades. Tiravam apenas pequenas quantidades de sangue de suas vítimas.

No folclore da Transilvânia, há outra espécie de vampiro criança, também um filho ilegítimo, preferencialmente de pais ilegítimos. Ele deixava sua sepultura assim que fosse enterrado. Tomava a forma de um inseto ou outro animal. Caso fosse atacar uma pessoa acordada, transformava-se em

alguém atraente do sexo oposto. Estimulava sua vítima sexualmente, agindo como um súcubo, e retirando sua vitalidade. Esse vampiro também podia engravidar mulheres, e caso isso ocorresse, a criança resultante seria uma bruxa.

Para alguns povos, o vampiro saía de sua tumba no sábado, sendo então um momento de identificá-lo e destruí-lo. Reza a tradição que enquanto o vampiro queimava, inúmeros animais tidos como pestilentos e repulsivos, horríveis e deformados, apareciam: cobras, vermes, pássaros, besouros e mais uma infinidade deles que deviam ser lançados ao fogo. A crença nisso provavelmente reside na capacidade do vampiro de se apossar do animal e dessa forma livrar-se da destruição. As cinzas seriam lançadas à água corrente, ao mar ou espalhadas ao vento. Muitas vezes, o estaqueamento precedia a cremação, e o coração também podia ser arrancado e queimado em separado. Símbolos sagrados eram usados contra o vampiro, por isso deve ser levado em consideração em que religião ou sistema de crenças o vampiro foi criado, bem como a força mágica do portador do símbolo.

Na Romênia, as janelas eram ungidas com alho, formando uma cruz, e as portas e outras aberturas também eram guarnecidas com alho. O alho era esfregado tanto nas frestas como no próprio rebanho, e nos estábulos. Algumas vezes, a inalação da fumaça do coração do vampiro queimado era usada como método de cura. Pedras enormes eram colocadas sobre os corpos suspeitos e espadas também eram fixadas como barreiras contra a saída do vampiro da tumba.

O vampiro tem por hábito atacar primeiramente seus parentes, muito possivelmente devido ao vínculo emocional nutrido, sendo os familiares fonte de proteção e alimento. Desde que nascemos, a família ou as pessoas que cuidam de nós são as responsáveis por nossa sobrevivência. Então, associar o lar à nutrição que mantém a vida é óbvio. Por esse prisma, a família seria a primeira de quem o vampiro iria se alimentar, e não sabemos se ele teria consciência (nas primeiras fases da vida vampírica) do que estava fazendo.

Há relatos bastante recentes, na Romênia, de vampiros que foram mortos. O coração e o fígado do vampiro foram cremados, misturados com água e dados às suas vítimas. Dom Augustine Calmet menciona que na Polônia, entre 1693 e 1694, houve uma praga de Vampiros. Eles surgiam ao meio-dia ou à meia-noite e sugavam o sangue dos vivos. Os vampiros ficavam tão repletos de sangue que muitas vezes este lhes escorria pelo nariz e orelhas. Muitas vezes o caixão ficava repleto de sangue até a borda. Leo Allatius designa o Vrykolakas como uma pessoa má e que possivelmente foi excomungada por um Bispo.

O corpo incha, seus membros ficam dilatados, é rígido, e quando recebe uma pancada ressoa como um tambor. O diabo anima tais corpos e os faz vagar em qualquer hora, seja dia ou noite. Em Chios, os moradores não respondem a um chamado, até que este se repita novamente. Eles acreditam que o Vrykolakas só possa chamar uma única vez. Se por infelicidade alguém responder, morrerá brevemente. Sua visão durante o dia seria terrível, sua aparência assustadora, e quando se falava com o espectro ele desaparecia. Allatius menciona que, quando criança, testemunhou a exumação de um Vrykolakas.

Capítulo III

Alguns casos de Vampirismo

Os mastins negros vão ladrando a lua...
O Cairo é de uma formosura arcaica.
No ângulo mais recôndito da rua
Passa cantando uma mulher hebraica.
O Egito é sempre assim quando anoitece!
As vezes, das pirâmides o quedo
E atro perfil, exposto ao luar, parece
Uma sombria interjeição de medo!

Augusto dos Anjos

De todos os casos de vampirismo, um dos mais alarmantes é o de Arnold Paul, um veterano da guerra da Turquia. Ele nasceu em Medvegia, Império Austro-húngaro. Na guerra, foi atacado por um vampiro. Seguiu o vampiro até o cemitério, onde o destruiu, comeu terra da sepultura como método preventivo e, se funcionou em vida, na morte não teve efeito algum. Dom Augustine Calmet menciona em seu livro: “Arnold Paul havia contado uma história reiteradamente; ele havia sido atacado por um vampiro turco, nas imediações do bairro Cassanova, na época pertencente à Sérvia Turca. Estes que haviam sido vampiros passivos durante a vida, se tornavam ativos após a morte. Arnold Paul pensou haver se curado comendo a terra da sepultura.”

Ao voltar à sua cidade (1727), estabeleceu-se como agricultor. Algum tempo se passou e ele veio a falecer. Após a sua morte, vários ataques a humanos foram registrados. Paul foi visto várias vezes, e pessoas sonhavam com ele. O que torna esse caso mais interessante é a onda de vampirismo que se seguiu a ele, e a ampla documentação feita por especialistas, narrando os desdobramentos advindos, e as pessoas envolvidas. Quarenta dias após sua morte, seu corpo foi desenterrado por cirurgiões do Exército e se encontrava num estado similar à vida. A tez estava rosada e, ao ter o corpo perfurado, o sangue jorrou. Seu corpo foi estaqueado, quando soltou um forte grito. Foi em seguida decapitado e queimado. Outras quatro pessoas atacadas por ele tiveram igual fim.

Algum tempo depois, vários casos de vampirismo apareceram na mesma região. O Imperador austríaco instaurou um inquérito presidido por Johannes Fluckinger, cirurgião de regimento campestre. Essa nova epidemia teve início com a morte de uma mulher de sessenta anos chamada Miliza. Logo após, mais dezessete mortes aconteceram, o que levou os oficiais médicos até lá. Essa onda de vampirismo varreu a comunidade. Uma moça de nome Stanoicka teve um pesadelo no qual era atacada por um rapaz de dezesseis anos chamado Millo. Stanoicka teve a garganta estrangulada por Millo em seu sonho, e após isso caiu enferma, morrendo logo em seguida. Possivelmente Miliza havia comido carne de uma rês morta por Arnold Paul cinco anos antes, e sua morte estava desencadeando nova onda de vampirismo.

Fluckinger ordenou que os moradores desenterrassem todos os que haviam morrido durante a epidemia. Os oficiais autopsiaram os suspeitos, e para ter certeza outros corpos mortos nesse mesmo tempo e enterrados nas mesmas condições foram desenterrados e também autopsiados para proceder comparações. Dos quarenta corpos, dezessete estavam anormalmente conservados e, claro, os de Miliza, Stanoicka e Millo faziam

parte destes. Os três corpos, juntamente com os restantes, pareciam estar em um estado de animação suspensa. Na autópsia, foi detectado um estado de semivida, total ausência de *rigor mortis*, pele rosada e lustrosa. Mas o mais impressionante foi o estado dos órgãos internos, irrigados de sangue e intactos, lembrando que a autópsia foi conduzida por médicos treinados e experientes. Importante lembrar também que essa história ocorreu em pleno Iluminismo, e o Império Austríaco era um dos mais avançados do mundo. Tanto foi alarmante o caso que todos os corpos em que a autópsia detectou o vampirismo foram estaqueados, decapitados e queimados por ciganos contratados. Suas cinzas foram jogadas no rio Morava. O caso teve repercussão internacional, saindo manchetes em todo o mundo. Um relatório de Fluckinger foi publicado em 1732 a mando do Imperador. A partir daí a palavra vampiro foi anexada ao vocabulário mundial.

Podemos dar uma gama de explicações científicas — físicas, biológicas e médicas — para o estado dos corpos. Mas o curioso é que, por mais que essas teorias possam estar corretas, o que permanece sem explicação é o porquê de as pessoas sonharem justamente com aquelas dos corpos incorruptíveis, e morrerem logo após o sonho — e tudo em uma única aldeia, no epicentro de vários outros casos.

Um outro Vampiro surgiu depois (1732), em uma aldeia a poucos quilômetros dos casos já mencionados. Peter Plogojowitz, depois da sua morte, surgiu em sonho para várias pessoas. Logo após, nove pessoas morreram de causa desconhecida, incluindo seu próprio filho. Seu corpo foi exumado. Sangue escorria pela roupa, seus olhos estavam abertos, dando a aparência de que estava apenas repousando e não morto. Foi queimado. Logo após isso, os problemas cessaram.

Há um caso no Estado de Goiás, onde um homem conhecido por sua maldade e outros atributos negativos, após sua morte foi protagonista de uma série de eventos fantásticos. O coveiro informou a família que a sepultura do referido senhor havia sofrido várias rachaduras, e sons estranhos eram ouvidos. Algumas pessoas viram o defunto perambulando pela cidade. A apoteose desse relato se dá quando uma parenta do defunto escuta uma algazarra no quintal, mistura dos cacarejados das galinhas e do latido furioso dos cães, e ao abrir a janela se depara com uma cena terrificante, um ser meio homem meio animal se alimentava do sangue de uma das galinhas. Outras já haviam servido a seu banquete. Mesmo com o asco ante o que ocorria, ela consegue divisar naquele ser o seu parente de outrora. Esse fato se deu em pleno século XX.

A Inglaterra também protagonizou algo semelhante. No século XII, o sangue comumente encontrado no corpo do suspeito vampiro era atribuído às suas vítimas. Um dos casos mais antigos, narrado por William de Newbury, versa sobre o corpo de um cavaleiro que ao ser exumado estava corado, e repleto de sangue, sem sinais de decomposição, apesar de parcialmente devorado (possivelmente um ato autofágico, fato este que será mais bem abordado no capítulo "Múmias, Egito e alimentação *post-mortem")*. Newbury chama o cavaleiro de sanguessuga, não usando o nome vampiro, desconhecido na Inglaterra naquela época. Este homem teve morte violenta ao tentar espionar sua esposa adúltera. O morto foi visto vagando pela cidade, e uma peste abateu-se sobre a comunidade. Seu corpo foi queimado, e como por milagre a epidemia desapareceu. Somente em 1823 a Inglaterra aboliu a lei que mandava estaquear os suicidas.

Um fato curioso em relação ao fenômeno vampírico é a "morte violenta", em especial o suicídio. Isso casa perfeitamente com as causas que determinam almas presas à terra após a morte. *(Vide* o capítulo "Viagem astral, duplo etérico e corpos sutis").

Um caso bastante curioso foi o de Johannes Cuntius. Após a morte do referido senhor, várias ocorrências estranhas tiveram vez. Ele se alimentava das vacas até exauri-las completamente de sangue. Apareceu para inúmeras pessoas, inclusive sua própria mulher. Os habitantes da cidade invadiram o cemitério e destruíram seu corpo. Após isso, as aparições e ataques cessaram. Ao que parece, o responsável pelo estado de Cuntius foi um gato que o arranhou antes de morrer. Esse relato teve a Polônia do século XVII como palco.

Na Transilvânia, o professor Emil Petrovici, da cidade de Ohaba, narra a seguinte história passada em 1936: “Um Vampiro (Strigoi) se transformou em um homem jovem e bonito e uma menina jovem se apaixonou por ele. Eles estavam casados, mas a menina também quis um casamento religioso. Ele rejeitou essa idéia. Os pais dela insistiram, e assim ele concordou em ir para a igreja, mas quando saíram de lá, ele olhou de maneira estranha para a esposa, ao mesmo tempo em que arreganhou seus dentes. Ela ficou amedrontada e falou para sua a mãe sobre o ocorrido. A mãe disse, ‘não tenha medo, ele a ama’.” O certo é que o noivo foi apanhado sugando a noiva e foi atirado pela janela.

Na época da Revolução Francesa um homem, Moireve, um nobre, protagonizou após sua morte uma série de ataques vampíricos. Ele havia nascido no Irã e mantido contato com o extremo Oriente, em especial a Índia, de onde provinha sua esposa (atribui-se o seu vampirismo às origens orientais). Crianças foram suas vítimas; elas tinham marcas de ataque de vampiro. Durante décadas Moireve executou seus ataques, até que, quase um século após sua morte, seu corpo foi desenterrado, e estava em perfeito estado de conservação. Foi estaqueado e os ataques cessaram.

Em 1928, em uma aldeia da Grécia, um homem chamado Andilaveris tornou-se Vampiro. Decorrida a sua morte, ele começou a aterrorizar as pessoas. Gente da comunidade, coveiros e o padre local o desenterraram e remeteram o cadáver a uma pequena ilha. Mas assim que lá chegaram, o Vampiro despertou e atacou o padre, jogando sobre ele excremento e toda a sorte de coisas pútridas, mas o grupo controlou a situação e o sepultaram na ilha deserta.

Dom Augustine Calmet narra uma carta recebida de um oficial austríaco que servia na Sérvia. Nessa carta, o oficial fala a respeito de uma visita do vice-Rei a Belgrado. O motivo era um caso de vampirismo. Lá chegando, vários parentes do vampiro já haviam sido atacados por ele e mortos.

O Vampiro, que havia sido enterrado três anos antes, estava atacando uma jovem moça. Seu corpo foi exumado a mando do vice-Rei. Como de costume, nos casos de Vampirismo, o corpo estava em perfeito estado. Foi esfaqueado com uma barra de ferro, e através da ferida escorreu sangue juntamente com um fluido branco. Ao ser decapitado com um machado, mais sangue esguichou.

Os casos de catalepsia são uma hipótese para alguns dos corpos exumados, e dessa forma é explicada grande parte da fenomênica encontrada em cadáveres suspeitos de vampirismo. Uma história muito curiosa narrada por Montague Summers refere-se ao inquisidor geral da Espanha. Na morte do prelado, como de costume, este seria embalsamado. O processo tem início na presença de inúmeros médicos.

O cirurgião fez uma incisão profunda no tórax, trazendo o coração até a abertura do corte, mas para surpresa geral o coração pulsou e o Cardeal recuperou a consciência no momento fatal, agarrando a mão do anatomista que segurava o escalpelo. O Vampiro de Highgate é um episódio bastante conhecido. Tudo começou por volta de 1967. Duas adolescentes procuraram Sean Manchester, informando que em sonhos haviam visto mortos retornando à vida, e inclusive uma delas relatou que um ser tentou entrar em seu quarto. Na mesma época, um ser imaterial foi visto vagando no cemitério, à noite, por várias pessoas.

Sean Manchester preside o Vampire Reserch Society, em Londres, onde se localiza o cemitério de Highgate. Uma das adolescentes, de nome Wojdyla, desenvolveu sintomas de ataques de vampiro — isso em 1969. Ela estava com anemia, e com marcas de mordida de vampiro no pescoço. O caso do Vampiro de Highgate ganhou o grande público quando um jornal noticiou que havia um vampiro no cemitério de Highgate.

Esse fato levou até o cemitério centenas de curiosos, propiciando eventos bizarros, exorcismos públicos, filmes, cerimônias satânicas, desmistificações, prisões de caça-vampiros e mais uma infinidade de coisas estapafúrdias. Mas nem por isso o caso Highgate perde seu interesse. Algum tempo depois, uma outra moça estava sendo atacada pelo vampiro, e ela procura Manchester.

Em 1973, o vampiro foi localizado em uma propriedade perto do cemitério, estaqueado e exorcizado. Aparentemente, a história tivera o seu fim, só que por volta de 1980 animais foram encontrados, mortos talvez por um vampiro. Este era fruto do vampiro de Highgate; ele teve o mesmo fim do primeiro, sendo estaqueado e destruído. Relatos de atividades de vampiros surgem em todo o mundo, e alguns bem atuais, como o caso acima.

No final da década de 50, o México aprovou uma lei que obrigava os pais a relatar a morte de crianças atribuída às bruxas vampira, e ao que parece a crença nelas se mantém viva até hoje.

Março de 2001 — berlinense é presa após atacar várias pessoas na rua tentando sugar o sangue de seus pescoços. Ela gritava que era uma vampira sedenta. Ao ser detida, foi colocada em observação, e ali tentou beber o próprio sangue. Suas vítimas foram uma moça de vinte anos, um garçom e uma senhora de oitenta e oito anos que teve o pescoço cortado.

Um caso insólito ocorreu no Brasil, e foi destaque no *Mirror* de Londres, em 9 de novembro 1967: uma vampira de minissaia foi vista na cidade de Manaus. A polícia informou que ela estava deixando a população em pânico. As pessoas que foram suas vítimas a descreveram como uma mulher loira, de minissaia, usando meias negras. Dois pequenos furos foram encontrados no pescoço, perto da jugular, de uma criança que havia sido sua vítima. Há um relatório de que dos trinta policiais que caçavam a vampira misteriosa, dezessete abandonaram as buscas. Esta narrativa é encontrada no livro *Le Livre de L' inexplicable*, de Jacques Bergier. Além da narrativa, um paralelo é traçado entre a vampira do Amazonas e as antigas guerreiras amazonas.

A lenda das amazonas é grega. Habitavam o Cáucaso e as fronteiras da Citia, perto do Mar Negro, justamente nas proximidades da maior parte dos casos de vampirismo, ou seja, a Grécia e os países do Leste Europeu. O explorador espanhol Francisco de Orellana foi quem descobriu o rio Amazonas, e não só o rio: ele menciona que se deparou com uma tribo de mulheres guerreiras, e então houve um combate entre espanhóis e as “amazonas”. Seria mais uma história fantástica dos descobridores não fosse um detalhe — as iamuricumá, as mulheres guerreiras que cortavam o seio direito para melhor atirar com o arco. Se for uma coincidência, é uma das maiores que já vi. Pois é idêntico ao que as amazonas gregas, de uma cultura quilômetros e séculos distante daquela das amazonas brasileiras, faziam. O relato sobre elas foi coletado pelos irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas diretamente das tribos indígenas.

A ocultista inglesa Dion Fortune menciona em seu livro *Psychic Self Defense* alguns casos de vampirismo. Em um deles, uma pessoa foi flagrada em ataques de necrofilia — isso teve lugar na Primeira Grande Guerra, na França. Essa pessoa foi presa, mas devido às influências de sua família foi tratada como um caso patológico. Um primo foi cuidar dele, e logo se estabeleceu uma relação entre os dois. O primo foi atacado no pescoço pelo necrófilo, que sugou o sangue do ferimento. Além disso, havia um vampiro morto, ou seja, um morto-vivo, que, para os responsáveis pelo caso, tinha iniciado o necrófilo no vampirismo.

O alvo dos responsáveis foi o morto-vivo, mas como eles não tinham a localização do seu corpo, um iniciado de alto grau prendeu-o dentro de um círculo mágico e o absorveu. Ou seja, o vampiro provou a segunda morte, desligando-se o espírito da Terra. Para Dion Fortune, tratava-se de um praticante de magia negra do Leste Europeu que encontrara a morte no fronte ocidental. Devido às suas técnicas de magia, pôde continuar “vivendo” e, devido ao estado psicológico, o necrófilo era o alvo ideal.

Dion Fortune compila um caso do comandante Gould (1869) a respeito dos Berberlangs das Filipinas. Essas pessoas vão até o campo mais próximo, escondem seus corpos e, saindo em astral, executam seus ataques. O senhor Skertchley (a pessoa de quem o comandante Gould citou as histórias) viu os Berberlangs entrarem em uma habitação, e, no dia seguinte, o morador estava morto sem nenhum sinal aparente.

Capítulo IV

Viagem astral, duplo etérico e corpos sutis

A primeira morte se dá nos domínios de Demeter, a segunda tem lugar no além, nos domínios de Perséfone. A primeira é brutal e violenta, a segunda lenta e suave.

Plutarco

Para entender melhor o fenômeno do vampirismo e como se processam seus ataques, iremos abordar os corpos sutis e a anatomia oculta dos seres humanos. Não se trata em absoluto de uma novidade; a acupuntura e seus meridianos, o Yôga e o processo de evolução através dos chacras se valem da anatomia oculta há milênios.

Grosso modo, seria o corpo energético ou psicossomático, através do qual podemos entrar em contato com outras realidades, entre outras coisas. Estes corpos ficaram muito mais conhecidos nos últimos anos, com a popularização da técnica chamada viagem astral, que, creio, o leitor conhece ao menos em tese. Na viagem astral ou projeção da consciência, o corpo físico fica em repouso e o corpo astral é lançado. Todas as pessoas têm essa capacidade, umas mais naturalmente que outras, mas isso pode ser melhorado através do emprego de determinadas técnicas. Como já dissemos, não há nada de novo na viagem astral, e toda noite nos projetamos, a maioria das pessoas inconscientemente.

As reuniões ou sabás das bruxas eram feitos dessa forma, daí a capacidade de “voar”; a viagem astral não se restringe aos praticantes da Arte dos Sábios (bruxaria); xamãs, magos e yogues se valeram da viagem astral consciente para o seu aprendizado. A glândula pineal tem um papel importante na fenomenologia oculta — muitos viajantes astrais acham que esta glândula é a porta, ou, se preferirem, o “lançador” do corpo astral. De médico e louco todos temos um pouco, o praticante de magia em especial. Os fenômenos paranormais muitas vezes causam uma ruptura com a pseudo-realidade, levando o iniciado a ser dado como louco.

O sahasrara chacra tem uma relação especial com a pineal; o objetivo da ascensão da kundalini, a iluminação, é conseguido ao se elevar a energia ígnea (kundalini) até esse chacra. As pessoas que passaram por esse processo narram tanto as maravilhas como os gigantescos terrores; a mente e a realidade se tornam irreais e uma nova realidade se descortina, lembrando que mesmo esses estados fantásticos não são o objetivo último. Os quatro elementos são chamados pelo espírito para uma dança de roda, e este está no centro — a dança de Shiva.

A fogueira acesa crepita vários metros, o som do ar e do fogo enche nossos ouvidos, e a natureza ganha vida, tudo é vivo, e estamos em tudo. Quântico, energia, mares de energia, nas mais variadas formas. Êxtase infinito, o corpo treme como nos estertores da morte, mas ela é nossa amiga, o derradeiro portal; juntas, de mãos dadas, as irmãs vida e morte caminhantes rumo ao eterno. O medo, o terror, uma criança que nasce, uma nova realidade milhões de vezes mais abrangente.

Seres espectrais, como demônios, elementais negros ou Asuras se aproximam. Mas o que eles podem contra nós? São nossos irmãos, no seio da mãe cósmica. Um vôo ao eterno, a sensação é de vertigem, não há palavras para descrever o inefável. Mandalas tridimensionais, infindáveis, girando, girando, somos recebidos por Ch'ien, o Dragão cósmico, o criativo. O ser atemporal, infinito, tudo sei, tudo posso, sou uma criança e um velho. Mas vem a saudade do ser encarnado, limitado no tempo e no espaço, e é o momento de voltar.

Como veremos de forma mais abrangente no capítulo V, o vampirismo está associado à magia e à bruxaria em todo o mundo. Um praticante de magia em vida, na morte pode se tornar um vampiro, ou mesmo estando vivo pode se valer da projeção astral (duplo etérico) para drenar energia dos vivos. Antes de prosseguirmos neste ponto, faz-se mister trazer à baila um outro conceito, a energia prânica.

Prana é a energia do Sol; ela é encontrada em todos os seres. É fundamental para a manutenção da vida. Para absorver a energia prânica usamos o duplo etérico, que é um elo de ligação entre o físico denso e o corpo astral (nota: todos esses corpos são físicos, na verdade não há diferença entre físico e espiritual, são níveis diferentes da mesma coisa; para melhor compreender isso, usemos a teoria da relatividade, onde a matéria equivale à energia). A função do duplo etérico é captar a energia prânica durante o sono. Duplo etérico é prana maya kosha, ou o veículo do prana.

Em projeções longas, o corpo físico fica em catalepsia, como um cadáver, a respiração e os batimentos cardíacos caem a níveis mínimos. Tanto é que alguns projetados já foram dados como mortos. Os iogues conseguem levar essa prática às ultimas conseqüências; são enterrados vivos por semanas, enquanto seu corpo astral vaga e ajuda a manter o físico. Não esquecendo, é claro, os pranayamas e a meditação profunda.

Um faquir, na Índia, foi enterrado por um mês (!) sob a supervisão de Sir Claude Wade. O faquir foi lacrado em uma caixa, e a chave dada a Sir Claude. Ficou enterrado dentro de um túmulo de alvenaria e coberto de terra. Guardas ficaram a postos pelos trinta dias. Transcorrido o prazo, ele foi desenterrado. Aparentemente estava morto, mas foi desperto pelos seus companheiros.

O duplo é o responsável pelo ectoplasma e grande parte da fenomenologia espírita, ou seja, ele propicia materializações, ruídos e toda a sorte de manifestações.

Os médiuns, após as sessões de materialização, ficam extenuados; ao que tudo indica, muito da sua energia é gasta na materialização, mais um motivo para que os magos negros se valham do vampirismo para abastecer-se de energia.

Outro fato relevante é que os médiuns apresentam alguns sintomas das vítimas de vampirismo, mas de forma alguma esse fenômeno se restringe ao dito espiritismo. Qualquer mago que tenha conseguido uma materialização saberá o desgaste advindo, talvez menor que no caso dos médiuns, mas da mesma forma presente.

Z. T. Pierart, um espiritualista francês e editor da revista *La Spiritualiste*, foi um opositor do espiritismo e das idéias de Kardec. Achava que o vampiro era o corpo astral de uma pessoa enterrada viva, que usava o vampirismo sobre seu corpo enterrado para se manter vivo por mais tempo. Magos experientes podem adensá-lo (materializando-o), e isto pode ocasionar um fenômeno chamado repercussão, sobre o qual muito se falou. Uma bruxa está materializada (duplo etérico). Se por acidente ela se fere, esse ferimento pode ser transmitido ao corpo físico.

Os relatos desse tipo são inúmeros, e a literatura do ocultismo está cheia deles, sem falar que o duplo podia tomar formas variadas, daí a licantropia e a capacidade do vampiro de se metamorfosear em vários seres. Para os ciganos alemães o Vampiro deixava seu esqueleto na tumba; daí vem a crença de que os Vampiros não têm ossos. Possivelmente o duplo materializado tinha uma constituição sólida, mas de uma solidez diferente da matéria vulgar. Toda noite o duplo absorve a energia prânica do ambiente. Esse

fato é deveras contundente, basta para tanto imaginar que todos os seres ao dormir estão se nutrindo dessa energia. Quando, por algum motivo, esse prana é absorvido de outro ser, temos o vampirismo.

Lembrando que o prana no corpo humano se concentra em especial no sangue! No capítulo II, falamos de uma crença na Romênia de que Vrykolakas são almas de pessoas que saem à noite para alimentar-se da energia do Sol e da Lua. Elas lembram, fisionomicamente, os suspeitos de Vampirismo. Esse relato é uma prova bastante forte a respeito do porquê do fenômeno do vampirismo.

Indagar o porquê do vampirismo nos traz uma infinidade de motivos. O morto-vivo é talvez o mais facilmente explicável, pois a morte romperia a capacidade normal de absorção de prana, e isso se torna premente em espectros presos à terra, para que não sofram a segunda morte. O caso do vampiro vivo é mais complexo; de certa forma, são pessoas de índole vampírica, que tem sua expressão das mais variadas formas, como jogos de poder, sadismo, fins mágicos, ajuste de contas, sexo, etc. Lembrando que estamos falando de projeção astral, e não do que poderíamos chamar de sanguessugas energéticas, aquelas pessoas que nos deixam extremamente cansados após o contato com elas.

Distúrbios nos corpos sutis podem ocasionar o vampirismo, mesmo sem a pessoa ter consciência do que faz. Para os reencarnacionistas, vícios de vidas passadas podem ser uma motivação. Obsessão seria outra fonte: entidades agiriam como “más companhias” para a pessoa. A gama de hipóteses é gigantesca; coloquei aquelas com que entrei em contato ou que são bastante lógicas partindo dos conhecimentos que disponho.

Collin de Plancy, em seu *Dicionário Infernal*, menciona que os Vampiros podiam ser animados pela luz da Lua, para daí sugar os vivos. A alquimia interior também é trabalhada pelo uso da anatomia oculta do homem. Ela visa, entre outras coisas, o elixir da longa vida. Um mantenedor da juventude, a escola tântrica taoísta, é uma das que trabalham com essa fórmula. Na verdade, esse elixir é feito com os próprios fluidos humanos — o recipiente, a retorta e o alambique alquímico são o corpo. Grande parte do emprego da energia nas artes marciais é advinda dessa escola e, para não ficarmos tão longe da nossa realidade, Hélio Gracie, que pode ser chamado de pai do estilo Gracie de Jiu-Jitsu, é um praticante dessa técnica.

A ligação do vampirismo com a sexualidade é proverbial, inclusive há vários relatos da atividade sexual intensa de alguns vampiros, sendo que entidades vampíricas das mais diversas culturas têm um grande interesse na energia sexual dos humanos.

Para os chineses, o ser humano tinha dois corpos sutis. Um deles era irracional e selvagem, e o outro, racional e composto pelos aspectos superiores da psique. O corpo etérico superior poderia viajar pelas imediações. Se algo ocorresse a esse corpo, seria automaticamente transmitido ao físico. O corpo etérico, às vezes, tomava a forma de algum animal, o que nos faz lembrar do xamanismo e seus animais de poder. O corpo físico inferior, chamado pelos chineses de P’o, após a morte, em alguns casos se mantinha ligado ao físico, noutros existia como cascarrão e não se desintegrava. Se persistisse nessa situação, se tornava um Chiang-Shih, ou seja, um vampiro. Essa crença chinesa, muito sofisticada, tinha ainda um detalhe: o hun ou alma superior encarnava no momento do nascimento. Há uma crença bastante difundida no ocultismo de que a encarnação se dá quando os pulmões se enchem de ar pela primeira vez. Parte daí o fato de o mapa astrológico ser feito com a hora do nascimento, e não da concepção.

O feto só teria o P’o ou alma inferior, vale salientar, e por isso estão amplamente relacionados ao vampirismo os natimortos e todos os óbitos advindos de problemas de parto. Este é um tema deveras interessante, e pouco conhecido, mesmo no espectro de temas do ocultismo. O P’o não necessita do corpo inteiro; basta-lhe uma parte do esqueleto ou, melhor ainda, o crânio.

O interessante é que os egípcios tinham uma compreensão idêntica, e não só eles, várias outras tradições (o culto do vodu, por exemplo). De acordo com convicção do vodu haitiano, toda pessoa tem

duas almas: quando uma pessoa morre, uma das almas segue para o céu. A outra alma fica nas proximidades do cadáver, ou vagando pelo mundo. A alma que vaga é chamada no vodu de zumbi, que pode ser a alma de alguém que teve morte violenta, um adolescente, ou uma pessoa que por qualquer motivo não teve os ritos fúnebres.

Os egípcios tinham o Ba e o Ka, sendo que a unificação dos dois venceria a morte, tornando a pessoa imortal, a quem nós interpretamos como sendo um iluminado. Este fato era simulado ritualisticamente na entronização do Faraó como governante do baixo e do alto Egito. Sendo que ele unia em si através deste ritual Seth e Hórus, havia uma peregrinação até Ombos, santuário de Seth, e a Edfu, templo de Hórus. A alma da escuridão e a alma da luz, Seth e Hórus, Crowley os representa pelas divindades Hoor-Paar-Kraat e Ra-Hoor-Khuit — um é a sombra, a escuridão, o outro, a Luz, o Sol. Para a cabala Nephesch e Ruach, respectivamente (isso será mais bem explicado no capítulo referente à cabala). Os egípcios tinha um cuidado todo especial com o morto, tanto que uma série de preparativos era feita no sepultamento.

Após a morte, o duplo do morto voltaria até o corpo, saciaria-se com as oferendas de alimentos, e estaria amparado por toda a sorte de coisas que teve em vida ou símbolos religiosos. As pinturas e estátuas eram representações que visavam apaziguar o morto do choque decorrente da morte, e consolá-lo. De forma alguma isso se restringiu ao Egito; no Leste Europeu, pequenas estátuas do sexo oposto do morto eram colocadas por vezes no caixão. Por toda a história, temos os enterros coletivos, nos quais uma figura de poder se fazia acompanhar por toda uma corte, incluindo a viúva, costume praticado até hoje na Índia.

O Leste Europeu tem crenças similares; os sérvios acreditam que o Vampiro tem dois corações e, por causa disso, duas almas. Essa crença também é comum à Romênia. Na Eslováquia, dizia-se que o vampiro tinha um coração extra, sede real de sua vida.

Muldoon, um dos maiores viajantes astrais de todos os tempos, menciona que o que faz uma alma ser presa é a loucura, o desejo, o hábito e o sonho. Ele derruba por terra a idéia moralizante a respeito dos espíritos presos à terra, já que são as condições angustiantes da morte que motivam esse fato, não o caráter do defunto. O trauma da morte é reencenado inúmeras vezes após o óbito, daí grande parte das assombrações. Fechando o leque, vários Vampiros tiveram morte violenta, e por isso se tornaram vampiros, uma alternativa para se abastecerem de energia.

Muldoon também fala que o cordão etérico e a mente supraconsciente produzem grande parte das manifestações, sejam elas os movimentos de objetos ou a descoberta de coisas ocultas. Ou seja, uma pessoa pode assombrar uma casa, receber espíritos e mais uma infinidade de coisas graças à sabedoria atemporal que reside dentro de si mesma.

Muldoon menciona Eusapia Paladino, uma médium que conseguia tocar um instrumento musical pelo simples dedilhar, mesmo ele estando a dois metros de distância. Por algum tempo, ela o fazia no ar, mas após breves minutos isso era transmitido ao instrumento. Muldoon dá um exemplo explicando essa capacidade, que para o nosso estudo é deveras importante. Ele compara a capacidade mediúnica a um cachorro dormindo, que sonha que caça uma lebre. Sonha tão intensamente que o fantasma do cão pode apanhar uma lebre no campo e matá-la. Dá muito que pensar esse exemplo. As viagens astrais são motivadas na sua maior parte por fatores subconscientes; dessa forma, os vários aspectos da vida têm um peso no condicionamento da viagem astral. Fome, frio e preocupação podem gerá-la.

O sexo também é um dos grandes motivadores da viagem astral. Em uma de minhas primeiras viagens com emprego de técnicas, deu-se dessa forma. Encontrei uma amiga no astral e conversamos um pouco. Ao despertar no outro dia, fui ao encontro dela sem falar-lhe nada. A primeira coisa que ela me contou foi o sonho que teve comigo e a nossa conversa, cujos temas tinham sido coincidentes.

Na Grécia antiga havia o costume de colocar-se uma moeda na boca do morto, uma taxa para ser paga ao barqueiro Caronte. Caso isso não fosse feito, a pessoa morta seria condenada a vagar, não podendo entrar no reino dos mortos. Caronte era quem fazia a travessia do Estige, o rio odioso, que separava o reino dos vivos do reino dos mortos, presidido por Hades. Essa crença permanece viva até hoje entre os camponeses gregos, de uma forma modificada. Nela, Caronte é senhor da morte, fantasmas e sombras.

O mais interessante em tudo isso é que a moeda naquela época estava associada a algum pentáculo mágico, e era colocada na boca justamente por ser por onde o espírito entra no nascimento, e sai, na morte. Dessa forma, o defunto estaria livre de ter seu corpo (seja o físico ou o duplo) possuído por outro ser. Tanto é assim que uma adulteração posterior colocava hóstia cristã na boca do defunto, nítida adaptação do saber ancestral. Muitas dessas moedas são cunhadas nos dias de hoje com os mesmos símbolos usados nas casas para impedir a entrada do vampiro.

Em alguns locais da Europa, há uma crença que reforça o uso do duplo etérico na atuação do vampiro: pessoas que nascem com uma membrana cobrindo suas cabeças são vampiros em potencial. Estes recebem o nome de Kudlak, e reza a tradição que suas almas abandonam seus corpos em forma animal para atacar suas vítimas ou lançar sortilégios mágicos sobre a cidade onde vive. Após a morte, são ainda piores. Mas há uma outra possibilidade: o bebê pode vir a tornar-se um Kresnik, que sairá de seu corpo à noite, mas para lutar contra os Kudlak e contra os mortos-vivos em geral.

Um fenômeno muito curioso é a combustão espontânea: estudos revelam que os alcoólatras e as senhoras obesas de meia idade são os candidatos a ela. A vítima queima sem explicação aparente, e nem peritos, legistas ou policiais encontram explicações. O mais estranho é que muitas vezes a roupa do morto se mantém intacta, e objetos ao redor também, apesar de ser bem sabido que, para incinerar o corpo humano, são necessárias altas temperaturas que tecnicamente destruiriam tudo à sua volta. Aparentemente, esse fogo brota do interior da vítima, uma implosão ígnea.

Incluo este tópico devido ao fato de os vampiros em muitos relatos serem destruídos pela luz do Sol, sendo consumidos em chamas; na casuística vampírica, há também combustão em alguns casos de estaqueamento. O trabalho de ascensão da kundalini pode provocar o despertar de capacidades como a clariaudiência, a clarividência, entre outros. Uma parte importante no trabalho com a kundalini é a dos nadis; são canais de energia que existem no corpo humano, os mesmos da acupuntura.

O central chama-se sushumna; ele está no centro do corpo, mais precisamente na coluna vertebral. Vai do muladhara chacra, na base da espinha, até o sahasrara chacra, no alto da cabeça. Além desse canal central existem outros dois canais, Pingala e Ida, solar e lunar respectivamente. Pingala, do lado direito do corpo masculino, dinâmico e racional; Ida, do lado esquerdo do corpo feminino, intuitivo, emocional associado ao rio sagrado Ganges. Esses canais são conectados às narinas, só que invertidos, ou seja, Pingala na narina esquerda e Ida na direita.

Na circulação sangüínea, o sangue arterial é solar, o venoso é lunar, e podemos levar isso aos dois princípios: a alma solar e a lunar. Curiosamente, o Pingala tem sua localização no umbigo, e Ida, no centro da cabeça (alguns o colocam no palato).

Uma história ocorrida em uma vila da Bulgária nos fala sobre um vampiro que ilustrará as explicações anteriores. Um rapaz chega até a vila, casa-se com uma moça e leva aparentemente uma vida normal. Durante sua estada, o local foi palco de estranhos ataques: cavalos e bois estavam morrendo, e não havia sangue neles. A mulher do rapaz notava sua ausência todas as noites, e ele voltava somente ao amanhecer. Os boatos das saídas noturnas do rapaz se fizeram conhecer pela comunidade, e um grupo foi até sua casa e o prendeu. Examinado, foi constatado que apenas uma das narinas era utilizada. Foi levado até o alto de uma colina e queimado vivo.

Alguns relatos de vampirismo mencionam esse aspecto de uma única narina sendo utilizada. Muito possivelmente, o vampiro está vinculado apenas à corrente lunar. O fato em si levanta uma série de

indagações, e nos leva a uma observação: a de que o vampirismo está intimamente ligado ao feminino, e às energias a ele relacionadas, sendo o fenômeno do vampirismo um desequilíbrio entre as duas energias, feminina e masculina, lunar e solar, Seth e Hórus, etc.

O *Bardo Thodol*, O Livro dos Mortos Tibetano, é um compêndio de técnicas para a boa morte, cujo objetivo seria conduzir o moribundo a vencer a Roda do Samsara, o ciclo de nascimentos e mortes. Ele principia com técnicas que visam fazer com que o moribundo veja a luz clara e liberte-se, e caso ele não consiga isso nos primeiros dias, a partir do oitavo ele travará contato com as divindades irritadas, também chamadas de bebedoras de sangue. O curioso é que são as mesmas divindades benevolentes, mas sob um novo aspecto.

O mais curioso ainda é que medo e fuga não são a saída, mas sim se fundir a elas, encará-las como princípios divinos de grande sabedoria, e dessa forma o estado búdico é alcançado. O Livro dos Mortos Tibetano, *Bardo Thodol*, nos fala que devemos homenagear essas divindades bebedoras de sangue em vida, para que possamos estar acostumados com elas na morte. E vai mais longe: mesmo os que viverem de forma imperfeita alcançarão a salvação se conseguirem assimilar esse princípio, e mais manifestações físicas de sua superação se farão presentes no momento de sua morte, e visíveis a todos. Para imaginarmos como era a visão dessas divindades bebedoras de sangue, descreveremos a que surge no nono dia após a morte.

A divindade chama-se Bagavã Vajra Heruca, tem três rostos, seis mãos, quatro pés. Em uma das mãos, segura um escalpelo, em outra, um dorjê, e nas demais mãos, uma clava, um sino, uma relha e mais um escalpelo. Junto a ele está Vajra Satva, a Mãe, que leva até a boca de Bagavã Vajra Heruca uma taça cheia de sangue. Para o budismo os deuses eram seres poderosos, mas nem por isso deixavam de ser ilusão. Ou seja, seus princípios deveriam ser absorvidos e transcendidos.

Ler o Líber DCCCXIII Vel Ararita, de Crowley, nos leva à experiência direta; ele se defronta com todas as divindades, e sabe que todas são Maya, ilusão, etapas no caminho, não o fim da jornada. Uma das máximas thelêmicas é: “Não há deus a não ser o homem”, e se pensarmos no budismo tibetano e no conceito de Buda, ou seja, desperto, iluminado, aquele que sabe, ele é humano, um humano que expandiu as fronteiras do si mesmo. Um homem que se tornou mais que todas as divindades, indo à causa de todas elas e sendo sua causa.

CAPITULO V

Bruxaria e Vampirismo

Ó amigo e parceiro da noite, tu que te extasias com o
ladrar dos cães acuando suas presas, com o sangue vertido,
vagueias em meio às sombras passeando entre tumbas,
cobiças o sangue e fazes tremer de temor os mortais!
Gorgo, Mormo, a Lua de mil faces, apreciem os nossos sacrifícios.

H. P. Lovecraft

Às vezes, também, o que é muito raro, as almas são acometi das com tão grande frenesi que não só entram nos corpos dos vivos mas também, impulsionadas por uma força incrível, retornam aos cadáveres que abandonaram e realizam, como se houvessem ressuscitado, atos horríveis. Assim, lemos no *Saxon Gramático* que alguém chamado Asuit e outro chamado Asmond fizeram o juramento recíproco de que aquele que sobrevivesse ao outro se encerraria com ele na tumba; quando Asuit morreu de uma enfermidade, colocaram-no numa caverna com seu cão e seu cavalo, e Asmond, para guardar o juramento de sua amizade, se deixou encerrar com o amigo, levando consigo víveres para muito tempo.

Sem embargo, Eric, rei da Suécia, ao passar um dia com seu exército pelas redondezas da caverna, fez abrir (pensando tratar-se de um tesouro) a tumba de Asuit, expondo Asmond à luz; ao vê-lo horrivelmente desfigurado, coberto de podridão mortuária e inundado de sangue que lhe saía de uma cruel ferida (porque Asuit, que revivia todas as noites, em seus ataques contínuos lhe havia arrancado a orelha esquerda), perguntou-lhe qual era a origem disso, e eis o que narrou ao rei, com estes versos:

“Por que assustar-vos com um verme tão desfigurado e pálido? Todo homem vivo desaparece entre os mortos. Não sei por qual empresa ousada do poder da Estígia, o espírito de Asuit foi enviado desde os infernos para devorar seu cavalo e meter incluso seu cão em sua detestável boca. Não contente em haver comido seu cavalo e seu cão, logo depois me cravou suas garras e arrancou-me a orelha. Eis aqui o porquê do meu rosto ser espantoso e porque vedes correr o sangue por esta cruel ferida. Sem dúvida, este monstro infernal não atuou impunemente, porque lhe cortei a cabeça com minha espada e transpassei com ela seu corpo maléfico.”

Esse relato encontra-se no livro *Filosofia Oculta,* de Cornélio Agrippa. O livro foi escrito por volta de 1500, ou seja duzentos anos antes da histeria de vampiros que varreu a Europa. Agrippa foi um dos maiores magos de todos os tempos, grande cabalista, alquimista e teurgo, tendo feito parte das cortes de Carlos V e Maximiliano I. A magia como um todo está inclusa na história do vampirismo, seja a bruxaria, o xamanismo ou o vodu — não importa o rótulo.

Mas onde reside o motivo dessa associação? É mera crendice? Muito possivelmente não; quase sem medo de errar, a afirmação mais correta seria a de que a magia é a grande motivadora do vampirismo. Quando uso o termo magia, estou expandindo o seu significado original e lhe atribuindo uma nova valoração. Sendo entendido como magia toda relação do ser humano com o mistério e o oculto, na

tentativa de tentar compreendê-lo, mas acima de tudo de compreender a si mesmo, como indivíduo e espécie. A ciência é prima-irmã da magia, e não poderíamos deixar de juntar a esse nosso conceito expandido os fenômenos parapsicológicos.

Melhor que toda essa minha verborragia são os pensamentos de um certo escritor, em especial no que tange e pode ser aplicado ao vampirismo. Arthur Machen, em algumas de suas obras, tem uma visão iluminada, muito similar aos axiomas de To Mega Therion. A sua obra faculta algumas reflexões bastante interessantes, que levam do vulgar ao estupor, e maravilham o Régio. Por mais que Machen mantenha aparentemente uma visão maniqueísta, ele insufla idéias fantásticas. Dentre elas nós temos os kalas, os centros secretos do organismo humano, terras inexploradas para o seu possuidor; outra afirmação de uma de suas obras faz lembrar Nietzsche, além do bem e do mal.

Os senhores do mundo devem ir além do bem e do mal, só aqueles que os conhecem e que a eles transcendem chegarão ao mundo real, a causa última de tudo. Tomar o céu de assalto, querer ser Deus, a maior de todas as blasfêmias. Estes que assim agem são ascetas negros e, como os outros iniciados, comungam, só que com as forças dos abismos profundos, onde habita o mal. Não sejamos hipócritas: estes que assim agem muitas vezes têm a conduta mais ilibada do que os santos.

Os iniciados do caminho da mão direita tentam elevar sua consciência rumo ao divino; levando uma vida sã, são extasiados pelo espírito. Os ascetas negros são movidos por uma paixão aterradora em sua busca dos mistérios inversos. Os motivos de seus anseios escapam ao comum. Somente o iluminado, conhecedor da luz e sombra, capta o seu conhecimento. A bruxaria e os cultos femininos são tão antigos quanto o tempo. No Paleolítico, o corpo da mulher era sagrado, divino por natureza, mistério, a *anima mundi.* As mulheres eram, segundo muitos antropólogos e mitólogos, as portadoras do saber e poder mágico.

Tanto é que há mitologias cm todo o globo tratando do processo que os homens tiveram que encetar para tentar controlar esse poder. Em resposta a ele foram criadas as sociedades secretas exclusivamente masculinas, similares à maçonaria de hoje. O enfoque feminino possivelmente era mais ligado às plantas, e o masculino, aos animais. Esse conflito retrata uma deusa imanente *versus* um deus transcendente. Muito do mal e do demoníaco associado à mulher é advindo dessa transição. Sabemos que os deuses dos vencidos são os demônios dos vencedores, e com o arquétipo feminino não foi diferente.

Para as culturas antigas, o vampirismo estava intimamente associado ao feminino: Lâmia, Lilith e uma infinita turba de lascivas e demoníacas entidades femininas. É bem sabido que, para as grandes religiões de hoje em dia, a mulher é associada ao mal, ao pecado e à tentação. Algumas teorias, como já vimos, falam de uma era matriarcal que teria sido sobrepujada pela patriarcal; por mais que esse dado antropológico gere polêmica, ele se apóia na psicologia interna, em que o matriarcado se identifica com a mãe e a fase oral, e o patriarcado, com a fase fálica.

E fácil imaginar que essa mudança não ocorreu de uma só vez, e também que, muitas vezes, foi feita de forma violenta. Encontraremos seus resquícios em várias partes do mundo, pois entre os judeus, até hoje, um filho de mãe judia é judeu, mas o de pai apenas, não. Para a compreensão desses fatos e sua ligação com o vampirismo, iremos tratar de um arquétipo que sintetiza sobremaneira a miríade de elementos da magia e do vampirismo.

Lilith, intimamente associada aos vampiros, e também às bruxas, é um espectro que paira sobre a religião judaica. No ato sexual, ela ficava por cima de Adão, e não quis ser subjugada pelo macho, daí sua revolta. Esse fato retrata, talvez, a transição dos cultos à deusa para o deus judaico, de uma sociedade agrária ou coletora para uma pastoril. Esse fato se repetiu inúmeras vezes pelo mundo (com isso não estou falando de sua existência objetiva, e sim subjetiva, mas com exteriorizações no mundo). Lilith, em sua origem, deve ter sido um arquétipo da grande deusa mãe, que tentou resistir à invasão do patriarcado. Possivelmente Abel, o pastor, foi sacrificado a essa grande mãe. Mas as coisas não foram

tão fáceis para os pastores patriarcais. Muitas mulheres judias ficaram fascinadas pelo culto à grande mãe. Um bom exemplo é a história de Sodoma e Gomorra. Lot foi expulso da cidade; vejam esta passagem: “O povo de Sodoma cercou a casa de Lot, do mais velho ao mais jovem. E eles proferiram: Que se vá embora, um estranho, que veio morar conosco e agora quer ser um juiz”.

Com isso fica claro que eles não eram judeus (os habitantes de Sodoma), e que a alegoria da conversa entre Lot e Deus é um acréscimo posterior. A parte mais curiosa tem a ver com a mulher de Lot, que não quis acompanhá-lo, pois possivelmente preferiu ficar com o culto à grande deusa. Ou seja, a história de virar uma estátua de sal é mais uma alegoria. Lot afogou suas mágoas com as duas filhas em uma relação incestuosa. O nome Lilith vem da Mesopotâmia, encontrado nas civilizações sumeriana, acadiana e babilônica, onde há várias divindades nas quais ocorre o fragmento *lil*, como, por exemplo, os deuses Nilil, Enlil, entre outros.

Belit-ili, Lillake, a cananéia Baalat, a divina senhora, são alguns de seus nomes. Nas representações mais antigas de Lilith, ela aparece como Lillake (cidade de Ur, 2000 a.C). Lilith está intrinsecamente associada à coruja, sendo representada como uma mulher sedutora, torneada, de seios bem formados e suculentos, uma yoni (vagina) que exala o perfume do amor, com pés de coruja e asas. Na literatura hebraica, ela é a primeira mulher de Adão. Ao que tudo indica para a cabala (Zohar), para a o deus judaico criou Lilith e Adão como gêmeos. Ela queria igualdade para com ele, mas lhe foi negada. Ela não se subordina a Adão, e, conseqüentemente, incorre na ira do deus. Foge para o Mar Vermelho e, com Samael, cria uma infinidade de seres demoníacos, que juram atacar a raça humana (fruto da união de Adão e Eva). Uma lenda islâmica atribui a ela a origem dos djinn (gênios), seres de fogo que vivem nos espaços entre mundos. Ela era a responsável pela morte de crianças, pela esterilidade e pelo aborto. Também é sua característica a sedução sexual.

Surge no meio da noite, trazendo sonhos eróticos carregados de emoção, e os homens são as principais vítimas. Quando despertam, dão-se conta do vulto monstruoso pousado sobre seu peito, pronta para absorver o esperma fruto da ereção. A morte, a loucura e a depressão são os resultados dessa visita. Um súcubo, um demônio da noite, sedutora de homens, assassina de crianças e mãe de demônios.

Roberto Sicuteri, em seu livro *Lilith, a Lua Negra*, cita Ernest Jones: “Como os íncubos sugam os fluidos vitais, levando a vítima à consunção, também os vampiros, freqüentemente, pousam sobre o peito da vítima, sufocando-a. A Lilith hebraica, que Iohannes Wejer chamou Princesa dos Súcubos, descendia da babilônica Lilitu, conhecido Vampiro”. Deus enviou contra Lilith três anjos, Sanvi, Sansanvi e Semangelaf. Seu objetivo era capturá-la, trazendo-a de volta para Adão. Como não voltou, Deus mandou retirar dela seus filhos tidos com Samael. Depois de todo esse tratamento especial dispensado pelo deus judaico-cristão e o patriarcado, não é à toa que Lilith aja do seu jeito.

A relação das entidades vampiras pelo mundo com o ataque a crianças é estarrecedora; nos locais mais remotos, assim como nas culturas mais diversas, faz-se presente. Lilith é o arquétipo da mulher rebelde, devoradora de homens e, não se prestando à continuação da espécie, esse demônio fêmea aparece em todas as partes do mundo, com os mais diversos nomes: as Lâmias e Empusas gregas, a Strix romana, a Aswang filipina e deusas do porte de Hécate, Perséfone, Circe e Kali, o que a liga ao tantrismo. Estarrecedor, mas talvez a palavra Lâmia derive de Lamyros, garganta. Uma simples coincidência? Cremos que não.

O próprio termo *strigoi* vem de *strega*, bruxa em italiano, que por sua vez vem de *strix*, mocho, coruja, demônio alado, que atacava crianças sugando-lhes o sangue. Desde os primórdios romanos, a Strix era conhecida. De acordo com Ovídio, atacava crianças e causava-lhes lacerações no tórax, onde se alimentava do sangue. Rituais de proteção eram feitos para livrar a criança desses ataques, espinhos eram colocados nas passagens da casa, prática que se mantém após séculos no combate a vampiros. Durante a Idade Média, era crença que as stregas se transformassem em corujas para atacar crianças.

Na Albânia, há uma crença idêntica, e o nome é Shtriga, fruto da colonização romana. Ela podia surgir na forma de traça, mosca ou qualquer outro inseto. Vivia incógnita na aldeia, podendo ser qualquer mulher. Nos Bálcãs, as bruxas deixam seus corpos à noite e tomam a forma de animais. Nessa forma animal, elas entram nas casas de suas vítimas e alimentam-se diretamente do coração. Em certas noites, reúnem-se em covens e novos membros são aceitos, desde que mantenham o segredo e sigam as regras.

Na Transilvânia e Moldávia havia a Strigele, que era basicamente igual aos tipos de bruxas vampiras já narrados. O Strigoi podia ser vivo ou morto, ou seja, um vampiro vivo, alguém que usa seus dons, e o corpo etérico para seus ataques, ou o corpo etérico de um defunto. Os vivos podiam deixar seus corpos à noite e assumir a forma de um lobo, gato, corvo, cachorro ou, como os vampiros do Suriname, de uma bola de luz. Para os romenos, os vampiros reúnem-se em covens, onde se encontram os vivos e os mortos. Lá eles trocam conhecimentos na arte da magia negra. As Strigas muitas vezes deixavam seus corpos (projetando-se astralmente) à noite para vagar com os Vampiros e participar de sabás.

Na Turquia, há o Obur, uma bruxa vampira, ou feiticeiro. Ele tem a capacidade de transformar-se em animais como o gato, o lobo e o cachorro. O Obur normalmente é um ancião, usa um ungüento para voar, passando-o em seu corpo. Eles usam vassouras para seus vôos, e curiosamente portam um chicote, usado para açoitar os membros em suas reuniões, uma prática sadomasoquista. O Obur também entra por frestas nas construções, para atacar suas vítimas, especialmente crianças, das quais bebem o sangue. Por vezes eles caçam em bando, usando a forma de lobos, atacando gado e pessoas. Os relatos de viagens fora do corpo, a participação nos sabás, e mais inúmeros relatos, coincidem com os hábitos dos vampiros e bruxas em muitos locais.

Na Rússia, tanto a bruxa quanto o vampiro eram chamados de Eretik, um termo para herege, aquele que se afasta da cristandade. O vampirismo estava associado à prática da magia, bruxas e feiticeiros eram os candidatos, ou todos que estavam fora da fé cristã. Uma pessoa que incorresse na maldição de um feiticeiro, e morresse devido a isso, poderia ter sua alma transformada por ele em vampiro. O feiticeiro teria posse da alma da pessoa: algo similar é encontrado no culto vodu. Na Bulgária, pessoas que incorressem na ira da igreja eram candidatos a Vampiro, em especial as bruxas.

Na Transilvânia, durante a véspera da noite de São Jorge, reza a crença popular que as bruxas se reuniam. Os camponeses se preparavam com os métodos tradicionais: alho, símbolos sacros e o espinheiro. Era uma época de grande atividade vampírica. Em Montenegro, havia um termo para a bruxa ligada ao vampirismo: *Vjeshtitza.* A noite, em seu corpo astral, essa bruxa vagava em busca de suas vítimas, sugando-lhes o sangue. Com o tempo, sobrevinha a morte.

Na Espanha, a bruxa também foi associada ao vampirismo, em especial ao furto de recém-nascidos para vampirizá-los. Emily Gerard, em seu livro *The Land Beyond The Forest*, menciona a prática de vedar portas e janelas na véspera de 23 de abril, para impedir as bruxas e vampiros de entrar em casas, celeiros e estábulos, na Transilvânia. Ela também diz que as bruxas celebram um sabá especial na Véspera de São Jorge (23 de abril). Alho também era usado em outros países para o mesmo propósito. A rosa selvagem era usada na defesa e para manter os mortos dentro de suas tumbas. A noite de Walpurga tinha preparativos idênticos para a proteção.

As bruxas podiam assumir várias formas animais, e não podiam ser atingidas a não ser por um objeto de prata (bala, adaga), prática similar à utilizada na destruição do licantropo. Mesmo sendo invisível, o vampiro podia ser destruído com o emprego de armas de fogo, em alguns relatos. Na Boêmia, a rosa selvagem era usada na véspera da noite de Walpurga como proteção para os rebanhos contra bruxas e vampiros.

Portugal e Brasil têm crenças idênticas a respeito da capacidade vampírica das bruxas, sendo também as crianças seu alvo principal. Brodie Innes, o fiel escudeiro de McGregor Mathers na *Aurora Dourada*, relata um fato narrado por Sir Archibald Dumbar que teve a Grã-Bretanha como palco. Um antigo

castelo estava sendo demolido, e o responsável recebeu um aviso para parar com a destruição. Ele não deu ouvidos e continuou. Um belo dia, uma velha bruxa de aspecto malévolo estava sentada no castelo praguejando contra ele. O responsável pela demolição pegou um caibro para expulsar a velha. Nesse momento, ela se transformou em um cão negro de olhos em chamas. Ele recuou alguns passos, e, ao olhar de novo, lá estava a velha. Bem, o castelo esta lá até hoje.

Montague Summers relata que em toda a África há uma grande preocupação com o sangue. Quando um guerreiro ou qualquer outra pessoa da tribo sofre um ferimento, ele toma muito cuidado para que nem uma gota de sangue possa cair nas mãos de um inimigo, que a levaria para um feiticeiro. Ou pior: poderia ser encontrada por um demônio, o que possibilitaria a sua materialização:

O Obayifo é o nome ashanti para vampiro na África. Através de vários processos iniciáticos, uma pessoa se tornava um feiticeiro e, conseqüentemente, poderia se tomar um Obayifo. O feiticeiro era capaz de deixar seu corpo e viajar à noite como uma reluzente bola de luz. Suas vítimas eram especialmente crianças. No rio Niger, os feiticeiros saem de suas casas à noite para se reunir com demônios e tramar a morte dos vizinhos. A morte ocorria devido à drenagem do sangue. Esses feiticeiros tinham a habilidade de sorver o coração.

Na África, existe uma boa explicação para essa drenagem sangüínea: a anemia falciforme (latim para "forma de foice"). Todos sabem que, geralmente, a anemia é causada pela falta de ferro no sangue, o que leva à redução do número de glóbulos vermelhos, e conseqüente falta de oxigenação das células. Na anemia falciforme, o caso é diverso. A medula óssea pára de produzir glóbulos vermelhos sadios (células anucleadas) e passa a produzir células em forma de foice, de onde vem o nome da doença. Atinge ao menos um em cada dez mil negros e, ao contrário das outras anemias, independe da alimentação. Aliado a isso, nós temos casos de tuberculose (essas doenças são atribuídas a miasmas, criados pela ação do vampiro) também atribuídos ao vampirismo.

O Juju é uma forma poderosa de magia africana, na qual os feiticeiros praticantes criam dementais artificiais, que se alimentam da energia dos vivos, em especial das vítimas dos feiticeiros. Um policial inglês que trabalhou em Gana conheceu inúmeros casos da potência do Juju. Certa feita, ele estava sobre um dos intensos ataques desferidos pelos feiticeiros. Sentia a presença de algo desagradável, uma força sinistra. Tentou dormir, mas algo se enrolou em seu pescoço. Levantou prontamente, mas nada havia. Deitado novamente, sentiu a presença de algo, que sugava sua energia na altura do plexo solar. Na noite seguinte, conseguiu visualizar seus atacantes: eram animais com focinhos compridos, e mordiam-lhe o pescoço. Ele ficava cada vez mais fraco, terminando por ser internado em um hospital. A intervenção de outro feiticeiro foi o que salvou sua vida, criando um escudo mágico de proteção. Entre os yakos, na Nigéria, há a crença de que feiticeiros mortos podem atacar os vivos, enquanto estes dormem, e dessa maneira sugar seu sangue. Também tinham características de súcubos e íncubos.

A feitiçaria estava presente no cotidiano africano e sua influência é notada em todos os cantos do mundo onde a raça negra se fez presente, seja no Caribe ou no sul dos Estados Unidos — na Louisiana, por exemplo. Mulheres estéreis ou senhoras após a menopausa eram as mais freqüentemente associadas à feitiçaria. As feiticeiras podiam se transformar em vários animais e dedicar-se a atos de canibalismo e necrofagia.

O Obayifo voava em seu corpo etérico para efetuar seus ataques, via de regra em crianças. Alguns relatos mencionam que esses feiticeiros se reuniam em volta de um caldeirão com o sangue de suas vítimas. Ali estava a vida de suas vítimas. A destruição do vampiro era feita de modo clássico, como em todo o mundo. A cabeça era separada do corpo, que era queimado, e a língua pregada ao queixo. Os suspeitos eram avaliados observando-se se havia sangue na sepultura, um inchaço anormal ou integridade física *post-mortem.* Às vezes, havia pequenos orifícios por onde o vampiro poderia sair. Essas feiticeiras, como todos os vampiros, tiveram em alguns casos morte violenta, ou estiveram envolvidas em práticas pouco ortodoxas como o suicídio, por exemplo.

O Asema, o vampiro do Suriname, pode ser morto com a luz do Sol, sal ou pimenta. No Caribe, encontraremos o Loogaroo, uma derivação de loupgarou, lobisomem em francês. Mas nesse caso, apesar do nome, o parentesco tem mais a ver com as feiticeiras africanas. Esses costumes foram trazidos pelos brancos e escravos negros, fundindo-se no Caribe. Para o vodu, o Loogaroo é uma mulher na maior parte dos casos. Ela consegue essa transformação usando uma poção de ervas. Depois sai voando, deixando um rastro de luz atrás de si. Mimetiza-se em pequenos animais, para poder penetrar nas habitações, onde chupa sangue ou gera doenças.

Alguns relatos nos contam que o Loogaroo deixava sua pele na árvore jumbie, como é chamada a árvore do diabo. Daí saía voando em forma de bola de luz. Contas e sementes são usadas para desviá-lo de seus ataques sangrentos. Na Louisiana, o Loupgarou é um lobisomem, mas também um feiticeiro, bruxa e vampiro. Eles assim transformam-se usando um ungüento que espalham por todo o corpo. Comandam morcegos gigantes, que os conduzem para as casas das vítimas.

Suas vítimas, por sua vez, também se tornam Loupgarou. Têm compulsão por contar, e se, quando inadvertidamente estiver contando, alguém lhe jogar sal, ele pega fogo. Fazem encontros secretos em pântanos com outros de sua espécie. No vodu do Haiti também há o Loogaroo, um morto que retorna para beber o sangue dos vivos. Ele aparece na forma de luminesccncia.

Vodu é uma palavra do dialeto africano fongbé, de Dahomé, na África. Designa a vida religiosa, o culto. O vodu, em sua origem, se referia ao antiqüíssimo culto da serpente Dangbé (Damballa, no Haiti). Nos templos do deus havia inúmeras sacerdotisas, responsáveis pelo seu culto. Nas cerimônias de vodu, o sangue é oferecido às Loas (divindades similares aos Orixás), e também é bebido, forma pela qual o sacerdote vodu é possuído pelo Loa. O vodu usa os veves, desenhos simbólicos que representam e atraem os Loas, lembrando os pontos riscados afros-brasileiros, e a magia talismânica medieval.

No panteão vodu, o Barão Samedi tem especial relevância para o nosso estudo. Samedi, palavra de origem francesa que significa sábado. Sábado, um dia especial para o fenômeno do vampiro devido a todas as suas implicações; dia consagrado a Saturno, regente do signo de Capricórnio (22 de dezembro a 22 de janeiro), justamente um período em que as forças das trevas caminham pelo mundo. Inúmeros casos de vampirismo são registrados em várias culturas nessa época. A morte é intimamente associada a Saturno, o Cronos grego, devorador dos próprios filhos, ligado ao bode sabático, ao Bafomé Templário, ao sabás das bruxas. Para a cabala, Binah (ver Capítulo VIII), a grande mãe, tanto é quem dá a vida como quem absorve, simbolizada pela terra onde o corpo é depositado. O Barão Samedi é o senhor dos mortos, que ressuscita desse reino justamente no sábado. E o imperador dos cemitérios, dos ritos fúnebres.

Quando o Sol está em Escorpião, em especial no mês de novembro, as almas dos mortos estão andando sobre a terra. Essa crença do vodu lembra o Halloween e o Samhain celta, nos quais os portais entre os mundos estavam abertos. De acordo com convicção do vodu haitiano, toda pessoa tem duas almas: quando uma pessoa morre, uma das almas segue para o céu. A outra alma fica nas proximidades do cadáver, ou vagando pelo mundo. Essa alma que vaga pelo mundo muitas vezes é chamada de zumbi, que pode ser a alma de alguém que teve morte violenta, um adolescente, ou uma pessoa que por, qualquer motivo, não teve os ritos fúnebres.

Além disso, o nome zumbi designa uma alma que foi escravizada por um sacerdote vodu, prática também encontrada entre magos egípcios. O sacerdote tem essa alma como escrava, para realizar seus intentos. Aleister Crowley alerta que certas práticas de vampirismo, além de drenar o indivíduo, podem escravizar sua alma após a morte. O rito é feito à noite em um cemitério, e o Barão Samedi é invocado. Esse tipo de zumbi pode ser enviado contra alguém, causando obsessão. Ele consome a vitalidade da pessoa, matando-a eventualmente. Outra forma de zumbi é o morto-vivo, ou, melhor, vivo-morto. O método é o mesmo narrado acima, com a variante de que a vítima ainda está viva. No entanto, ela perde totalmente sua vontade, ficando à mercê do sacerdote vodu.

Possivelmente, ervas são usadas para facilitar o ato: a vítima as ingere, ou são jogadas na casa onde habita. A forma mais conhecida de zumbi é aquela feita após a morte, onde o sacerdote vodu rouba o cadáver da sepultura, e através de rituais o reanima.

Willian Seabrook, numa visita ao Haiti, relata vários rituais vodus e a crença em Vampiros. Ele menciona que os vampiros são mulheres, sejam vivas ou mortas, que saem à noite para sugar o sangue de crianças. Os lobisomens, chauches em crioulo, eram homens e mulheres que se transformavam em lobos para atacar a criação. Outras fontes mencionam que as bruxas do Haiti e Caribe eram chamadas Loupgarou (lobisomem em francês). Suas capacidades mágicas eram atribuídas a um pacto feito com o demônio. Em troca, elas ofereciam sangue de suas vítimas a ele todas as noites. Elas faziam esses ataques usando seu corpo astral. O Asema, o vampiro do Suriname, faz seus ataques à noite como uma bola de luz, também entrando por frestas.

Uma forma eficaz de precaução contra seus ataques é espalhar sementes: o vampiro se distraía contando-as, e unhas de coruja são colocadas junto, pois dessa forma ele perde a conta ao apanhar a unha, e tem de recomeçar.

As bruxas vampiras também existiam entre os índios norte-americanos. Muitos vampiros têm o fígado como alvo, ao invés do coração ou pescoço. Os cherokees têm algo análogo. Há naquela tribo várias bruxas e feiticeiros que se nutrem dos fígados de vítimas assassinadas. Quando alguma pessoa está perigosamente doente, as bruxas permanecem invisíveis ao lado da cama, atuando como obsessões, e extinguindo sua vida. Quando a morte está consumada, após as cerimônias elas arrancam o fígado da vítima.

Muitos vampiros do Leste Europeu se alimentam do fígado de suas vítimas. Os relatos das bruxas não ficam restritos à Europa e à África. Na América Central e Latina nós temos relatos de “bruxas” ligadas ao vampirismo, como a Tlahuelpuchi. Ela era uma mulher que possuía o poder de se transformar em vários animais e atacar crianças. Os astecas, muito antes da conquista espanhola, já tinham sua bruxa vampira. Lá encontramos as Ciuteteo, ou Ciuapipiltin, as princesas. As lendas as relacionam a mulheres mortas no parto. Devido a isso atacariam crianças, fomentando doenças. Similarmente às bruxas européias, elas tinham o poder de voar.

As Cihuatetico astecas eram bruxas vampiras com o status de deusas, assim como Lilith, que também era encarada como uma divindade, não apenas como o mal. A deusa mor e matrona das Cihuatetico era Tlazolteotl, e também lembrava a deusa indiana Kali. A deusa Tlazolteotl tinha como atributos a luxúria e a destruição; era associada à Lua, como a Hécate grega. Faziam suas reuniões em encruzilhadas; os astecas construíram templos para elas nesses locais, onde bolos em forma de borboleta eram ofertados. As faces das Ciuteteo eram extremamente pálidas. As encruzilhadas eram um dos locais preferidos de ataque. Durante a noite, cuidados eram tomados contra os ataques das Ciuteteo. As portas eram trancadas, buracos e rachaduras preenchidos. Caso conseguissem a entrada, o ataque era certo, e as crianças, as vítimas principais.

Oferendas eram feitas em seus templos, uma forma de apaziguá-las. Montague Summers afirma que, no México, pessoas associadas à magia também eram ao vampirismo. Tanto assim que, após a conversão do país, os padres católicos recomendavam que as pessoas não sugassem o sangue dos outros e se livrassem da magia. No México também há uma conexão entre a licantropia e o vampirismo. O feiticeiro ou mago mexicano tinha a capacidade de se transformar em coiote. Carlos Castaneda, em seu livro A *Erva do Diabo,* menciona a capacidade que os brujos tinham de se transformar em animais. Ele mesmo viu algo inexplicável: um coiote de dimensões gigantes que acharam ser um brujo em sua forma animal, conhecido como diablero, o que eqüivale a dizer praticante de magia negra.

No México há a Tlahuelpuchi; é uma moça que ao sofrer a primeira menstruação desenvolve um desejo profundo por sangue. A noite, ela transforma-se em um animal para executar seus ataques. Suas

vítimas são crianças, adultos e gado. A forma de descobri-la é oferecer-lhe alimentos que contenham alho. Além delas havia Camazotz, um deus do submundo maia. Era um homem morcego. No Oriente, o vampirismo é relacionado à magia. O leitor deve lembrar-se do vampirismo chinês e indiano, já tratados neste livro em capítulos precedentes. Mas é de bom-tom salientar alguns tópicos do vampirismo oriental. Na Malásia, há o Penanggalan, uma mulher vampira que caça à noite suas vítimas, preferencialmente crianças e mulheres.

A forma de proteção consiste em colocar espinhos no telhado. O uso dos espinhos, nesse caso, tem um aditivo especial: o Penanggalan tem uma aparência horripilante, a cabeça pendida para trás, e os intestinos pendurados; os espinhos servem para que o monstro prenda seus apêndices e seja destruído. O Aswang das Filipinas é uma bruxa ou bruxo vampiro. Ela tem uma língua extremamente longa e oca, por onde suga o sangue de suas vítimas. Voa na forma de um pássaro, pousando em locais estratégicos para facilitar seus ataques. A língua penetra o pescoço da vítima, notadamente crianças e mulheres grávidas. Na alvorada, ela retorna à sua casa, repleta de sangue de suas vítimas.

O Aswang usa um ungüento que lhe confere poderes mágicos, entre eles o de voar. O Aswang pode viajar transformado num grande pássaro negro. Esse termo também descrevia arrombadores de túmulo e lobisomens. Em Java, havia a lenda de uma mulher que morrera por problemas no parto. Ela atacava os homens e sugava-lhes o sangue. Igualmente atacava bebês e crianças de colo. Ciúme das mães era o elemento principal.

Uma forma de magia que trabalha com os mortos é a necromancia, e através dela é possível interrogar os mortos sobre o futuro e mais uma infinidade de temas. Uma das passagens da Bíblia fala da consulta que Saul fez à bruxa de Endor. Ela evoca o espírito de um profeta, e o espírito prevê a total derrota de Saul, como de fato ocorreu. Há poucos anos, Frater Piarus encetou uma cerimônia de necromancia com ajuda de um demônio, onde Aleister Crowley foi evocado. O ritual teve resultados fantásticos; o saber mágico fluiu copiosamente na forma de revelações de grande beleza. Além disso, ocorreram mudanças atmosféricas e objetos foram destruídos sem o envolvimento físico de ninguém. A narrativa completa encontra-se no livro *Rituais de Aleister Crowley,* da Editora Madras.

Os tratados necromânticos podem ainda ser vistos em alguns museus da Europa, cheios de prescrições e procedimentos, alertando o vulgar do perigo de traficar com o reino dos mortos. Ressuscitar os mortos através da magia é uma história bem conhecida. Um exemplo é Jesus Cristo com Lázaro, e além dele há outros magos que encetaram essa quase impossível façanha. Abraão, o judeu, através da magia de Abramelin devolveu a vida à mulher do Imperador Sigismundo.

Elementais vampiros são conhecidos em muitas culturas. Em alguns relatos, o Vrykolakas confunde-se com elementais, em especial as nereidas (similares às sereias). O ponto em comum é a atuação de ambos como sedutores que atraem para a destruição. Alguns tipos de elementais têm estas características: são seres constituídos por um único elemento — fogo, água, ar ou terra. O folclore grego atual também pode ter confundido os dois seres; enfim, este é um campo para a especulação.

Os celtas conheciam fadas vampiras como a Sith de Baobhan, que seduzia e sugava o sangue de homens nas montanhas da Escócia. Ela surgia como uma linda mulher, embora tivesse patas de gamo, encobertas por sua roupa, ou às vezes na forma de um corvo. Uma lenda escocesa fala sobre quatro caçadores, que acampam e começam a beber. Um deles expressa o desejo de que houvesse mulheres com eles. Naquele instante, surgem quatro mulheres que se põem a dançar com os caçadores.

Um deles estava tocando música e, conseqüentemente, não estava dançando, e se assustou ao notar que sangue escorria de seus amigos. Discretamente, foi se retirando e se escondeu junto aos cavalos. Uma delas foi até ele, mas o ferro das ferraduras dos cavalos a impediu de agarrá-lo, e ele ficou entre esses animais até o amanhecer. Quando saiu, deparou-se com seus amigos mortos.

Liahennen-Shee é um elemental Vampiro que fica nas proximidades da água, especialmente poços, fontes e riachos. Quando um homem vai beber, ela surge em uma bela forma feminina. Caso a vítima se deixe enredar por seus encantos, ela o drena. O sangue de suas vítimas é colocado em um caldeirão, sendo usado com um revigorante para a eternidade.

Há uma lenda curiosa sobre o curupira: um índio dormia na floresta e o curupira o acordou. O índio, sobressaltado, nem acreditava no que estava havendo. O curupira queria comer o coração do índio; este, por sua vez, teve a idéia de dar um coração de macaco no lugar do seu. O curupira comeu e gostou, e nesse momento o índio foi assaz sagaz e pediu o coração do curupira. O curupira, vendo que o índio havia lhe dado o seu coração sem sofrer problema algum, não teve dúvidas: meteu a faca no próprio peito, tombando morto. O índio correu até a aldeia. Por muito tempo ficou longe das matas por causa do trauma. Mas haveria em breve o casamento de sua filha, então ele pensou que os dentes verdes do curupira dariam um belo presente. Rumou para a floresta, e, temeroso, aproximou-se do local fatídico. Lá estava o esqueleto do curupira; ele começou a bater com uma madeira no crânio, para soltar os dentes. E qual não foi a sua surpresa: o curupira retornou à vida. Um outro ser do folclore brasileiro é a jararaca. Ela se aproxima de mães aleitando seus filhos e, ao que tudo indica, hipnotiza-as. Coloca o rabo na boca da criança, para que ela não chore, e daí se põe a mamar no peito da mãe.

CAPITULO VI

Múmias, Egito e Alimentação *post-mortem*

Destruirei os portões do inferno,a confusão reinara
entre os seres das profundezas e os da superfície
Os mortos viram para cima, eles se alimentaram
como os vivos. As legiões dos mortos serão mais
numerosas que as dos vivos.

Ishtar na Epopéia de Gilgamesh

Oferenda aos mortos é prática corriqueira, seja de alimentos, jóias, utensílios, imagens de parentes ou deuses. Em alguns períodos, isso chegou ao requinte de enterrar juntamente com o morto a mulher do morto, soldados, serviçais, cavalos e outros animais, ouro, enfim, tudo para uma viagem completa. O culto aos ancestrais ou pessoas marcantes da comunidade foi encontrado em várias partes do mundo.

Algumas culturas ofereciam e oferecem alimentos aos mortos: ciganos e japoneses, por exemplo. Em alguns casos, os mortos eram passíveis de oferendas, como os deuses. Por vezes, tornavam-se, de humanos, em deuses, como Xangô. Os shilluk, uma tribo do Nilo Branco governada por um rei, ainda mantêm a adoração de Nyakang, o herói que fundou a dinastia. Nyakang é concebido como tendo sido um homem que não morreu de fato, mas desapareceu. Ele ainda não é completamente divino, lembrando

os semideuses gregos. Não só Nyakang, mas cada um dos reis shilluk, depois da morte, é adorado, e a sepultura de cada monarca se torna um santuário. Assim, ao longo das aldeias há muitos santuários; pode-se afirmar que a parte mais visível do culto shilluk é a reverência aos seus reis mortos.

Os Bantos da Zâmbia têm práticas similares, os reis são cultuados publicamente por todos e, no âmbito familiar, os antepassados. Eles crêem que o morto pode voltar e atacar o vivo, sendo o sangue um poderoso agente potencializador. Então eles têm muito cuidado com qualquer ferimento. Os Awemba executam libações com sangue de animais para os seus ancestrais. Essas oferendas visam tanto a ajudar e satisfazer os ancestrais como aplacar qualquer ação maléfica por parte deles. Os ritos póstumos atuais mantêm simbolicamente alguns elementos do saber ancestral, se bem que esvaziados de seu conteúdo, mas talvez com sorte mantendo a eficácia. A cerimônia de velório usual de nossa cultura esqueceu a sua origem. As diversas etapas que a compõem são feitas de forma mecânica.

Desvendando um pouco dos métodos da cerimônia, temos o uso de roupas negras, que funcionam como isolante para que o falecido não vampirize os parentes e convidados; as flores, além de belas, são um substituto energético, juntamente com as velas. Dessa forma, o espectro do morto pode retirar energia das flores e velas, e alguns experimentadores dos fenômenos parapsicológicos podem indagar que as flores cortadas também vampirizam o ambiente, e devido a isso, não se deve dormir ao lado delas. Isso é verdade, mas também não podemos esquecer que lentamente a energia se esvai das flores, e o espectro do morto está em um processo muito mais acelerado, podendo dessa forma valer-se desse tipo de energia.

O velório, como o nome já diz, é a guarda do corpo para que nada lhe aconteça. Cremos que no decorrer da leitura do livro a razão desse ato tenha sido amplamente explicada. O ideal é um prazo de setenta e duas horas, ou seja, três dias, para o enterro ou cremação, sendo que os sete dias decorrentes da morte são cruciais para o processo de desligamento. Voltando mais especificamente à questão do vampirismo, a casuística vampírica relata que o vampiro tem uma relação com os devoradores de cadáveres, e ainda mais pelo fato de o vampiro devorar seu próprio corpo, roupas e mortalha.

Os valáquios, quando sobrevém a morte, pranteiam o ente morto com grande intensidade. Sua tumba é purificada com vinho, e depois disso segue-se uma grande festa. Sobre a cova, coloca-se uma grande pedra ou cruz para evitar que um vampiro venha se alimentar do morto. O tema teve uma atenção especial, tanto é que dois livros foram lançados. *De Masticatione Mortuorum*, em 1679, de autoria de M. Philip Rohr. E *Masticatione Mortuorum in Tumulis*, lançado em 1728,de Michel Ranft. Este último livro relata a prática de colocar terra na boca dos mortos para dificultar a mastigação, e observa a crença de o vampiro se alimentar primeiramente de suas extremidades. Vários cadáveres foram encontrados dessa forma, em especial com as mãos parcialmente devoradas.

Entre os gagalz, o vampiro tinha o nome de Obur, uma corruptela da palavra turca para glutão. Ele era conhecido como um ser extremamente guloso, que poderia ser atraído por uma gama muito grande de alimentos, entre eles, por excrementos. Tinha inúmeras capacidades, incluindo a telecinésia.

O Vampiro é um corpo morto que necessita de alimentação, um paradoxo. Tendo por base o duplo etérico, o espectro do morto se manteria graças à energia dos vivos. E quanto mais este vampiro se alimenta, aliado-se ao tempo, seu "corpo" ficaria cada vez mais material. O Vampiro drena a energia de sua vítima, apossa-se do que antes pertencia à vítima. Há um ritual similar, que emerge das trevas da humanidade, uma eucaristia literal: a antropofagia, o canibalismo. A antropofagia ritual confere ao devorador as forças do devorado, um ato mágico que funde os dois seres.

Várias culturas praticavam canibalismo e faziam-no por motivos religiosos. Ao comer do morto, assimilava-se o seu poder, a sua alma. Falaremos com mais vagar sobre o Egito, já que ele se presta extremamente bem ao estudo do vampirismo, e muitos escritores, como Kenneth Grant, atribuem ao país dos Faraós uma ancestralidade ligada ao vampiro. Para tanto, discorreremos sobre as práticas mágicas egípcias. Uma diferença fundamental entre o Egito e outras culturas residia no fato de os

egípcios literalmente mandarem em seus deuses, que eram compelidos a fazer a vontade do magista ou sacerdote, que para isso usavam encantamentos, talismãs, rituais e mais uma infinidade de práticas.

De todas elas, o uso da voz, das palavras mágicas, era a chave para o poder sobre o universo. Por meio de suas técnicas, eles insuflavam vida em estátuas e imagens — eram talvez magos criadores de deuses. Ressuscitar mortos transformando corpos mortais em imortais era uma das façanhas atribuídas aos magos egípcios. Há inúmeros papiros contendo informações detalhadas de procedimentos, entre eles o *Livro dos Mortos.*

Uma história sobre os magos egípcios é narrada por Apuleio, que menciona Zaclas, o egípcio, que devolveu a vida a um morto. O método foi a cerimônia de abertura da boca. O coração era a sede da consciência para os egípcios, e aquele que obtivesse o domínio do coração colocaria em harmonia seu Ba e Ka, ganhando dessa forma a liberdade.

O morto tinha de guardar seu coração contra uma fera sobrenatural, o devorador de corações. Esse monstro deveria ser repelido por um conjunto de fatores, entre eles uma vida plena e fórmulas mágicas. O coração do morto deveria ser mais leve que ele. Podemos imaginar que o coração, como sede da consciência, sabia o destino da pessoa, o que vulgarmente poderíamos chamar de missão. Não pensemos em uma imposição do universo mas, pelo contrário, numa escolha do âmago do ser, a nossa lenda pessoal, que muitas vezes abandonamos pelas dificuldades e prazeres que a vida oferece.

De uma forma simplificada: se formos covardes, negligentes ou simplesmente não chegarmos lá, teremos o coração devorado pelo devorador de corações. Será falado no Capítulo VIII sobre Thiphareth, a sephira da árvore da vida, que é representada no corpo humano pelo coração. Essa sephira é a sede do eu superior de cada um de nós. É interessante encontrar uma entidade do sistema mágico enoquiano e também na cabala: Choronzon, o demônio da dispersão, que age de forma similar ao devorador de corações egípcio. As fórmulas contra o devorador de corações que constam no *Livro dos Mortos* do Egito ressaltam que o morto primeiramente saúda o devorador de corações, chamando-o de príncipe da eternidade. O morto tem a preocupação de que nada passível de culpa seja levantado contra seu nome.

Em seguida, ele se defende valendo-se dos deuses, da consagração do seu coração e de sua própria essência. O coração do morto é dividido em dois princípios: Ib e Hati; o morto diz ao devorador de corações que o coração Ib é de sua mãe celeste, e o Hati, de sua mãe da terra. Esclarecendo ao leitor, Hati era o instinto, a alma animal, enquanto Ib era o racional, o "ser"; Hati sendo Nephesh, e Ib, Ruach. Sendo que o Ib julgava o morto, ele era julgado por si mesmo, ou se preferirmos, por seu self ou daimon. Com o *Livro dos Mortos,* apresentava-se ao morto uma gama de fórmulas mágicas para que conseguisse atravessar os perigos do outro mundo.

Alguns trechos são importantes para a nossa digressão. Em um deles, no capítulo XXVI, o objetivo é que a alma do morto (Ka) possa entrar e sair do cadáver sem problemas, enquanto no capítulo XLV a fórmula é para que o corpo do morto não sofra a decomposição no mundo inferior, e na seqüência, no XLVI, para que ele possa voltar à vida. É bem sabido que alguns vampiros podem comer uma série de imundícies nos seus primeiros dias de transformação. O capítulo LII e LIII é justamente uma súplica do morto para que ele não coma imundícies, incluindo excrementos.

No Egito, a cerimônia da abertura da boca é de suma importância para a vida após a morte, e isso nos faz lembrar da moeda na boca dos gregos, destinada a Caronte. Por onde a vida entra, sai no último suspiro. Os egípcios faziam essa cerimônia diretamente no morto ou em uma estátua, simulacro do morto. Claramente eles queriam usar o fenômeno da repercussão. Como já vimos o próprio Apuleio narra como Zaclas trouxe um rapaz de volta à vida usando essa cerimônia.

No Egito, a sombra do morto é associada ao deus Seth, e era alimentada através de oferendas, e, como nos outros casos sobre Vampirismo tratados neste livro, caso essas oferendas não fossem

adequadamente feitas, o espectro do morto se voltava contra os parentes e quem mais estivesse nas proximidades. Muito do que temos das histórias sobre múmias advém disto. A múmia, o corpo preservado, seria a base do espectro, como era o corpo que jazia na tumba para o Vampiro medieval, e o sarcófago seria o equivalente ao caixão do Vampiro.

O Faraó Khasekhemui tem como selo Seth e Hórus, a união dos dois princípios, dessa forma, esse aparente antagonismo propiciava o movimento universal. Como um jogo, uma competição, a dualidade conduzindo a individualidade, dois que se tornam um. Atrás de Maya (ilusão), tempo e espaço, Seth e Hórus e morte e vida são um. Isso vale para Saturno e Júpiter, Cronos e Zeus, o Diabo e Deus. Notem que mesmo na maior carnificina há paz, como na batalha de Kurukshetra no Mahabharata, a paz cósmica de quem segue a verdadeira vontade. Como um samurai ou os monges guerreiros, que portam a espada damascena onde se lê thelema. Não são dois senhores, são lados de um mesmo rosto. Os deuses dos vencidos se tornam os demônios dos vencedores, e, além do óbvio, isso ilustra um processo muito mais profundo, psicológico e metafísico. O vencedor, como em um ato antropofágico, devora o vencido, e o vencido é incorporado ao vencedor. Isso fica claramente demonstrado no tantra e no yôga, que são de origem dravidiana, pois com a conquista da Índia pelos arianos os costumes dravidianos foram destruídos, mas permaneceram subliminares, como prova o renascimento do yôga e do tantra na Índia, tornados novamente exotéricos, praticamente após a destruição ariana. Ou mesmo no culto theriônico, que está sendo resgatado no Brasil e no mundo na atualidade.

Ptah é tido por muitos como a divindade criadora, que dá origem a todos os outros deuses. Curiosamente ele é uma múmia, e tem como mulher Sekhmet, a deusa de cabeça de leoa. Ela incitava guerras para poder banquetear-se com o sangue. Certa feita, ela estava destruindo uma população, e para detê-la os outros deuses criaram uma bebida à base de mandrágora, para embriagá-la, que lembrava o sangue humano. Só dessa forma a sede de sangue da deusa foi detida, pois o sangue era a bebida da imortalidade. Uma curiosidade a mais é como Ptah e Sekhmet são similares a Shiva e Kali.

Shiva é a divindade mais antiga da Índia, e sua adoração remonta a Mohenjo Daro. Seu nome tem relação com vermelho (shivappu), Sol (shivan), e cadáver (shava). O Sol vermelho o liga a Sekhmet, e o cadáver a Ptah, já que o Sol vermelho é o Sol do nascente e do poente, o que faz com que ele se assemelhe a uma das facetas de Hórus. Quando da conquista ariana, ele foi transformado em um deus semidemônio, opositor, talvez um remanescente do Shiva Bairava, que executa uma dança selvagem acompanhado por demônios, nos locais de cremação.

Até hoje, no trimurti indiano, ele representa a destruição. Esses atributos são correlates aos do deus Seth, sem falar no atributo negro de ambos. Cronos, Saturno e Ea são divindades correlatas: um titã. Tanto Ptah como Shiva têm o touro como animal consagrado a eles, e seus chifres são associados à Lua (crescente ou minguante, basta imaginar os chifres transpostos ao céu). A mulher de Shiva é Kali, que para ocultistas como Dion Fortune é uma energia igual à de Sekhmet. Uma das manifestações da mulher de Shiva é Parvati, que em seu aspecto destruidor é Durga, tendo como animal o leão. Isso faz lembrar a carta A Luxúria, a força do tarô convencional. Shiva está intrinsecamente relacionado ao ajna chacra, que fica no centro da testa; no deus, há uma serpente ali, simbolizando o poder ígneo da kundalini, justamente onde os egípcios usavam o uraeus, ou seja, uma serpente.

Curiosamente, Shiva sem Shakti (o poder, Kali, Durga, Parvati), é Shava (cadáver). Levando isso a Ptah e Sekhmet, fica claro que sem a bebida imortal do sangue de Sekhmet não há vida, só o cadáver de Ptah. Entendamos como sangue o fluido vital, a união das polaridades. O poder da Shakti pode ser construtivo, a mãe do universo, ou tremendamente destrutivo, lembrando sempre que vida e morte são lados da mesma moeda. Algumas Shaktis são associadas à peste, e sangue é a forma de aplacá-la; como a deusa Poleramma da varíola, muitas vezes essas deusas só podiam ser saciadas com sacrifícios humanos.

Em Kali, a Negra, terrível como Sekhmet e negra como Seth, kal é o nome dravidiano para Lua negra; o que a liga a Lilith. A Índia, Egito e Mesopotâmia se influenciaram mutuamente, o comércio e a

convivência cultural são fatores geradores dessa influência. Kali a tudo gerou, mas devora seus próprios filhos, como Cronos, que em sentido metafísico é a emanação da divindade e o retorno a ela, além do tempo e do espaço. Sangue é seu alimento, e ela repleta de sangue, uma vampira. Em suas representações, está cercada de cabeças e braços que a adornam, todos masculinos, a Lilith matriarcal defendendo seu mundo. Porta uma foice, o mesmo instrumento usado por Cronos para libertar sua mãe da opressão do pai, e isso se em sua origem o próprio Cronos, Saturno, não fosse uma deusa, como ainda hoje é representado na cabala.

Das Shaktis vem o poder de Shiva, similar a Ptah e Sekhmet. São pares complementares em atuação. Um fato histórico ocorrido no Egito foi a mudança do touro para o leão como elemento simbólico e representativo do poder terreno e espiritual. A fase do touro era associada à vegetação, às sombras e ao material, ou seja, à força da terra. Ela foi marcada por enterros coletivos nos quais o Faraó, ao morrer, se fazia acompanhar de mulheres, guardas, animais — todos eram imolados junto com o Faraó. Essa era teve como atributos o princípio da civilização egípcia e os primeiros Faraós. A essa era se seguiu à do leão; enquanto uma tinha uma ênfase lunar, a seguinte foi a solar. Espírito de luz e força, o Sol nunca morre, e essa era teve um enfoque mais espacial, com o céu ganhando força.

Lembrando-nos de Seth e Hórus, poderíamos dizer que a primeira Era é associada a Seth, e a segunda, a Hórus. Tanto é assim que a divindade dessa nova Era é Rá, também um falcão, o falcão do Sol. Mais tarde fundido com Amon, transforma-se em Amon-Rá, o carneiro. Mas de forma alguma o aspecto sombrio está distante, pois toda noite Rá (o Sol) tinha de enfrentar Apep (Apófis). Representado por uma serpente, curiosamente, quando a situação exigia, era ajudado pelo próprio Seth. Apep é associado ao vampiro, por exemplo, em Líber Stelae Rubae *(Livros Sagrados de Thelema*, da Editora Madras).

Para a vampirologia, isso tem uma importância capital, e partindo do pressuposto de que ocorreu não só no Egito, mas em outros locais do mundo, temos um padrão. O lunar, escuro, o negro, substituído pelo solar e claro. O matriarcal pelo patriarcal, todas as divindades associadas ao vampirismo estão, por sua vez, também ao lunar e matriarcal. O Vampirismo seria, até psicologicamente, a reação profunda contra esse novo status, não algo organizado ou premeditado, mas uma resposta natural de um arquétipo negado. O saber mágico egípcio entrou na formação do gnosticismo e do cristianismo, podendo ser encontrados até hoje elementos egípcios no catolicismo romano.

Já vimos que os sacerdotes e magos egípcios tinham o poder de infundir um espírito, um elemental artificial, em estátuas. As imagens dos santos católicos até hoje mantêm esse princípio, e a singela história de tirar o menino Jesus de São Antônio, ou virar o santo de cabeça para baixo, é similar ao que um mago egípcio faria para compelir um deus a trabalhar para ele. A devoção dos fiéis é a forma de manter a “energia” da imagem.

O Hermetismo e o Renascimento italiano também foram influenciados pelos egípcios e, conseqüentemente, a magia ocidental. Um bom exemplo é Líber Samek, de Aleister Crowley, que foi criado a partir de um texto egípcio gnóstico. A maneira atual de encarar a magia amálgama elementos egípcios e neoplatônicos.

CAPÍTULO VII

Licantropia

O Bestial e o divino residem lado a
lado em nossos corações.

Marcos Torrigo

Lobisomens, como o nome já diz, são homens que se transformam em lobo. Lykanthropos, do grego *lykos*, lobo, e *anthropos*, homem. Ele é encontrado desde a Antigüidade; alguns homens e mulheres tinham a capacidade de se metamorfosear em lobos ou algo a meio caminho entre o ser humano e o lobo. Pensando no Vrykolakas e em sua origem, vem à mente o xamã caçador da pré-história, que usava peles de animais para seus ritos. Desses rituais imemoráveis, que tiveram como palco as glaciações, vem o eco do homem fera. Unir o humano ao animal, a inteligência humana às inúmeras capacidades animais.

O lobisomem um ser amplamente conhecido na mitologia dos povos indo-europeus, sendo inúmeras as lendas e relatos a seu respeito. Heródoto, no século V a.C, já descrevia casos de licantropia, e assinalava o costume dos guerreiros dos Bálcãs de usar rituais nos quais assumiam o poder do lobo usando uma pele da fera. A licantropia era mencionada por Plínio, o velho, Ovídio e Plauto.

Petrônio também se referiu ao licantropo: ao cair da noite, transformavam-se e saíam em busca da carne dos humanos. Marcelus Sidetes, que viveu no reinado de Adriano, descreve que a licantropia faz com que sua vítima adquira a ferocidade e apetites horrorosos de um lobo. De acordo com ele, em Roma era mais comum em fevereiro, fazendo com que a pessoa procurasse cemitérios e outros locais solitários. A licantropia foi chamada por Avicenna de lupinam insaniam, e Paulus a classifica como um tipo de melancolia.

Há várias formas pelas quais uma pessoa pode se tornar licantropo para os gregos, sem falar que para eles qualquer mago competente poderia tornar-se um lobo. Uma cinta mágica era utilizada, ou um ungüento. A cinta era feita de coro de lobo, podendo ser uma pele completa, que o feiticeiro vestiria. Cerveja com sangue era tomada, e dormir na toca de lobo ou comer o seu cérebro eram práticas para adquirir a licantropia.

Ser mordido por um, beber a água parada onde um lobo tivesse pisado, ou em riacho onde uma alcatéia tivesse bebido, também era uma forma de se tornar lincantropo. Platão menciona que comer carne humana junto com carne de lobo conferia a licantropia. Os pontos de contato entre a fenomenologia do licantropo e do vampiro são muitos. Nos locais onde são relatados casos de licantropia, via de regra também são relatados casos de vampiros. A Pessoas mortas ou devoradas por lobos poderiam tornar-se vampiros.

Havia rituais para transformar o ser humano em lobo, pois, como já vimos, a raiz da palavra vrykolakas é vestir-se com pele de lobo, usada em cerimônia mágica. Com o tempo, as qualidades negativas do lobo se sobressaíram e ele foi associado ao mal, e o termo vrykolakas perdeu seu caráter ritualístico e

mágico. O arquétipo do lobo banido para o inferno se transformou no vampiro, e a palavra vrykolakas se referia, nos casos registrados na Grécia, a um vampiro, um morto retornado.

A licantropia é passível de transmissão: beber água onde um lobo bebeu ou pisou, ou a mordida de um lobisomem transformariam a pessoa, ocorrendo também caso se comesse carne de animais mortos por lobos ou pelo lobisomem. Muitas bruxas tinham a capacidade de se transformar em lobos; se por acaso elas, quando em forma lupina, sofressem algum acidente ou ferimento, isso seria transmitido ao corpo físico.

Jean de Nynauld, em seu livro *Licantropia,* de 1615, narra inúmeros casos de repercussão, nos quais o lobo era atingido e alguém na aldeia aparecia com o mesmo ferimento. Alguns voltavam à sua forma humana no momento que eram atingidos. Durante a Idade Média, período bastante prolífico em licântropos, a igreja associou o lobo ao demônio, mas nem sempre isso foi assim. Para o Império Romano, o lobo era animal sagrado de Marte, e os gêmeos fundadores de Roma, Rômulo e Remo, foram amamentados por uma loba, por mais que isso seja uma forma delicada de chamar uma prostituta, lupa, da qual vem a palavra lupanar, prostíbulo. O lobo era símbolo de poder e coragem. Não só os Romanos, mas também os Nórdicos tinham o lobo como animal hierárquico.

O lobo é um animal muito importante e presente nas lendas dos povos germânicos. Dos nazistas aos cavaleiros teutônicos, a força, rapidez e inteligência dos lobos têm infundido medo e admiração. Na Alemanha, inúmeros foram os julgamentos de pessoas acusadas de se transformar em lobos para alimentar-se da carne de velhos e crianças. Os cavaleiros teutônicos eram uma ordem militar semelhante aos templários. Em suas lutas, enfrentaram algumas tribos, entre elas uma extremamente misteriosa e composta de ferozes guerreiros, os borus, que tinham como deuses cavalos e lobisomens.

O lobo e os cães negros selvagens são animais da noite, e a Lua os influencia. Apesar da conotação marcial do lobo, há também a lunar; um ser das trevas, do caos primal, como o Fenrir da mitologia escandinava, o grande inimigo dos deuses. Isso ganhava uma importância maior tendo em vista que o fim dos deuses já estava previsto. O crepúsculo dos deuses é tido como o advento de uma era de trevas, o fim dos deuses, o ragnarok. O fim do mundo. Mas da mesma forma que o fim foi predito, o renascimento também. Uma vidente profetizou que o mundo voltaria a ser como sempre foi, belo.

Cães e lobos como protetores de templos, ou, em especial do submundo, são uma constante. O Cérbero grego, que guarda a entrada do Hades, ou o cão Garm, que protegia Niflhein, o inframundo nórdico, o reino dos mortos, presidido pela deusa Hel. Sensitivos têm captado cães monstruosos espectrais e imateriais de guarda em antigos castelos. No uso da magia xamanística, o poder animal é bem conhecido, e nas florestas do norte da Europa havia os guerreiros berserksgangr, que lutavam ao lado de Odin como ferozes lobos. Por vezes atacando a dentadas, não usavam armadura, mas sim peles de urso ou lobo. Eram conhecidos por sua selvageria e bravura. Para os lapões, alguém que matasse outro e não confessasse transformar-se-ia em lobo.

Uma outra lenda eslava liga o urso ao lobisomem, que só poderia ser morto com uma bala de prata forjada à noite, perto de um cemitério. Há a crença, na Alemanha, de que ao jogar-se um objeto de metal sobre o lobisomem, isso tira o poder do encantamento do cinturão mágico, fazendo com que ele volte à forma humana. Dessa forma descobre-se quem é a pessoa que está dizimando os rebanhos e espalhando terror nas cercanias. O lobisomem muitas vezes usava seus poderes licantrópicos para proveitos bem materiais. É conhecida em Joanópolis, a capital brasileira do lobisomem, uma história de um homem que preferia levar grandes quantidades de peso atrelado ao seu corpo, como se fosse um animal de quatro patas. É claro que ele tinha fama de lobisomem.

Há uma lenda européia de uma mulher que se transformava em loba para atacar os rebanhos. Dessa forma, seu marido sempre tinha carne na mesa. Uma pequena cidade da Alemanha teve em seu passado vários casos de licantropia, e livrou-se do monstro com algum custo. Em homenagem a isso, foi construído um pequeno santuário onde uma vela acesa protege a cidade, simbolicamente, contra a

volta do lobisomem. Em 1988, um grupo de guardas estava em sua ronda quando notaram que a vela estava fora do santuário. Eles riram e falaram sobre o monstro e sua volta.

Algumas horas haviam passado, e os guardas já estavam em seu posto quando um alarme soou, pois a segurança de um dos setores tinha sido rompida; podia ser um galho de uma árvore, ou um ladrão. Eles se encaminharam para o local, e aparentemente tudo estava em ordem; entraram em um pequeno bosque, e um deles se deparou com um enorme cão de orelhas erguidas olhando-o estranhamente, em pé, nas suas patas traseiras. Tinha uma altura perto de dois metros, saltou a cerca e desapareceu. Um cão policial foi levado ao local e a única coisa que fez foi ganir e se esconder, não saindo em captura do monstro de Morbac.

Até os dias de hoje chegam relatos a respeito do monstro de Morbac (nome da vila alemã), avistado por algumas pessoas da região. A licantropia está intimamente associada à magia e à bruxaria, na Alemanha. A transformação do lobo em bruxa é algo terrível e excitante. Os pêlos dando lugar a cabelos compridos e selvagens, as patas, a membros longos e esguios. E ainda com olhos ardentes pelo fogo das paixões bestiais que provêm do divino. Freidrich Krauss, que fez uma ampla pesquisa sobre o lobisomem na Bósnia, achava que o Vrykolakas era um lobisomem, uma pessoa que se transformava em lobo para atacar o gado. Alguns relatos mencionam que o lobisomem poderia ser um morto, ou seja, um morto retornado, como o vampiro. Para ilustrar temos um caso que ocorreu no Nordeste do Brasil e do espírito dos mortos nórdicos. Para os nórdicos, havia druckgeister, o espírito dos mortos, que matava por sufocação. De várias formas, o que inspirava maior terror era o lobisomem.

Um caso que figura no Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas relata um fato ocorrido no Nordeste. Esse caso pode ser encontrado na revista *Planeta* n. 69, matéria de Elsie Dubugras. Um casal vivia tranqüilo; eram zeladores da igreja e recebiam vários religiosos itinerantes. Um determinado dia, frades passaram pela cidade e almoçaram com o casal. Em meio à refeição, sabe-se lá por que, um dos filhos do casal proferiu alguns impropérios contra os frades. Estes, por sua vez, controlaram-se e partiram pouco tempo depois para outra cidade.

Logo após, a dona da casa morreu, foi enterrada e, passados alguns dias, sua lápide rachou. Um pedreiro foi contratado e após consertar a lápide inúmeras vezes, somando-se aos relatos dos vizinhos, que escutavam urros e gritos durante a noite, ele abandonou o trabalho. A família estava apavorada, quando se lembrou de que um dos frades havia passado pela cidade pouco antes da senhora falecer. Eles foram ter com ele na cidade onde se encontrava. O frade se prontificou em ajudar, mas estranhamente não quis ir, mandando outros dois frades à cidade.

Eles instruíram a família a depositar carne e outros alimentos na sepultura. Após isso, numa noite, enquanto um dos frades rezava com a família na igreja, o outro, com um grupo seleto de pessoas, abria a tumba. Dentro dela havia uma estranha fera, que foi enjaulada e conduzida até um avião. O lobisomem tem como hábito a necrofagia, tanto devorando cadáveres humanos e animais já mortos, ou matando-os.

Crianças e velhos são vítimas em potencial. Ele é destruído com o uso de objetos de prata, balas, punhais. Ao morrer, volta à sua forma humana. Uma lenda grega versa sobre a maldição lançada por Zeus contra Lycaon, rei da Arcádia. Ele foi assim punido devido à sua tremenda crueldade. Como seu nome já demonstrava a força que o movia, talvez Zeus só tenha lhe dado uma forma mais condizente, a de um lobo: Lycaon foi transformado em lobo.

Nos lugares do mundo onde o lobo *não* é conhecido, o fenômeno é adaptado à fauna local. Homens-tigres, ou leões, etc. Um bom exemplo é esta narrativa abaixo:

Um caso estarrecedor foi publicado pela Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, em pleno século XX, 1919 para ser exato. Dois oficiais britânicos relatam o caso de uma aldeia na África que estava sofrendo o ataque de hienas. Inúmeras armadilhas foram montadas; nelas, através de um sistema

basculante, uma arma era disparada assim que o animal tocava a isca. Os oficiais logo notaram que, curiosamente, os rastros das hienas feridas seguiam por alguns metros, para depois serem trocados por pegadas humanas. De campana em uma dessas armadilhas, os oficiais viram uma enorme e estranha hiena se lançar sobre a isca e levar a carga da arma sobre sua boca. A fera rumou para o matagal, e o capitão Shott a seguiu, encontrando em uma poça de sangue a mandíbula da fera. Seguindo o rastro, chegou em uma aldeia, onde ele foi informado de que o chefe local havia acabado de chegar extremamente ferido. O capitão entrou na cabana, o chefe havia acabado de expirar e, observando o cadáver, estarrecedor, este estava sem o maxilar inferior!

Na China, havia a crença de seres humanos se transformarem em raposas. Nesse caso, eles mantinham as qualidades da raposa, espertas e matreiras, não tão destruidoras como os lobisomens. Um fator importante na licantropia é a sexualidade (assim como é no vampirismo), pois os suspeitos de licantropia tinham uma sexualidade que se fazia notória, normalmente destrutiva. O homossexualismo é relatado, bem como a zoofilia.

Ser amaldiçoado pela igreja, ou receber uma carga mágica de algum mago, pode ser um fator desencadeante da licantropia. A pessoa que for mordida ou entrar em contato com o sangue do lobisomem pode adquirir a doença. O lobisomem brasileiro deriva do lobisomem português, que em última instância é o caso de licantropia clássico, com pequenas variações.

Selecionamos algumas crenças de como se processa a licantropia e as expomos na seqüência.

O candidato a ser lobisomem é o filho do incesto, com a idade de treze anos. A partir dessa idade principia sua sina. Ele irá procurar um local onde se esponjou um cavalo, e aí rolará na terra, adquirindo a forma lupina. Toda sexta-feira, no período da meia-noite às duas horas, ele terá que percorrer sete outeiros, sete cemitérios de igreja, sete cidades, sete cantos do mundo, sete encruzilhadas. Só depois desse percurso ele poderá voltar à forma humana, no mesmo local onde se transformou.

Quando está em sua forma humana, é uma pessoa de nariz longo e fino, orelhas grandes, pálido e magro. Seu comportamento é desconfiado e com repentes imprevisíveis. Caso alguém entre em contato com o sangue do lobisomem, pode ganhar a capacidade de se transformar em um. Uma bala untada com vela que ardeu em três missas do galo é usada para caçá-lo.

Em alguns locais do Brasil, e para as populações indígenas, ele é chamado de *capelobo*, sendo meio homem e meio tamanduá ou anta. Índios velhos e xamãs têm a capacidade de se transformar em *capelobo.* Outra forma de adquirir a licantropia era nascer na véspera ou no dia de Natal. Para a Igreja, isso tiraria a atenção do nascimento de Jesus, o que era considerado uma blasfêmia, de acordo com os eclesiásticos.

Na noite de sexta-feira, o lobisomem procura uma encruzilhada, lá se esponja na terra e se transforma. Sétimo filho homem de um casal, o mais novo, via de regra magro e abatido. Para voltar à forma humana, procura um cemitério, lá restabelecendo a sua condição humana. A forma de livrar o lobisomem de sua sina é espetá-lo com o espinho de uma laranjeira que tenha sido plantada numa sexta-feira, à meia-noite. No momento em que a fera está se transformando em humano, deve ser-lhe dada a estocada com o espinho.

Maria do Rosário de S. Lima, em seu livro *Lobisomem: Assombração e Realidade*, narra inúmeras crenças a respeito do lobisomem. Ela demonstra que a crença no lobisomem vem de Portugal, mas também de influência de povos que para cá migraram, como alemães e italianos. Os índios também o conheciam, só que adaptado à fauna local. O lobisomem era o filho mais novo de sete do mesmo sexo, o sétimo filho homem precedido de meninas, o filho de incesto, ou o fenômeno podia ser aleatório, uma praga enviada por Deus. Ser mordido ou entrar em contato com o sangue também transmitiam a licantropia, sem falar, é claro, das práticas mágicas, bruxaria e satanismo.

É descrito como uma pessoa pálida, magra, com pêlos e barba cerrados e abundantes, as sobrancelhas grossas praticamente — ou muitas vezes — se juntando e orelhas grandes. São sorumbáticos e esquivos. Têm por costume longas caminhadas à noite por lugares desertos ou cemitérios. Suas presas principais são crianças, galinhas, filhotes de animais, carniça, excrementos e sangue humano. Ele pode transformar-se todos os dias, especialmente na quinta-feira, menos sábados e domingos. A quinta-feira é o dia especial em que todos os amaldiçoados se transformam (só um detalhe: quinta-feira é dia de Júpiter, Zeus para os gregos, o que é curioso). Tem a forma de um cão grande e negro, mas com algo que lembra o homem, como, por exemplo, ter os quartos traseiros maiores. Ele, em sua ronda, tem que passar por sete cidades antes de voltar ao local da transformação, tudo isso antes de o galo cantar e o Sol raiar. Há relatos de ataques sexuais do lobisomem, estuprando mulheres.

Iremos tratar agora de um ritual muito antigo que conferia a licantropia. Algumas adaptações foram feitas nele para atualizá-lo. Em uma noite de Lua cheia, o mago se encaminharia para uma floresta.

Ele iria procurar um local isolado, traçaria um círculo mágico, faria uma fogueira; nela, um caldeirão suspenso por um tripé seria colocado. Nesse caldeirão seriam fervidos os seguintes ingredientes: ópio, erva doce e gordura de um gato. Outra variação inclui a de babosa, cicuta, cânfora e erva-moura. Quando desse meia-noite, o feiticeiro passaria a mistura pelo corpo e imaginaria a transformação almejada. A tradição medieval mandava que nesse momento se colocasse um cinto feito de pele de lobo.

Evocações então seriam feitas; ele conclamaria divindades, arquétipos ou criaturas ligadas à licantropia. Respiraria profundamente, imaginaria que o arquétipo entraria em seu corpo com o alento. Ele deveria sentir a transformação em cada parte de seu corpo. Seria tomado pela força do ritual, e a concentração deveria ser absoluta, para que dessa forma os resultados fossem alcançados.

O corpo etérico é o agente das manifestações licantrópicas; os romanos já acreditavam que, ferindo o etérico, isso repercutiria no físico. Os próprios índios norte-americanos também tinham rituais em que a força do lobo era invocada com o uso da sua pele. Muito possivelmente uma poção à base de potentes alucinógenos era usada, os cogumelos, por exemplo, pois sabemos que os xamãs faziam uso deles em suas cerimônias.

O leitor não deve pensar em simples alucinação; as plantas de poder (apesar de o cogumelo ser um fungo) abrem as portas da percepção, pelas quais um mundo novo é vivenciado. Muitas vezes fenômenos físicos, entre eles a mudança do tempo, produzindo ou dissipando tempestades, eram gerados por magos tempestários, narrados durante a Idade Média, assim como o poder que tinham sobre os elementos. Se preferirmos manifestações mais brandas, experiências mostram que pessoas sob o efeito do cogumelo têm maior capacidade telepática, entre outras coisas.

CAPITULO VIII

Cabala e Vampirismo

O macho da hiena após sete anos se torna um morcego,
o morcego após sete anos se torna um Vampiro, o
Vampiro após sete anos se torna uma urtiga,
a urtiga após sete anos se torna um abrunheiro,
o abrunheiro após sete anos se transforma em um demônio.

Il Talmud de A. Cohen.

A cabala poderia ser definida grosso modo como a metafísica judaica, sendo entendido que na verdade eles foram os codificadores de inúmeras tradições, durante suas viagens, períodos de escravidão, ou como contato que fizeram enquanto povo conquistado. O nosso objetivo aqui é usar a metafísica cabalística, e seus estudos aprofundados sobre os fenômenos ocultos, para entendermos melhor o Vampirismo.

Iremos agora falar sobre o mito do Vampiro transposto para a cabala, e as eventuais explicações serão feitas intercalando os dois temas (cabala e Vampirismo). As referências ao cristianismo são necessárias, por serem conhecidas dos ocidentais, facilitando dessa forma o entendimento, e além do mais o cristianismo nasce do judaísmo, mantendo inúmeros de seus princípios.

No mito clássico, o Vampiro é um morto que retorna da tumba; se lembrarmos da estada dos judeus no Egito, eles travaram contato com a magia egípcia e toda a cultura da mumificação. Sem falar que os judeus concebiam três corpos para o ser humano: Nepbesh, Ruach e Neshamah. Ruach está associado à mente, à claridade, ao racional; Neshamah, ao princípio mais elevado do ser (esquecendo Chiah e Yechidah). Quando sobrevinha a morte, o Nephesh, aparentado com o perispírito dos espíritas, vagava por algum tempo até sofrer a segunda morte. O Nephesh é o que muitos cabalistas chamam de alma animal, representando o nosso lado instintivo e mais primário, similar ao P'o chinês (ver capítulo II).

Este era o espectro do morto para os egípcios, o fantasma que vagava em cemitérios. Em alguns casos, esse corpo poderia ser possuído por um Qliphoth, um demônio, o que o levaria a executar a mais ampla série de atividades destrutivas, entre elas o vampirismo. Qliphoth são conchas, cascas, cacos dos cálices sagrados quebrados quando o poder criador da divindade cingiu o universo pela primeira vez. São os demônios mesopotâmicos, cananeus incorporados pelos judeus.

Para a cabala, em especial a hermética, há um símbolo composto que serve para representar o universo e nossa inter-relação com ele: é a Arvore da Vida. Essa abordagem tem muito dos conceitos socráticos e pré-socráticos e, claro, platônicos. Essa árvore foi formada a partir de uma fonte misteriosa, chamada Ayin Soph; dela emanaram uma série de princípios, que continham em si o potencial para criar tudo o que conhecemos. Do Ayin Soph brotou Kether, a primeira Sephira (nome hebraico para numeração), dela veio Chockmah, e de Chockmah, Binah, e assim sucessivamente até Malkuth, a décima e última Sephira.

Essas Sephiroth (plural de Sephira) e os inúmeros caminhos que as ligam formam a Arvore da Vida. Cada uma dessas Sephiroth terá suas próprias características e deuses, anjos e demônios correlatos, e mais uma infinidade de coisas. (Os estudiosos de cabala me perdoem pela exposição tão sintética e aglutinadora, mas, apenas lembrando, o livro versa sobre Vampirismo; em outro livro de minha autoria, *Cabala: a Árvore da Vida*, da Edípro, há uma explanação mais detalhada sobre cabala, sem que ele deixe de ser um livro iniciatório sobre o assunto.)

Faremos uma pequena descrição das Sephiroth.

Kether simboliza a coroa, o planeta Plutão; é a primeira, simboliza a origem de tudo; inconcebível, podemos chegar até ela apenas por símbolos, o masculino e feminino unidos.

Chockmah: sabedoria, planeta Netuno, o masculino, o falo, impulso.
Binah: compreensão, planeta Saturno, a grande mãe, o útero, o cálice.
Daath: conhecimento, planeta Urano; esta é a Sephira que não é Sephira, simbolizada pelo abismo, um deserto habitado por demônios.
Chesed: misericórdia, planeta Júpiter, religião, filosofia, sorte, o demiurgo, espaço.
Geburah: força, planeta Marte, determinação, destruição.
Thiphareth: beleza, o Sol, o local do eu superior, a cruz, o sacrifício místico, harmonia.
Netzach: vitória, planeta Vênus, a rosa, arte, a cruz ansata, amor.
Hod: esplendor, planeta Mercúrio, intelecto, som, escrita, magia.
Yesod: fundamento, Lua, luz astral, energia sexual, o duplo, registros akáshicos.
Malkuth: o reino, planeta Terra, o corpo, a matéria, a noiva.

A Árvore da Vida é composta de três pilares; são eles o da severidade, um pilar feminino, que fica à esquerda da Arvore e é associado ao nadi Ida, composto pelas Sephiroth Binah, Geburah e Hod. O outro pilar é o da misericórdia, masculino, está à direita da Árvore, Pingala é seu nadi, composto por Chockmah, Chesed e Netzach. No centro da árvore há o pilar chamado pilar do meio, que une masculino e feminino e é associado ao nadi Sushumna; as Sephiroth que o compõem são Kether, Daat, Tiphareth, Yesod e Malkuth.

Algumas Sephiroth em particular serão relevantes para nós, entre elas a Binah, a grande mãe da cabala, representada pelo mar, onde a água na verdade é sangue, fonte de toda a vida. O planeta que lhe é atribuído é Saturno, o antigo titã, senhor do tempo (o Cronos grego), associado ao deus Shiva. O leitor deve estar se perguntando: “Mas Binah não era a grande mãe?”. A resposta é sim, mas cada Sephira compartilha da energia de sua contraparte, no caso, Chockmah, o grande Pai, sem falar que quando nos referimos a sexo, entendam-se polaridades.

Shiva e Saturno têm inúmeros atributos intercambiáveis, assim como o deus egípcio Seth ou Shaitan dos yesides, todos eles são representações da mesma força. A idéia de Shiva e Kali seria muito interessante, ou, dentro do sistema thelêmico, Therion e Babalon como representantes dessas polaridades. Binah e Kali são negras (negro é a cor de Saturno e Binah, conseqüentemente), e representam aspectos do feminino destrutivo por um lado, e protetor por outro. Elas são o ventre que dá à luz, vida, e a cova na morte. Voltando a Saturno, ele era conhecido pela astrologia medieval como o grande maléfico, ligado à bruxaria e ao diabolismo. E fácil lembrar quantas datas ligadas ao vampirismo estão sob o signo de Capricórnio, regido por ele. Sem falar, é claro, no negro, na morte, no lado animal, todos sob a regência de Saturno. Esse feminino destrutivo terá um arquétipo perfeito em Lilith, mas para compreendê-la na totalidade faz-se necessário o estudo de outra Sephira.

Há uma lenda de Ishtar, a Vênus da Mesopotâmia, que, ao descer aos infernos em busca de seu amado, ameaçou: “Se a porta não for aberta, ensinarei o morto a voltar à vida”. Vênus, na Arvore da Vida, é atribuída à Sephira Netzach, hebraico para vitória. O mito do vampiro tem os aspectos sensuais e o

desejo da perpetuação, atributos de Vênus e conseqüentemente de Netzach. Ela é associada ao seguinte: manter-se incorruptível, sexo e prazer, não envelhecer, a cosmética tanto embeleza como faz a idade aparentemente retroceder. O narcisismo, como Elisabeth Bathory e seus banhos em sangue para rejuvenescer, usando a vida e energia de jovens mulheres. Vênus também é a estrela da manhã, ou, se preferirmos Lúcifer, o anjo rebelde.

A raça humana foi criada em uma sexta-feira, dia consagrado a Vênus. Lúcifer, tomado de ciúmes (um sentimento bem venusiano), declara guerra à humanidade. Assim reza a lenda, e independente disso, poucas pessoas irão negar o aspecto sensual do vampiro. Sephira de vital importância será Tiphareth, o Sol, o filho de Binah e Chockmah.

O vampiro é destruído pela luz do Sol na tradição; além disso, ele anda à margem, no mundo das sombras. Esse fato tem uma analogia cabalística importante. Quando ocorre a morte, o mago ou feiticeiro tem a capacidade de evitar a segunda morte: ele pode alimentar-se, nutrir-se dos vivos.

Mas, dessa forma, na maioria dos casos, ele cria uma cisão, uma ruptura entre o Ba e o Ka, usando a terminologia egípcia. Quando o vampiro diz que não tem alma, é à alma de luz que ele se refere. Dessa forma, ele é um ser pela metade, pois há uma outra forma de vencer a morte, muito mais efetiva e juntando os dois aspectos, mas ela será mais bem abordada no capítulo sobre a missa da Fênix.
Outro símbolo de Tiphareth é a cruz, símbolo do sacrifício do iniciado, o mito da crucifícação de Jesus, ou Buda iluminando-se à sombra da árvore Bo. Nesse momento, o iniciado se torna adepto, ele morre e renasce. Lembrando que a cruz é um símbolo pré-cristão, seja a cruz latina, suástica ou Tau.

O vampiro não suporta esse símbolo, justamente ele, que se recusa a morrer e se agarra à sua vida. Que seja entendido que o que morre em um iniciado é a sua *persona*, este ser que atende por um nome de certidão de nascimento, e tem um número de RG. Dessa forma, ele se abre ao manancial de sabedoria incomensurável de todas as suas encarnações, deixa de ser ele mesmo, como uma lagarta que se torna borboleta.

O iniciado que conseguiu o conhecimento e a conversação com o Santo Anjo Guardião (eu superior), é um Sol, mas esse Sol deve renascer após o abismo. Mas dessa vez como um buraco negro, que suga toda a luz. Passado, presente e futuro são uma única coisa nesse momento. A estaca é fincada no coração, órgão físico solar, e a própria decapitação, o ato de separar a cabeça do corpo, ambos são atos que destroem o vampiro e estão intimamente ligados a Tiphareth. Mas o Vampiro vulgar se mantém agarrado à sua *persona.*

Crowley nos mostra a diferença entre os dois tipos. O adepto verterá seu sangue na taça de Nossa Senhora Babalon, o sangue dos santos, o vinho do sabá. Desse modo, são eles feitos dignos de se tornar participantes do mistério desse cálice sagrado, pois o sangue é a vida.

Mas não confundamos o derramamento do sangue do cordeiro, um ritual dos Irmãos Negros, pois eles selaram o Pilone com sangue para que o Anjo da Morte aí não entre. Assim se desligaram eles da companhia dos santos. Assim se guardam eles da compaixão e do entendimento. Amaldiçoados são eles, pois prenderam seu sangue em seus corações. Eles se guardam dos beijos de minha mãe babilônia, e em suas fortalezas solitárias oram à falsa Lua. E se obrigam, juntos, a um juramento, e a uma grande maldição. Em sua malignidade, conspiram juntos, e têm poder e domínio, e em seus caldeirões fervem o vinho azedo da ilusão, misturado ao veneno de seu egoísmo. Assim eles fazem guerra ao santo, enviando sua ilusão aos homens e a tudo que vive. De maneira que sua falsa compaixão é chamada compaixão, e seu falso entendimento, entendimento, pois este é seu feitiço mais potente.

Contudo, de seu próprio veneno perecem em suas fortalezas solitárias: serão devorados pelo tempo, que os enganou para servi-lo, e pelo poderoso demônio Choronzon, seu mestre, cujo nome é a Segunda Morte, pois o sangue que eles borrifaram em seu Pilone, que é uma barreira contra o Anjo da Morte, é

a chave pela qual ele entra! Essas partes são do livro de Thoth de Aleister Crowley, lançado pela Madras; são muito instrutivas sobre cabala e vampirismo.

Deus cria o ser humano usando epher, marah e dam, respectivamente, pó, bile e sangue. Deus proferiu: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”... Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, macho e fêmea ele os criou. Essas simples linhas já nos mostram que o primeiro ser era andrógino como a divindade. A palavra hebraica para sangue é dam, juntando-a ao aleph (a letra a), que tem como atributo o ar, teremos Adam, o primeiro ser humano.

O primeiro humano é formado de sangue e ar, e só podemos pensar no prana dos indus, que é a energia do Sol transmitida através do ar, e no corpo humano está presente no sangue. Sangue em hebraico soma 44, o mesmo valor numérico de Fênix. Palavras com valores iguais comungam da mesma natureza.

Com isso o sangue é um elemento importantíssimo no ser humano e a chave para seu renascimento, a Fênix. Mas essa composição nos faz vítimas de Lilith, que jurou se alimentar do sangue dos filhos de Adão, a raça humana. Adão também tem relação com Adamah (terra), e a sua parte material insuflada pelo alento divino. De posse das chaves que a cabala nos oferece, podemos fazer uma releitura bastante proveitosa da Bíblia. Tomemos uma passagem do jardim do Éden. Lá estavam Adão, Eva, a Serpente, a Arvore do Conhecimento do Bem e do Mal, a Arvore da Vida e, claro, Jeová.

A Árvore do Bem e do Mal é irmã da Árvore da Vida, foram criadas juntas, e é de se imaginar que nelas houvesse uma genética divina, assim, em essência, produziriam frutos similares. O homem podia comer os frutos de todas as árvores, menos da do Bem e do Mal; caso ele comesse o fruto dessa Árvore, ele morreria. Deus lhe cria a dócil Eva (tanto Adão quanto Deus deviam estar com seus egos masculinos feridos por Lilith), que seria a companheira de Adão, e juntos seriam uma só carne, algo meio andrógino. Eva, nua em folha, passeava pelo jardim, quando ela se depara com a Serpente (Kundalini), que lhe diz que se comer da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal ela se tornaria igual a Deus. O casal do Éden comeu o fruto proibido e, como concorrência é algo ruim, Deus baniu os futuros deuses.

Uma parte é deveras elucidativa; Deus disse: “Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, pois, para que não estenda a sua mão, e tome também o fruto da Árvore da Vida, e dessa forma viva eternamente”. O Senhor lançou o homem na Terra. Essa confissão de culpa é fantástica: se Deus é único, quem é o nós? Eis que o homem é como um de nós — eram vários deuses, e, claro, interessadíssimos em manter a sua hegemonia. De posse do conhecimento da sexualidade e da Árvore da Vida, Eva e Adão se tomariam deuses.

Vamos destrinchar mais o mito bíblico. Conhecimento em hebraico é daat, que também é o nome de uma Sephira, como já vimos. Transposta para o corpo humano, Daat fica na garganta, justamente onde nossas avós diziam que a maçã de Adão entalou, o famoso pomo de Adão dos homens. Daat é uma tremenda prova para qualquer iniciado; é a transcendência do bem e do mal, do tempo (Binah) e espaço (Chesed), a união de Seth e Hórus. E isso é conseguido pelo domínio da energia sexual, a Kundalini, a Serpente que foi chutada do paraíso juntamente com a raça humana. Daat também é o local dos demônios, um deserto de areias movediças, similar àquele para onde Lilith se retirou (eu iria colocar fugiu, mas ela riu desdenhosamente de mim) e criou toda a sua descendência de demônios.

Há quem diga que Lilith unida a Samael seria o Leviatã; de qualquer forma, é uma idéia interessante. Eles unidos formariam um andrógino demoníaco como Kether; Samael seria Chockmah, e Lilith, Binah. Voltando ao nosso mito bíblico, a Arvore da Vida é o próprio universo; a chave da imortalidade está no universo, mas, como dizem os gregos: “Homem, se queres conhecer os deuses e o universo, conhece a ti mesmo”.

Outra ferramenta da cabala é a numerologia; ela nos ensina que palavras com valores numéricos iguais têm um parentesco, comungam de significados iguais ou complementares. Serpente tem a mesma

numerologia que sabedoria, Chockmah. E fácil imaginar que há bem mais nesse mito do que imaginávamos.

A Lilith hebraica é, como já vimos, derivação de divindades e demônios femininos mesopotâmicos. Na Idade Média, ela era a rainha dos íncubos. O sangue carrega muito prana, justamente como o esperma, e Lilith tem interesse em ambos.

Além da Lilith, um outro tipo de ser que merece a nossa atenção são os Nephilim; há muita especulação sobre o que eles seriam, por isso selecionamos algumas teorias e passagens bíblicas sobre eles. Naqueles dias, havia gigantes sobre a Terra, e continuaram existindo; os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, e delas geraram filhos; estes eram os mais valorosos que existiram na Antigüidade, varões de fama. (Gênese 6: 4.)

Nephilim, traduzido do texto hebraico, seria caído, ou seja, como os anjos que caíram junto com Lúcifer. O Nephilim e o cruzamento entre anjos caídos e as mulheres humanas produzem uma raça de gigantes (leia-se seres poderosos). Eram conhecidos por sua força e coragem.

Possivelmente a história dos Nephilim começa com Shemhazai, um anjo de alta hierarquia. Ele desceu à Terra para instruir os homens, mas ao ver as fêmeas humanas, eles as desejaram. Após realizar o desejo, eles instruíram as mulheres na magia. O fruto desse acasalamento foi os Nephilim. Altos, mais que os homens comuns, de força incrível e com um apetite voraz, eles causaram extrema destruição, atacando inclusive os homens.

A história dos Nephilim encontrará paralelo em várias tradições: para os espíritas, eles eram os exilados de capela, para alguns ufólogos, o cruzamento entre ET’s e humanos, para os gregos, semideuses. Encontraremos os Nephilim tanta na Bíblia como nos manuscritos do Mar Morto. Como os Nephilim eram extremamente poderosos, os judeus os temiam e respeitavam.

CAPITULO IX

Cristianismo, Satanismo e Vampirismo

Os deuses deliberam sobre o que fazer com o trabalho, um deles tem a idéia de criar uma raça de escravos que produziria cultos, imagens, oferendas e sacrifícios. Desta forma foi criada a raça humana.

Lenda da Mesopotâmia, 2500 a . C.

O cristianismo, da forma que o conhecemos, é uma das religiões mais vampíricas que existem, alimentando-se da energia dos seus fiéis, seja dos donativos financeiros ou da energia gerada por inúmeras práticas antinaturais. Vamos tomar por base os sete pecados capitais, que estão intrinsecamente associados à vida cotidiana e à natureza humana. Você tem diante de si um manjar extremamente saboroso, seu prato predileto; você está em bom estado de saúde, o peso compatível, enfim, nada que o proíba de se lançar com toda a gula sobre o prato delicioso, mas "Deus" o proíbe (como se Deus não tivesse coisas mais importantes com que se se preocupar).

Outro exemplo: você saiu para dançar e se depara com aquela linda mulher ou aquele belo homem (de acordo com o gosto de cada um). Uma atração mútua acontece, os corpos clamara pela pele do outro, beijos ardentes são a decorrência natural, as mãos passeiam nas curvas do corpo do parceiro. Um quarto, um banheiro, uma sala solitária, um local para ficar a sós. A luxúria é pecado, e, em tempos de AIDS, fazer sexo sem preservativo uma loucura — problema duplo, pois o Papa condenou o uso da camisinha.

Projetando-nos em plena Idade Média, em qualquer rincão da Europa, a primeira coisa que vemos ao longe é o campanário das igrejas, a casa de Deus, diferente dos dias de hoje, em que vemos os prédios, a casa do homem. O toque dos sinos chama os fiéis cordeiros para a missa, em latim, é claro, herança dos romanos (pena que só sobrou isso da velha e devassa loba); a vida era dura, pelo menos para os fiéis, pois a Igreja era poderosíssima, senhora de terras e de opulentas riquezas que contrastavam com a miséria reinante.

Ter posses, dinheiro, era pecado, então nos apressávamos em doá-lo à Igreja — o caminho para o céu poderia ser comprado, e o Papa era infalível. Quem já leu Umberto Eco, *O Nome da Rosa*, terá uma imagem premente em sua mente. As antigas festas pagas foram marginalizadas, a bruxaria e os sabás considerados obra do Demônio; como já falamos no início deste capítulo, o natural é errado e mau — este é um "Deus" masculino e infantil a brigar com sua mãe natureza.

Uma pessoa comum estava em eterna luta entre seus apetites e o status religioso imposto pela igreja. Isso gerava um enorme sentimento de culpa, quebrando energeticamente a pessoa; seu poder de decisão era transferido para a Igreja, a pessoa abdicava do que há de mais divino em cada um de nós, a nossa vontade. Essas pessoas funcionavam como baterias que carregavam a egrégora vampírica da Madre Igreja. Toda a energia represada, castrada, era lançada em busca de redenção, justamente para a entidade que criava o suplício, a igreja. Dessa forma ela acumulou fiéis, terras, poder político, mas,

acima de tudo, energia espiritual, um gigantesco vampiro, no aspecto mais baixo (no sentido de degradante) que a palavra possa ter.

Não estou querendo ser epicurista, ou pregar apenas o saciamento das paixões e desejos, o que digo é deveras diferente: quando um iniciado não come determinado alimento, ou jejua, não faz sexo, etc, ele ou ela (iniciado) está buscando um determinado fim — é como estudar para o vestibular. Temos que abdicar de algumas coisas para o nosso fim, e não porque estas coisas sejam más ou do "Demônio". Como disse Oscar Wilde, a melhor forma de se livrar de uma tentação é cair nela, e somente seremos donos e senhores de algo conhecendo-o e não fugindo dele — aprende-se a andar de bicicleta andando. Um ser humano deveria testar suas capacidades, conhecer os seus limites, aí sim ele poderia se dizer livre, caso contrário ele será corno uma criança que os pais impedem de fazer isso ou aquilo por ser errado. Um bom exemplo foi Aleister Crowley: fez de tudo na vida sempre em busca de seus limites, fossem eles físicos, pois foi um grande alpinista, mentais, um grande enxadrista, ou espirituais.

Mas a era cristã não teve apenas escória como sua representante. Grandes místicos constam de seus quadros: São João da Cruz ou Santa Tereza, sem esquecer de Francisco de Assis e Inácio de Loyola. Eles foram fiéis representantes de uma era que acabou (e morre lentamente), o fim do Aeon de Peixes.

O cristianismo tem suas origens nos cultos dionisíacos e mitraicos, a sublimação, a busca pelo inatingível, o sofrimento como caminho iniciático, o coletivo em detrimento do individual. Uma lenda que passa bem o espírito original do cristianismo é a lenda de Orfeu. Orfeu foi músico e poeta, ajudou a todos que pôde sem, contudo, poder ajudar a si mesmo, e a ele são atribuídas inúmeras curas. Com o poder de sua música contagiava as pessoas, transmitindo amor e paz, e até as feras se prostravam para ouvi-lo. Foi personagem na expedição dos argonautas atrás do velocino de ouro, tendo salvado todos com o poder de sua música, quando eles se defrontaram com as sereias.

Na volta se casou, mas um infortúnio o esperava: sua bela esposa Eurídice foi picada por uma cobra e morreu, e ele, inconformado, vai até o Hades em busca de sua amada (sua música foi a chave utilizada). Por onde ele passava nos sombrios domínios do submundo, sua música encantava a todos os horrores, as Moiras por um fugaz momento pararam de tecer, Cérbero, o cão de três cabeças de Hades, deitou-se ao embalo da suave música e as Harpias, seres rapaces e sanguinários, ficaram imobilizadas pela bela música. Por fim ele chegou até o poderoso Hades, regente do submundo e sua mulher Perséfone, e fez o pedido: queria poder reaver sua amada. Hades concorda, mas com a seguinte condição: ele não poderia olhar para trás até sair do submundo. Orfeu começa sua jornada de volta, mas a dúvida e a insegurança o invadiram, e, temendo ter sido enganado por Hades, ele se vira e vê sua amada pela última vez, e para nunca mais.

Uma dor atroz o acompanhou por toda a vida, e para remediá-la ele pregou por todo o mundo, levando sua palavra de amor. Condenava os sacrifícios e pregava uma vida mais frugal, tornando-se assim um pregador espiritual. Seu fim foi trágico: muitos julgavam que ele queria se tomar um deus, e por isso teria sido despedaçado e morto. Algumas lendas atribuem a Dioniso a sua morte, pois o deus havia ficado enciumado de Orfeu. Por sua compaixão e bondade, Orfeu foi sempre lembrado; também por seu amor incondicional e o sacrifício pelo próximo, e por não poder ajudar a si mesmo e escapar do fim terrível. Essa lenda ilustra as raízes do cristianismo e o que ele tinha de melhor, se esquecermos dos gnósticos, antes de sua secularização e total deturpação, seja do passado ou do presente, seja de católicos ou de protestantes.

O fundador do cristianismo, Jesus, quer tenha existido ou não, sabia perfeitamente dos arcanos secretos do Vampirismo, daí a preocupação com seu sangue. O ato de beber esse sangue conferia a capacidade de comungar com o Cristo (nesse caso, Jesus). A própria morte de Jesus é bastante esclarecedora; reza a lenda que o espinheiro, planta usada contra bruxas e Vampiros, foi usado na confecção da coroa de espinhos. Os cristãos atribuem a eficácia do uso de plantas espinhosas contra bruxas e vampiros devido à coroa de espinhos de Jesus Cristo. Mas essa crença é bem anterior ao cristianismo.

Selecionei algumas passagens da vida de Jesus interessantes para o nosso estudo.

(Mateus 27:51 a 54) E eis que o véu do santuário se rasgou de alto a baixo em duas partes; a terra tremeu e fenderam-se as rochas; abriram-se os túmulos e muitos corpos de santos ressuscitaram; e, saindo do sepulcro, depois da ressurreição de Jesus, vieram à cidade santa e apareceram a muitos. O oficial romano e os que com ele guardaram Jesus, vendo o terremoto e tudo quanto sucedera, ficaram com muito medo e diziam: "Verdadeiramente, este era filho de Deus".

(Mateus 28:5 a 7) O anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: "Não tenhais medo. Sei que procurais Jesus, o crucificado. Não está aqui, ressuscitou, conforme tinha dito". A mim o sangue e o corpo, a morte e a ressurreição, a ressurreição da carne.

A Igreja, exímia em criar formas de estabelecer o seu poder, usou, entre os vários elementos, dois muito relevantes ao Vampirismo: a excomunhão e o exorcismo. Antes de tratar deles diretamente, faz-se mister esclarecer alguns pontos. O poder mágico de qualquer ritual reside mais no operador do que na fórmula utilizada (é claro que existem as fórmulas poderosíssimas, como o enoquiano, zos kia e, claro, magick. Mas o operador, o magista, é o elemento mais importante no ritual.) Para que o exorcismo ou a excomunhão surtisse efeito, era necessário que a vítima deles estivesse sob a influência do cristianismo.

A criança, ao nascer, sofre indefesa o batismo, e daí em diante são implantados nela toda a sorte de dogmas. Quando adulto, o universo pessoal e, conseqüentemente, mágico, está repleto desses ícones, e por mais que ele às vezes transgrida as leis religiosas, no seu interior há algo que o acusa.

Dessa forma, a Igreja tem os elementos perfeitos para exercer o seu poder. Essa prática foi usada ao extremo por católicos e protestantes. Independentemente de a maior parte ser simplesmente teatro (o leitor, em suas madrugadas insones, deve ter tido amostras televisivas disso), nos casos verídicos os demônios envolvidos são crias do próprio cristianismo. No mito do vampiro, isso é claro, e o número de casos de vítimas de excomunhão que se tornam vampiros é enorme. Quem vem "salvar a comunidade"? A própria Igreja criadora do problema — muito curioso.

Havia um ponto de discórdia entre católicos romanos e ortodoxos: a incorruptibilidade dos corpos. Para o romano, prova de santidade; para o ortodoxo, maldição. Para o vampirologista Dom Augustin Calmet, o vampiro era obra do diabo, que se apossava do corpo do morto para práticas vampíricas. Menciona a excomunhão como um dos elementos que podem tornar alguém um vampiro. Ele escreveu um livro, *Dissertation sur les Aparitions des Anges, des Démons et des Esprits, et sur les Revenants et Vampires de Hungrie, de Bohême, de Moravie et de Silésie,* em que trata da problemática do vampiro. Nesse livro, relata, por exemplo, que era comum pessoas mortas há anos aparecerem em festas, ocasionando mortes de outros participantes.

Leone Allaci publicou em 1645 suas observações e teorias a respeito do vampirismo. Seu foco foi a Grécia, sua terra natal. Também para ele, o diabo é um elemento decisivo para o fenômeno do vampirismo. O diabo (vampiro) sai em sua ronda noturna por aldeias e vales, passando pelas habitações. Ele então chama as pessoas pelo nome, e quem responde morrerá brevemente. O Vrykolakas chama uma única vez. O vampirologista Leone Allaci estudou o poder da excomunhão e da absolvição, convencendo-se amplamente de seu poder. Giuseppe Davanzati foi um crítico da histeria sobre o vampirismo, tentando desmistificar o fenômeno. Ele escreveu, na cidade de Nápoles, o livro *Dissertazione sopra i Vampiri.* E praticamente impossível falar de cristianismo institucionalizado sem falar do Diabo, e da obra de Satã. Aqui nos restringimos à ótica cristã, e não nos referiremos aos cultos setianos ou a Shaitan, que são tão antigos quanto o tempo.

A ligação entre o vampirismo e o satanismo é evidente para muitas pessoas. Para a teologia cristã, o vampiro era uma entidade que andava à margem da graça de Deus. Conseqüentemente, nos domínios de Satã. Já em 1645, Léo Allatius escreveu o primeiro livro que tratava do vampirismo, o que nos faz imaginá-lo como um assunto que preocupava algumas comunidades paroquiais. A Inquisição da igreja

cristã foi o elemento que jogou de vez tanto a bruxaria quanto o vampirismo para o lado do satanismo. Voltando à descrição de Allatius, que estudou profundamente o vampirismo na Grécia, o vampiro grego (Vrykolakas) era definido como tendo o corpo incorruptível, não sofrendo a putrefação natural. Quando esse fenômeno de não-putrefação ocorria, o clérigo local era chamado, por tratar-se de obra demoníaca. O padre fazia algumas preces à Virgem Maria e, novamente, oficiava o funeral do corpo em questão. Allatius retirou essa descrição de escritos de data desconhecida.

É interessante notar que o próprio Allatius descrevia os vampiros como aliados do Príncipe do Mal. Para ele, os demônios reanimavam os corpos dos defuntos. Esse pensamento de Allatius não é, de nenhuma forma, *sui generis.* Em Montenegro, o vampiro era o corpo de um morto possuído por maus espíritos. Como já vimos, o Baital indiano era o vampiro-demônio que animava cadáveres para suas atividades. Cascarrões de defuntos são possuídos por Qliphoth, que se aproveitam das memórias do morto para seus fins nefastos. O vampiro satânico, para a mentalidade católica, seria sujeitado pelos ícones sacros (ou ortodoxos) dos católicos, ou seja, água benta, crucifixos, hóstia, etc. Na verdade, o que notamos por nossa experiência é que qualquer símbolo religioso terá a força da egrégora da religião da qual provém, aliado à força humana que projeta o divino através desse símbolo. Conseqüentemente, essas são armas poderosas contra forças antagônicas.

Dom Augustin Calmet fez um amplo estudo sobre os casos de vampirismo na Europa Oriental e tinha a mesma opinião de Allatius, ou seja, também pensava que os demônios animavam o corpo dos mortos. Seus trabalhos foram lidos em toda a Europa. Os Vampiros existem, e são obra de Satã, são corpos reanimados pelo demônio, segundo ele. Léo Allatius cita o *Malleus Maleficarum {O Martelo das Maléficas,* um guia de caça às bruxas), no qual as mesmas regras para a existência da bruxaria eram aplicadas ao Vampirismo, ou seja, a permissão de Deus (muito engraçado, em qualquer tribunal humano Deus seria cúmplice). O diabo é um cadáver; no caso da bruxaria, eram a mesma coisa, colocando-se a bruxa no local do cadáver. Dessa forma, o Vampiro anda pelo mundo aquém da misericórdia de Deus (antes só do que mal acompanhado, afinal o Deus cristão, com suas ignomínias, pedindo crianças cm sacrifício ou apostando e tomando parte na obra do diabo, para depois condenar à danação o infeliz pecador, não me parece uma companhia agradável). Dessa forma, o Vampiro estava atado a Satã, o opositor de Deus.

A Igreja Católica Apostólica Romana, e a Ortodoxa também, preocupava-se com a mutilação que a caça aos Vampiros estava produzindo em inúmeros cadáveres, pois esses corpos de cristãos estavam à espera da ressurreição. Bem, quase todos, devido à peste de Vampiros que assolou a Europa no século XVII, é de se imaginar que alguns ressuscitaram por conta própria. Drácula, de Bram Stoker, deixa clara a origem satânica de seu vampiro. Por crer que seu deus o havia traído, o príncipe Vlad o renega e amaldiçoa a cruz criando, dessa forma, uma aliança com as trevas e Satã. É interessante notarmos que Stoker foi membro da Golden Dawn (Aurora Dourada, a mesma à qual Crowley pertenceu), uma das mais importantes ordens mágicas de todos os tempos. Nela, ele entrou em contato com a magia, a cabala, as técnicas de viagem astral e inúmeros eventos fantásticos.

Outra fonte de Stoker foi o livro de Emily Gerard, *The Land Beyond the Forest* (A Terra Além da Floresta). Nesse livro, fala-se a respeito de uma escola na Transilvânia, que era presidida por Satã em pessoa. O vampiro era naturalmente associado aos íncubos e súcubos, demônios noturnos que tentavam os fiéis com o pecado da luxúria. Para o imaginário medieval, havia uma entidade que seduzia e levava as mulheres a realizar atos sexuais enquanto dormiam. Essa entidade, com aparência masculina, era o incubo. Ele poderia se transformar num súcubo, que era a sua contraparte feminina. Para outros, súcubos e incubo eram entidades distintas. Mas, seja como for, a sua maneira de agir era inquestionável.

Alguns padres diziam que um demônio poderia assumir a forma de um súcubo, copular com um homem e utilizar seu esperma para engravidar uma mulher, visitando-a como um incubo. Tomás de Aquino narrava que crianças eram geradas através dessa prática.

O nome incubo deriva da raiz latina para incubação. Antes do cristianismo, havia a prática corrente de pessoas dormirem nos templos, onde eram visitadas pelas divindades, prática esta que remonta à Mesopotâmia (as mulheres eram visitadas pelo deus Marduk e era praticada a prostituição sagrada).

Ludovico Maria Sinistrari afirma que os "sucos vitais" e a virgindade eram o objetivo de íncubos e súcubos. Os íncubos poderiam tomar a forma de alguém respeitável para a vítima, o que lhe facilitava o ataque. O Papa Silvestre II era conhecido por manter um caso com um súcubo. O envolvimento de grande número de clérigos com o satanismo é evidente; como exemplo nós temos o Abade Beccarelli, que promovia intensas orgias, nas quais curiosamente se fazia uso de artes mágicas para quem quisesse mudar de sexo. Sem falar de uma infinidade de Grimórios atribuídos a Papas como o Grimório do Papa Honório.

CAPITULO X

A Missa do Vampiro

"O Vampiro, homem feito Deus,
bebe sangue alimento dos deuses."

Frater Piarus

"Ao ser apresentado a Isadora Duncan, o mago inglês Aleister Crowley perguntou se ela queria receber o "beijo da serpente". Ela aquiesce, e Crowley pega o pulso da bailarina e o morde profundamente, sugando todo o sangue que jorrava da ferida. Agindo assim, repetia simbolicamente a atitude de um dos mais persistentes arquétipos da raça humana, o vampiro."

Paulo Coelho, revista Planeta., n. 105.

Aleister Crowley foi um mago extremamente poderoso e mal afamado; suas práticas bizarras e seu descaso para com os valores vitorianos (a hipocrisia reinante naquela época, como agora) condenaram-no ao hall dos malditos, mas ele está em boa companhia. Crowley vasculhou todos os rincões da alma humana, experienciou incontáveis caminhos iniciáticos, viajou e estudou nas mais diversas partes do mundo, como Índia, Egito, México e Rússia, só para citar alguns. Pesquisador do saber arcano, navegador dos confins da mente, criador de um sistema de magia que traz uma vasta gama de conhecimentos, das mais variadas culturas e povos, incluindo o Vampirismo.

Para saber mais sobre a magia de Aleister Crowley, sugiro a leitura de meu livro *Rituais de Aleister Crowley*, também pela Editora Madras. A missa da Fênix, a missa do Vampiro, é o mais lembrado de todos os rituais criados por ele para este tema, mas não é o único. Crowley estudou e praticou o Vampirismo, mas de uma forma extremamente sublime, praticamente incompreensível para o não iniciado. O sangue, como o sexo, é uma fonte incrível de poder, e a junção dos dois é o elixir rubro dos alquimistas, o sangue dos santos na taça de Nossa Senhora Babalon. A vida nasce do sangue, a junção do espermatozóide com o óvulo, ou seja, da energia prânica e das entranhas do próprio ser. Este ciclo é regado pela Lua de sangue, a menstruação; a Lua Nova, a face escura da Lua; Hécate, a bruxa e feiticeira, Lilith. O sangue é usado em rituais desde tempos imemoriais, fonte da vida, o fluxo que une mãe e filho. O melhor sangue é o da Lua mensal, de acordo com o *Livro da Lei*, o grimório de instruções mágicas da nova era.

Há um ritual da O.T.O. em que o sangue dos iniciados é transubstanciado dentro da taça de Nossa Senhora Babalon, "a mãe das abominações". Nossa Senhora Babalon, em posse do sangue dos santos em sua taça, pode gerar incontáveis filhos, que são alimentados indiretamente pelo sangue dos santos. Essas técnicas de uso energético de terceiros são chamadas de magia da Lua, em analogia ao fato de a Lua brilhar com a luz do Sol, e, em um plano simbólico, ao uso da energia prânica, sem falar, é claro, da associação natural da Lua com o feminino, a bruxaria, Lilith e correlates, não esquecendo a maternidade e o parto — todos esses tópicos da magia lunar são também do Vampirismo. Dessa forma, nesse rito, são unidos os símbolos do Pelicano e da Fênix. Na mitologia, o Pelicano alimenta suas crias com o sangue de seu peito, uma prova de seu amor abnegado. A Fênix é a ave mitológica que renasce das cinzas, renasce da morte.

O que tudo isso representa é muitíssimo vasto para ser tratado neste breve ensaio sobre Vampirismo, mas para termos uma pequena idéia de sua abrangência imaginemos o seguinte: todas as religiões tiveram seus mártires e santos — Cristo, Orfeu, Mansur el Hallaj, entre outros. Todos, de uma forma ou de outra, tiveram que se oferecer, em sacrifício em prol do que acreditavam, não necessariamente à morte violenta, comum a tantos, mas ao riso, à blasfêmia, ao descrédito e às perseguições de toda a espécie. Sacrificaram suas vidas, seu sangue, para que novos pudessem vir, compartilhando de seu sangue, ou seja, suas crenças, seus herdeiros, seus filhos. A yoni é a taça onde todo o sangue deve ser vertido, ou seja, toda a força dos desejos, e depois disso só resta o vácuo. É necessário que o corpo, a *persona*, morra para que possa renascer na nova vida.

O bebê do abismo é gerado no ventre de Babalon (ou seja, Daa't, o ventre de Babalon, a mãe das abominações). O iniciado morre e renasce, como a Fênix. Para a mulher, é idêntico ao momento após o orgasmo, o fogo de pentecostes consumirá o universo. Sujeito e objeto são fundidos no fogo sêxtuplo do amor. Os egípcios entesouraram esse saber no livro dos mortos. Onde o morto se transubstanciava em Fênix, ele se lançava na matéria primordial como Khepra, remoçando, revivendo. Trazia em si a semente e as potências de todos os deuses.

A Fênix é destruída pelo Sol, mas das cinzas nasce um verme que se torna a Fênix, imortal. Ela é associada ao signo de Escorpião, que também tem como animais a serpente e o próprio escorpião, e a águia, o mais elevado e correlato da Fênix. Um signo ligado à morte e ao sexo, regendo no corpo humano os órgãos reprodutores. Crowley, dentro da Ordo Templi Orientis, tinha como nome mágico secreto Fênix, o que esclarece muito de suas intenções. A Bíblia também é útil na descoberta de elementos sobre a missa do Vampiro, especialmente Provérbios (30:14): "Há gente cujos dentes são espadas, e punhais suas mandíbulas, para devorar os humildes da terra, e os pobres do meio dos homens. A sanguessuga tem duas filhas: dá-me, dá-me".

Essas passagens bíblicas são deveras interessantes, símbolos vampíricos interpolados. Sugiro que o leitor leia o original, se possível da edição de 1982 da Editora Vozes e Santuário. O meu exemplar foi presenteado por uma destacada personalidade eclesiástica que não convém ser revelada. A magia da

Lua é empregada para criar elementais artificiais, os famosos familiares das bruxas, “filhos” astrais do mago, criados através de técnicas de magia sexual.

Em Líber Ágape, Crowley descreve aos iniciados do IX° da O.T.O., a ação de um Vampiro: “O Vampiro escolhe sua vítima com vigor e força, quando possível, com o desejo magicamente dirigido de sugar essa energia para si próprio, exaure sua presa com auxílio de seu corpo, notadamente pela boca”. A missa da Fênix invoca a energia de Marte e Saturno, ambos considerados pela astrologia medieval como maléficos. Marte é o deus da guerra, da força, também associado ao sangue, e tem como animais o carneiro e o lobo, e a cor vermelha. Regente noturno de Escorpião e diurno de Áries. A Sephira de Marte é Geburah, seu numero é cinco.

Saturno é o antigo titã do tempo, compreensão, associado aos ossos, seus animais são a cabra, o corvo, cor negra. Regente de Capricórnio e Aquário, sendo que hoje em dia Aquário é atribuído a Urano, o planeta relacionado a Daat. Saturno e Marte estão no pilar esquerdo da Arvore da Vida, o pilar feminino da severidade. Para termos uma idéia da energia de Marte, compilamos uma parte de um texto Sagrado da A:. A:.

Líber Stellae Rubrae, um ritual secreto de Apep Aleister Crowley:

“Eu sou Apep, ó tu, sacrificado, tu deves sacrificar-te sobre meu altar: terei teu sangue para beber, pois eu sou um poderoso Vampiro, e minhas crianças beberam o vinho da terra que é sangue”.

O leitor acostumado à leitura convencional sobre vampirismo pode estar um tanto confuso, ou curioso, quiçá ambos, com o presente capítulo. O que lhe falo é que os arcanos secretos do Vampirismo sagrado são auspiciosos, e os nomes vampiro e vampirismo são meras designações.

O grande mar, que na verdade é de sangue, é a mãe desses seres inefáveis — os mestres do templo, senhores da compreensão.

O amigo leitor terá um leve vislumbre desse conhecimento; espero que isso seja um motivo para a sua busca.

Líber XLIV

A Missa da Fênix

O Mago, seu peito nu, conserva-se ante o altar no qual estão seu Cinzel, Incenso, Turíbulo e dois dos Bolos de Luz. No Sinal do Entrante ele alcança o Oeste através do Altar, e grita:

Salve Rá, que vais em Tua barca
Pelas cavernas das Trevas!
Ele faz o sinal do Silêncio, e pega o Sino, e o Fogo, em suas mãos.
Leste do Altar veja-me em pé
Com Luz e Músicka em minha mão!
Ele bate Onze vezes no Sino 333-55555-333 e coloca o Fogo no incenso.
Eu toco o Sino: eu acendo a Chama:
Pronuncio o Nome misterioso.
ABRAHADABRA.
Ele toca o sino Onze vezes.
Agora começo a orar: Vós, Criança,
Sacro e imaculado é vosso nome!
Vosso reino é vindo; Vossa vontade foi feita.
Aqui está o Pão; aqui está o Sangue.
Trazei-me através da meia-noite ao Sol!

Livrai-me do Bem e do Mal!
Que Vossa coroa de todos os Dez
Aqui e agora seja minha. Amém.
Ele coloca o primeiro Bolo no Fogo do Turíbulo.
Eu queimo este Bolo-Incenso, proclamo
Estas adorações de Vosso nome.
Ele as faz (as adorações) segundo Líber Legis, e novamente toca Onze vezes o Sino.
Com o Cinzel ele então faz sobre seu peito o sinal apropriado.
Observe meu peito que sangra
Marcado com o Sinal do Sacramento!
Ele coloca o segundo Bolo no ferimento.
Estanco o sangue; a hóstia com ele
Se embebe, e o Sumo Sacerdote invoca!
Ele come o segundo Bolo.
Este Pão eu como. Esta blasfêmia juro.
Enquanto me inflamo com oração:
Não há graça: não há culpa:
Esta é a Lei: Faze o que tu queres!
Ele toca Onze vezes o Sino, e grita
ABRAHADABRA.
Entrei com pesar; com alegria
Eu agora prossigo, e com ação de graças,
Para tomar meu prazer na terra
Entre as legiões dos vivos.
Ele prossegue.

Transcrevemos algumas explicações de Aleister Crowley sobre a missa da Fênix, elas foram publicadas originalmente no *Book of Lies* — capítulos 44 e 62, respectivamente.

44. A missa da Fênix

Comentário

Este é o número especial de Hórus; é o sangue em hebraico, **e** a multiplicação do 4 pelo 11, o número de Magick (Magia), explica 4 em seu sentido mais sutil. Mas veja em particular as explicações em Equinox I, vii, das circunstâncias do equinócio dos deuses. A palavra “Fênix” pode ser tida como se incluísse em si a idéia de “Pelicano”, o pássaro que na fábula alimenta sua cria com sangue de seu próprio peito. As duas idéias, apesar de cognatas, não são idênticas, e “Fênix” é o símbolo mais acurado.

Este capítulo é explicado no Capítulo 62.
Seria impróprio comentar mais sobre um ritual que é aceito como oficial pela A:. A:.

62. Galho?

A Fênix tem um sino ao invés de som; fogo ao invés de visão; uma faca ao invés de toque; dois bolos, um para o paladar e outro para o olfato. Ele se posiciona ante o altar do Universo no pôr-do-Sol, quando a vida na Terra empalidece. Ele conjura o Universo, e o coroa com a luz mágicka, para substituir o Sol da luz natural. Ele ora para homenagear a Ra-Hoor-Khuit; a ele então sacrifica. O primeiro bolo, queimado, ilustra o proveito tomado pelo esquema de encarnação. O segundo, misturado com o sangue vital e comido, ilustra o uso da vida inferior para alimentar a vida superior. Ele então toma o sacramento e se torna livre — incondicionado —, o Absoluto. Queimando na chama de sua oração e novamente nascido — a Fênix!

Comentário

Este capítulo em si é um comentário do capítulo 44.
Nota: Galho? = Compreendeis?

Também a Fênix leva galhos para acender o fogo que a consume.

Segue na seqüência tradução de excertos do livro *The Tree of Life*, de Israel Regardie, tratando dos tópicos pertinentes a este capítulo. A presente tradução foi feita por Edson Bini.

A Missa do Espírito Santo!

Assim é chamada esta técnica específica. E única em toda a magia, pois nela está compreendida quase toda forma conhecida de procedimento teúrgico. Ao mesmo tempo, é a quintessência e a síntese de todas elas. Entre outras coisas, diz respeito à magia dos talismãs. Por meio desse método, uma força espiritual viva é confinada numa substância teles mâtica específica.

Não se trata de telesmata morto ou inerte como acontece na costumeira evocação talismânica cerimonial, mas sim de imediato vibrante, dinâmico e contendo em germe e potencial a possibilidade de todo crescimento e desenvolvimento. De uma maneira muito especial, refere-se, ademais, à fórmula do Cálice Sagrado. Um cálice dourado de graça espiritual é utilizado, no qual a própria essência e sangue vital do teurgo têm de ser derramados para a redenção não de sua própria alma, mas de toda a espécie humana.

A eucaristia também está implícita e o cálice é usado como a taça da comunhão, cujo conteúdo santificado — taumatúrgico e iridescente, em suma o vinho sacramentai — tem de ser dedicado e consagrado ao serviço do Altíssimo. A oblação a ser consumida com o vinho eucarístico é, em função dessa interpretação, a essência secreta tanto do mago intoxicado quanto do supremo deus que ele invocou. Neste método está presente também em larga escala a técnica alquímica, visto que concerne majoritariamente à produção do ouro potável, a pedra filosofal e o elixir da vida que é Amrita, o rocio da imortalidade.

O leitor deve, acima de tudo, ter em mente a fórmula filosófica do Tetragrammaton, que é o métododesta missa. Isso demonstra a necessidade de uma familiarização prática com os princípios numéricos da Santa Cabala, pois quanto mais conhecimento se possui, classificado no sistema indicador da Arvore da Vida, mais sentido e significação se vinculam à fórmula de Tetragrammaton, Na elaboração do que foi dito acima, os seguintes princípios podem ser postulados. O Y do nome sagrado neste sistema é chamado de leão vermelho e a primeira H é a águia branca. Concebe-se que essas duas letras sejam as representações de dois princípios cósmicos, dois rios de sangue escarlate que brotam dos seios da sereia para dentro do mar, duas torrentes distintas e incessantes de vida, luz e amor que procedem eternamente da própria vida.

Nelas reside o poder de tocar e comungar, fazendo um novo do outro, sem nenhuma ruptura das fronteiras sutis das torrentes ou qualquer confusão de substância. Em sua natureza, são mutuamente complementares e opostas, e, no entanto, nelas está fundada a totalidade da existência. Todas as operações alquímicas, de acordo com as autoridades, requerem dois instrumentos principais: "um recipiente circular, cristalino, precisamente proporcional à qualidade de seu conteúdo ", ou cucúrbita, e "um forno teosófico selado cabalisticamente" ou athanor, O athanor é atribuído ao Y e a cucúrbita ê uma atribuição da H.

A fabricação do ouro alquímico, que é o rocio da imortalidade, consiste de uma operação peculiar que apresenta várias fases. Pelo estímulo do calor e do fogo espiritual para o athanor, deve haver uma transferência, uma ascensão da serpente daquele instrumento para dentro da cucúrbita, usada como uma retorta. O casamento alquímico ou a combinação das duas correntes de força na retorta produz de

imediato a decomposição química da serpente no mênstruo do glúten, sendo este a parte do solve da fórmula alquímica geral do solve et coagula. Junto à decomposição da serpente e sua morte surge a resplendente Fênix que, como um talismã, deve ser carregada por meio de uma contínua invocação do princípio espiritual compatível com a operação em andamento. A conclusão da missa consiste ou no consumo dos elementos transubstanciados, que é a Amrita, ou no ungir e consagração de um talismã especial.

Nunca é demais enfatizar que se os elementos não forem consagrados corretamente, ou melhor, se a força invocada não se impingir ou ficar inseguramente confinada dentro dos elementos, toda a operação poderá ser anulada. E poderá facilmente degenerar às profundezas mais inferiores, resultando na criação de um horror qlifótico que passará a existir como um vampiro atuando sobre os não-naturalmente sensíveis e aqueles inclinados para a histeria e a obsessão. Se o elixir for adequadamente destilado, servindo como meio ao espírito invocado, então os céus serão franqueados, e os portais se voltarão para o teurgo, os tesouros da Terra serão colocados aos seus pés. "Se o descobrires, cala e o mantém sagrado. Não confia em ninguém, exceto em Deus".

Conduzida dentro de um círculo adequadamente consagrado, após um perfeito banimento, seguida por uma poderosa conjuração da força divina e o assumir da forma divina apropriada, a cerimônia pode se revelar detentora de poder incomparável para franquear os portais dos céus. Utilizando-se apenas a taça e o bastão como armas elementares, em associação com o mantra ou a invocação rítmica especializada, é raro que a missa falhe ou não produza efeito. Essa união de duas armas mágicas diferentes, bastante divorciadas, como podem ter-se afigurado num primeiro momento, aumenta a potência de cada uma delas, já que combina numa operação única os melhores aspectos e as maiores vantagens de ambas.

CAPITULO XI

Rituais Vampíricos

A Cruz Ansata é a Sandália do peregrino
que andou para alem da vida, e além da morte.

Frater Piarus

Os rituais aqui descritos têm o objetivo de fazer contato com vampiros, em especial o arquétipo. Encontrar o Vampiro real ou clássico já é algo mais complexo, sendo entendido que o ser que assim chamamos é um renascido da morte, um morto que voltou a viver e se alimenta, de uma forma ou de outra, dos vivos. Cremos que apesar das pesquisas teosóficas sobre o tema, quem "restituiu" a sacralidade ao Vampiro foi Aleister Crowley, e o leitor a esta altura já tem uma boa visão do porquê dessa afirmação.

Nos dias de hoje há um incrível interesse pelo vampiro, grande parte é especulação superficial, e delírios motivados pelos mais diversos motivos. Fantasiar é bom, desde que saibamos que fantasiamos — um excelente ajudante, mas um péssimo comandante para nossas vidas. O que temos de mais sério no culto ao vampiro, nos dias de hoje, deriva direta ou indiretamente do trabalho de Crowley e da corrente por ele vivificada. A esta altura alguns leitores devem estar indignados, e pensando: mas os movimentos vampíricos X, Y e Z não tem nada a ver com Crowley, ou seus ensinamentos datam de eras remotas; deixo a eles a indagação e observação históricas.

Veremos agora como era a interpretação ocultista antes de Crowley, e onde aparecem pela primeira vez esses arcanos secretos do vampirismo.

Aleister Crowley logo reconheceu o poder subjacente ao sangue e ao arquétipo do Vampiro, tanto em sua forma evolutiva quanto antievolutiva (Black Brothers). Suas descobertas mágicas, em especial o Livro da Lei, influenciaram inúmeras ordens mágicas, em especial a O.T.O., Ordo Templi Orientis, que estuda o saber Arcano nas suas mais diversas formas, inclusive na do Vampirismo.

A Sombra do Vampiro

O magista passará alguns dias passeando em um cemitério, preferencialmente meditando, entrando em níveis mentais mais sutis na própria necrópole. Lentamente, ele vai entrando no espírito do lugar, sentindo a morte, os corpos putrefatos, os espectros dos mortos, às vezes suas dores, angústias e alegrias de quando estavam vivos. Desse fervilhar infernal ele deve se tornar um observador; nem ser um membro desse festim, nem um antagonista.

Escutar a voz negra que brota de seu coração, a sombra, o seu demônio guardião — ele será o mestre desta operação. Essa comunhão infernal pode abrir as portas do limiar entre a vida e a morte. Cabe aqui uma análise, ou um conselho: este é um estágio da jornada, muitos podem querer fazer aqui sua morada, o que para mim é um erro. Obsessão, loucura e morte podem ser advindas pelo mau uso dessas energias; a fixação demasiada nelas é nociva.

O magista deve sempre testar qualquer ser que se apresentar. A forma fica ao seu bom senso, a tradição recomenda as correspondências da cabala. O método do qual faço uso baseia-se na cabala, mas acima de tudo na realidade física. As experiências mágicas mais verdadeiras sempre se fizeram acompanhar de manifestações físicas, as mais variadas, a que Jung chamou de sincronicidade.

Sua operação mágica deve causar mudanças sutis, mas palpáveis, sons, pessoas tendo sonhos com o que você fez, objetos ou símbolos que lhe surgem ou são destruídos, enfim, uma gama infinita. Mais uma vez o bom senso é a chave, pois chover é normal, mas dez minutos após você fazer um sigilo para chuva (em um dia de sol), é algo diferente. Isso foi feito por Austin Osman Spare, e com testemunhas.

Voltando aos preparativos do nosso ritual, este contato com a sombra pode ser mais ou menos efetivo, mas uma coisa é certa: como o Sol está nos céus, ele estará presente na sua operação. Magia é ciência e arte, e todo magista terá um resultado único.

Iremos agora tratar do ritual em si.

Por dias, de preferência ao entardecer, o magista vagará em um cemitério, fazendo o que já foi prescrito no princípio. O contato com a sombra deve vir em sonhos ou visões. Estes devem ser anotados com riqueza de detalhes.

Esse contato ocorrendo ou não, a invocação deve ser feita.

O ser imemorável, que habita as profundezas de meu ser,
espectro negro, sombra da luz, reflexo de meu. anjo.
Verso e reverso do Universo, anjo que guarda o sagrado.
Eu o invoco.
O magista sente cada palavra e o influxo de poder do chamado.
Depois, o magista proferirá:
Zazaz, Zazaz, Nasatanada Zazaz.
Nesse momento, ele imagina um pórtico se abrindo.
Após breves minutos, pronuncia:
C siatris insi cnila, cnila, cnila, odo cicle qaa.
Após a pronúncia, ele anda até o norte e imagina fortemente o deus Seth,
respira e juntamente com a entrada do alento o deus o penetra.
Ele imagina-se sendo o deus Seth.
Então se volta para o sul e diz:
Invoco-te, tu que és eterna na noite,
Amor e horror,
O colo aconchegante e o leito da morte.
Leite e veneno,
O fogo, a terra, o ar e a água,
O tudo e o nada.
Te invoco com o sangue que está em minhas veias,
com a vida que me deste, com a morte que me espera e a chama eterna do meu ser...
Do sul surge uma deusa, que lembra Kali, Lilith, e o nome da deusa é Babalon.
A visão é de uma mulher bela e sensual,
mas de aspecto poderoso e sagrado inspirando medo e respeito.
Ela permanece imóvel no sul.
Ele anda até o centro e golpeia o ar com força dizendo:
0 moribundo está morto agora, de seu corpo um novo universo é feito.

Ele enche o peito de ar e ao soltar o deus Seth se vai, e com ele a deusa. Após isso o vazio, a sensação de vazio deve ser sentida ao máximo. Nesse vazio brotará uma nova consciência.

Práticas como esta e a Missa da Fênix exigem que o praticante domine os rudimentos da Magia, rituais de expulsão, consagração e criação do círculo mágico, assunção das formas dos deuses e outras técnicas. Caso esse trabalho inicial não tenha sido encetado, não recomendamos o Ritual acima, o que não impede alguém de fazê-lo, mas o fará por sua conta e risco.

Quem quiser aprender os rudimentos da Arte deveria entrar para algum grupo ou Ordem, e a leitura de meu livro *Rituais de Aleister Crowley* é bastante útil.

Criação de elementais artificiais

Nos capítulos do livro, vimos que estes seres são companheiros das bruxas e Magos, serviçais astrais empregados para os mais diversos fins. Iremos abordar como criá-los, sempre lembrando que há perigo real, e este pode vir de várias formas. O pensamento cria, quando pensamos algo e junto a isso temos uma concentração forte, fruto de emoções, criamos, por exemplo uma forma-pensamento. A forma-pensamento geralmente dura muito pouco, mas em alguns casos elas se transformam em seres quase materiais. Muitas das assombrações, na verdade, são formas — pensamento que por séculos infernizam um local.

Os tibetanos chamam-nas de tulpa, e são criadas de várias formas, uma delas usa desenhos kylkhors, círculos coloridos similares aos talismãs mágicos da Magia ocidental. Alexandra David Neel, uma intrépida aventureira e estudiosa do budismo, criou uma tulpa, que teve como forma um monge tibetano. Ela ficou em retiro durante meses visualizando-a, até que, lentamente, ela foi ganhando vida. Após vários meses, a tulpa já era visível, a princípio pouco, mas depois bem nítida. Alexandra empreendeu uma viagem e a tulpa a seguiu. A forma estava tendo um comportamento insubordinado e até agressivo. Houve pessoas que tomaram a tulpa por um monge verdadeiro. Ela não teve outra saída a não ser destruí-la, e por mais alguns meses ela a absorveu de volta. O método será bastante simples: a pessoa escolherá uma imagem para o seu elemental, e o visualizará nela. Lentamente, criando na mente, imaginando.

Uma base física se faz necessária, um talismã planetário, ou mesmo uma pequena estátua. Essa base será a depositária da nossa imaginação, meditando ou imaginando que acoplamos o nosso elemental recém-criado à imagem. O sexo é um bom potencializador para o elemental. No momento do orgasmo, devemos canalizar a energia para a forma-pensamento do elemental.

O que foi exposto pode ser repetido inúmeras vezes, até que o ser esteja de nosso agrado. Poucas pessoas poderão vê-lo realmente, e por isso, para testar a sua existência, pequenas missões podem ficar a seu encargo, para dessa forma sabermos se logramos êxito e o elemental realmente existe. Mostrei essa técnica da forma mais simples possível para que ela possa ser feita por qualquer um; é claro que, como tudo na vida, os mais aptos terão melhores resultados. Quem conhecer cabala ou os yantras indianos poderá se valer deles.

Considerações Gerais

A recusa em aceitar a totalidade da vida equivale a não aceitar o seu término. Tanto uma como outra significam não querer viver. Não querer viver é sinônimo de não querer morrer. A ascensão e o declínio, fazem parte de uma só curva.

Carl G. Jung

O Vampiro muitas vezes voltava em busca de sexo, há relatos inclusive de pessoas que usam seus corpos etéricos para manterem relações sexuais, quando drenam o “parceiro”. Na Eslávia do Sul era muito comum o Vampiro procurar quem havia sido sua companheira em vida em busca de relações sexuais. O chiang-shin, o Vampiro chinês, tinha forte compulsão sexual, levando-o a atacar e estuprar mulheres. São inúmeras as formas pelas quais o vampirismo se liga à sexualidade, variando de povos e épocas, mas um fato presente.

Há uma técnica de magia onde se cria um elemental artificial, ou criança da lua, através de magia sexual. Muitas vezes, este ser se volta contra o seu criador, sugando sua energia ou vitalidade. A

masturbação e os devaneios eróticos podem criar larvas astrais (formas-pensamento adensadas) que se alimentarão da vitalidade de seu criador.

De acordo com Tomás de Aquino em *Summa Theologica* os íncubos e súcubos poderiam fecundar. Eles teriam a capacidade de se transformar livremente de súcubo para incubo e vice-versa. Então o súcubo colheria o esperma masculino e na forma de incubo fecundaria uma mulher; crianças eram geradas através dessa prática. Os íncubos, súcubos, Lilith e Lâmia têm um intenso fator sexual. E as mortes em função disto estão presentes em inúmeras culturas. Estes dementais também são chamados familiares, devido ao fato de serem criados pelo mago para determinados fins.

Tanto na Malásia como na Europa, as bruxas se utilizavam de familiares. Durante sete dias a bruxa faria uma série de rituais. O familiar era criado dentro de uma garrafa, um pequeno Vampiro, que se alimentaria de porções de sangue. Em troca, ele executaria inúmeros trabalhos para a bruxa.

O deus Atum egípcio cria o universo através da masturbação, dando vida a Shu e Tefnut similar às copulas atmosféricas de Austin Osman Spare. Atum os abraça transmitindo sua essência, imagem e semelhança. Criar um elemental artificial é basicamente isso. Ganhar energia através de práticas sexuais é bem conhecido o tantra taoísta tem inúmeras práticas para isso. Alexandra David Neel conta que certos magos tibetanos saem em astral para encontros sexuais onde se abastecem de energia da parceira.

A polaridade sexual é fonte de rejuvenescimento e saúde. Gandhi dormia com virgens, o Rei David era velho e doente, por isso uma jovem foi trazida para dormir com ele, sem o ato sexual em si. Um dos elementos mais obscuros e poderosos na magia sexual é o culto Bestial. Entendemos por esse nome tudo o que foge a moral judaico-cristã, ou seja, praticamente tudo.

Iremos nos ater especificamente a alguns deles. Práticas como o homossexualismo, masculino ou feminino, o bissexualismo, a masturbação, a zoofilia, os fetiches, sexo grupal, oral e mais uma infinidade de variantes. Estas práticas têm em comum a transgressão, umas mais, outras menos, mas todas trazem em si uma enorme carga mágica.

Kenneth Grant em seu livro *Renascer da Magia* (lançado pela Editora Madras) nos fala das narrativas de Heródoto sobre as terras do Egito. Quando do retorno de Sírius, ritos obscenos e cópulas bestiais eram realizados. Nisso se encerra o segredo da Fênix, ou a Íbis, animal sagrado a Thoth, senhor da Magia.

Uma lenda nos fala que Hermes (o Thoth grego) teve um filho com Afrodite, e o nome deste filho é Hermafrodito. Em si ele juntava os dois pais, masculino e feminino unidos harmonicamente. Desta forma tínhamos a Torre[1] e a Entrega, que culmina na Alquimia que leva à Beleza. Lembrando que o Hermafrodita figura em muitos tarôs na carta Universo, o que é bastante feliz para o nosso estudo. Afinal a carta O Universo é de Saturno, Seth, mas também a grande mãe Binah.

A lenda e a mitologia egípcias nos falam que unir Seth e Hórus, luz e sombra, é a grande chave hermética para o conhecimento de si mesmo. O ato sexual de Seth e Hórus, a união de iguais, mas diferentes, marca o advento da nova era, a mitologia de Ganimedes e Zeus é um outro bom exemplo. Lembrando que Ganimedes é associado a Aquário, o signo regente da Nova Era. Ganimedes porta o jarro de Ambrosia, a bebida da imortalidade, que transforma humanos em deuses.

O homossexualismo foi praticado nas mais variadas culturas, especialmente na Grécia, onde era visto como normal e desejável. Lá, as qualidades masculinas eram enaltecidas, como por exemplo, a coragem, a virilidade e o vigor. Mas nem por isso as mulheres deixaram de ter Lesbos, de onde vem o termo “lésbica”. O homossexualismo possui caráter erótico e não reprodutor. Não possui um impulso

[1] Carta de Tarô.

de preservação da espécie, mas reflete o prazer pelo prazer, usufruindo um reflexo de si mesmo, num relacionamento narcisista.

As energias sexuais são extremamente poderosas e o homossexualismo na nossa sociedade, que é tratado como tabu, tem uma enorme reserva de energia causada por sua repressão, agindo como os aspectos subconscientes ou mesmo os autômatos do subconsciente de Austin Osman Spare, que podem vir à tona.
A necrofilia foi conhecida e praticada na Antigüidade, tanto é que as mulheres belas no Egito que morriam não eram mandadas imediatamente para o embalsamados mas somente três ou quatro dias após a morte, de acordo com Heródoto.

Nos dias de hoje isso não é diferente, e o culto à morte como elemento de fetiche é presente. Palidez, olheiras, roupas negras e mais uma gama de elementos. Todos representativos de um estado entre a vida e a morte. Os aspectos mórbidos do sexo são inegáveis, o sadismo e o masoquismo, os fetiches. Tomando como exemplo uma coleira, ela freia, nos remete ao lado animal e selvagem, a dominação pelo dono, o abandono ao outro. O sangue exerce um fascínio profundo, carregado de elementos psicológicos, tanto no sexo como fora dele.

Dr. Havelock Ellis diz: “É provável que o motivo de assassinatos sexuais quase sempre seja derramar sangue, e não causar morte”. Montague Summers segue uma linha de pensamento similar. Ele atribui ao beijo a mesma essência da mordida, cita o Kama Sutra e a atenção despendida em um capítulo às técnicas de mordida entre amantes. Agressividade, violência, vida, morte, prazer e dor andam de mãos dadas no sexo. Tanto é que os franceses chamam o orgasmo de pequena morte.

O sadismo está presente em todo o ser humano, e a Condessa Elisabeth Bathory levou isso ao extremo, como uma grande Vampira que se nutria da dor, sofrimento e angústia de suas vítimas. A inocência tinha um preço alto para quem ia trabalhar para a Condessa. Criando todo um repertório de atrocidades, que saciavam o sadismo e aplacavam com sangue a libido de Bathory, fortes aspectos lésbicos estavam envolvidos, a paixão que destrói seu próprio objeto. A Condessa matava suas serviçais e depois, com o tempo, as filhas dos Boiardos. Banhava-se no sangue das vítimas e praticava a antropofagia. O sangue servia para rejuvenescer a Condessa, em outras palavras manter a vida, o que a liga ao vampirismo. Por mais que não houvesse a ingestão (até onde sabemos).

O próprio ato sexual promove intensa circulação sangüínea, e o número de casos de vampiros que retornam para atividades sexuais é bastante grande. Os sabás eram outra forma de adoração que muito tem a nos oferecer. A tradição da bruxaria é, talvez, a mais antiga sobre a Terra.

Uma tradição multiforme e aglutinadora, grande demais para poucas linhas, além do que já a abordamos no Capítulo VI, Então, iremos tratar de apenas um Sabá, Bealtaine; ele servirá como uma bela ilustração. O nome vem do deus Baal, culminando no deus Bel das ilhas Britânica, significando o fogo de Bel, ou o fogo de Baal. Este fogo nada mais era do que o sol, mas não como uma divindade solar fálica, mas sim como uma representação da luz. Há uma estátua de Circe como o sol, ela porta um colar que, na verdade, é o zodíaco; esta figura demonstra bem o espírito deste Sabá.

Era um Sabá de glorificação da vida, onde uma grande orgia era realizada. Nos dias de hoje isso pode parecer bárbaro, mas a única coisa nefasta é esse pensamento preconceituoso. Como exaltar a vida, a não ser com o que gera vida, sexo. O ato indiscriminado era a quebra de barreiras e uma grande catarse coletiva. A nossa sociedade é hipócrita e repleta de casos de adultério, justamente por não ter a coragem de assumir, resolver ou suprimir seus desejos. As danças de roda em tomo do mastro, canções e degustação marcavam os festejos à espera do sol raiar. A Grande Deusa se unia sexualmente ao animal do clã, o totem tribal, símbolo do poder criativo, a alma do mundo. Ressaltando que a Grande Deusa tinha seu aspecto tenebroso, mas nem por isso menos divino. Uma deusa que reflete este lado é Hécate, senhora da bruxaria, das encruzilhadas e das hostes do submundo.

Estrela Cão, Hécate é representada com cães a acompanhando; ela também é a grande cadela negra. Havia um templo de Hécate e para chegar até ele, que ficava no interior da terra, 365 degraus tinham que ser transpostos — um ciclo solar — o que a liga a Babalon, a mãe do sol. Tantra, ou o caminho da mão esquerda, Vama Marga, é uma tradição antiqüíssima, remontando aos dravidianos, um povo que viveu no norte da Índia em 2000 a.C.

Os dravidianos foram os pais do Yôga e do Tantra, estes por sua vez descendem dos ritos, cultos e crenças das culturas matriarcais da Antigüidade, que tinham um culto muito similar (se não a própria), a bruxaria. Essas culturas eram libertadoras, agrícolas, e voltadas ao culto da grande mãe. Uma dessas cidades foi Tchatal Huyuk (7000 a.C). Ela existiu por quase 1000 anos. Nela se cultuava a grande mãe e seu consorte, na figura de um touro.

Os dravidianos tinham duas grandes cidades: Harappa, no Punjab e Mohenjo Daro, em Sind. Essa cultura tinha um alto nível tecnológico, já praticando a irrigação, tinham esgotos e banhos públicos. Eles foram destruídos por uma invasão ariana, por mais que os bárbaros arianos fossem muito inferiores tecnologicamente, sendo inclusive pastores nômades, eles eram belicosos, em contraste com os dravidianos, e tinham desenvolvido a arte da guerra. O carro de assalto, puxado por dois cavalos, rápido e veloz, combinado a arqueiros e condutor era uma poderosa arma de guerra. O fogo foi outra ajuda crucial para devastar uma civilização centenária.

Logo após, eles glorificaram seus atos, transformaram seus heróis em deuses, os heróis dos vencidos em demônios, criaram as castas, ou seja, a crença na superioridade de uma raça perante a outra. Desta forma, eles podiam manter o controle sobre os vencidos, uma grande multidão ainda. Uma estratégia inteligente. Criamos um exemplo completamente imaginário para ilustrar isso. Tomemos os latinos atuais, eles são, na sua maioria, racistas com os negros e por sua vez recebem o racismo dos norte-americanos (curiosamente arianos). Os latinos têm alguém para se sentirem superiores, e alguém para quem são inferiores, uma forma de equilíbrio nefasto e estabelecido, e graves neuroses são evidenciadas. É claro que com isso a humanidade perde, o mundo perde, a natureza perde, uma triste história, um mau exemplo. Podemos ter os nossos carros de assalto e outros brinquedos, mas sempre estaremos dependendo de mais brinquedos, de mais conquistas, de mais destruição.

E a história como sempre se repetirá, teremos alguém ou uma raça, não necessariamente mais evoluída como humana, mas sim capaz de gerar mais armas, se impondo. Entendam por arma não só as reais, mas também as subjetivas, que escravizam países em nome de capitais. Longe de ser pacifista (com Marte em Escorpião no ascendente é até meio impossível), mas que travemos o bom combate.

Não sejas animal, refina teu êxtase — *Líber Al Vel Legis.*

O Tantra, justamente pelo exposto acima, é considerado até hoje na Índia (não só lá), uma tradição vil, ou impura, somente para a Kali Yuga[2], isso é uma grande bobagem. O Tantra é a raiz de tudo, a malha humano-divina que se casa com a física quântica. O Tantra se manteve na clandestinidade, em especial no sul da Índia, para onde fugiram alguns dravidianos. Para o Tantra a evolução consiste não em negar a natureza, seja a nossa ou a externa, mas sim em conhecê-la.

A mulher é Shakti, ou seja, o poder, a deusa, a natureza, seu corpo é sagrado, ela é sagrada. Um ato devocional, olhar o divino encarnado (a mulher), os abismo do desconhecido de onde viemos e para onde voltamos, a mulher. O casal divino Shiva-Shakti, a união das polaridades, o Yab Yum do Budismo Tântrico Tibetano, são o material com que se criam os deuses. O Maithuna, o ritual sexual tântrico, será a materialização deste ato. Devoção, concentração, controle do orgasmo e meditação profunda.

Com essa prática se visa à elevação da Kundalini, ou seja, iluminação, o Samadhi. Lembrando o mito bíblico de Adão, Eva e a Serpente, nos faz pensar que a Serpente não mentiu, de fato o sexo (conhecimento) torna os humanos divinos. Aquele que está livre, iluminado, tem a mente lúcida, por

[2] *Significa idade de Ferro; ê uma era de Trevas.*

mais que mate todas as criaturas fica livre dos frutos de seu ato (Krishna no Bhagavad Gita). Os tântricos tinham séries de técnicas e conceitos muito importantes para nós, em especial Kali, a "Negra", também tinha como sua cor o vermelho. Ela representa a aniquilação total, assim como seu marido Shiva.
O selo de Salomão e em especial o hexagrama unicursal são a representação de Deus e do Macrocosmo, mulher e homem unidos em um único ser. Água e fogo, matéria e espírito como uma única coisa e não dicotomizados como na era cristã. Todos os Tattvas (os cinco elementos, terra, ar, água fogo e espírito), ou seja, os que compõem o mundo, operam pelo prazer do Purusha (Eu superior). Eles não devem ser considerados como realidades em si mesmos, mas como atributos do Espírito. Eles agem organizadamente a serviço do Purusha em busca do Atman (Espírito). Curiosamente, o iluminado, que pode ser comparado a Narasimha (Vishnu como homem leão), ganha poder sobre rakshasas, buthas e vetalas, seres conhecidamente vampiros.

As mulheres são os deuses como disse Buda, Vênus, Netzach (na cabala) são os deuses. Um dos rituais mais importantes é o Chacra Puja: oito casais se encontram, as mulheres colocam uma jóia em uma caixa, depois cada homem pega uma jóia na caixa. A dona da jóia será a parceira de Tantra aquela noite. Um bode é sacrificado, marcando o começo do ritual, Vida e Morte. Um grande circuito energético é formado, pela energia gerada pelos casais. Os locais de cremação são uma boa opção para estes encontros. Curiosamente, além do Chacra Puja havia um ritual muito similar ao Bealtaine.

Mircea Eliade, em seu livro *Yôga, Imortalidade e Liberdade* (ed. Palas Athena), em uma nota lança uma idéia importante. "O papel desempenhado pelas donzelas de casta inferior e as cortesãs nas orgias tântricas são conhecidos. Quanto mais depravadas e dissolutas mais aptas para o rito. Donzelas de casta inferior cheias de sabedoria e conhecimentos mágicos, que esposam Reis. E o simbolismo da lavadeira e da cortesã ilustra que o mais nobre está escondido no mais baixo e vulgar, os alquimistas ocidentais não procediam de outra forma.

Nos atrevemos a imaginar que o sucesso das referidas senhoritas se deva à sua origem dravidiana, em especial à casta sudra. O leitor lembrar-se-á do que relatamos nos parágrafos precedentes e a nossa opinião. Retirado o preconceito, é uma nota esclarecedora. Não é à toa que Crowley foi para o sul da Índia, há muita similitude entre o Tantra e Thelema. Tanto o Thelemita quanto o Tântrico querem alcançar a não dualidade, através da união dos opostos.

Sexo e troca energética, gerando um novo ser. Similar à física, à composição da água, por exemplo, onde duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio resultam em algo completamente diferente dos dois gases originais. Rituais onde se copula com animais são conhecidos desde a Antigüidade, esta é a receita para encarnar um homem Deus, vide Maria e a pomba, Maya (mãe de Buda) e o elefante.

A união da mulher com a fera, a Besta, foi praticada em toda a Antigüidade, literal e metaforicamente.
Os deuses Egípcios em especial retratam a união do ser humano e do animal, onde o deus mantém a racionalidade humana acrescida dos instintos animais. O sacrifício do cavalo realizado na Índia védica é profundamente rico em simbologia, um garanhão era cuidado de todas as formas. Ele era amarrado e purificado.

Um cão de quatro olhos guardião do mundo dos mortos era morto a pauladas pelo filho de uma prostituta. Lembrando que um cão de quatro olhos justamente era usado para repelir vampiros (um par de olhos extra era desenhado). O cavalo era solto, uma escolta o acompanhava para garantir a sua segurança, por um ano. Após este prazo o cavalo era asfixiado e morto, mesmo morto o cavalo casava com a rainha. Inicia-se então um ato sexual entre a rainha e o cavalo morto.

Uma série de invocações mágicas é levada a cabo pelos brâmanes, e a rainha clama pela penetração do cavalo. O brâmane e outros assistentes proferem um colóquio sensual enaltecendo o sexo. Muito possivelmente este rito teve origem em cerimônias muito mais antigas e talvez mais efetivas. O mito do Minotauro é um bom exemplo, onde a rainha Pasifae se une sexualmente ao touro gerando o

Minotauro. Algumas tradições ocultas dizem que a energia formativa do planeta Terra veio da constelação de touro, em especial Aldebaran. O culto à vaca sagrada e ao touro está presente na ancestral idade humana nas suas mais variadas formas.

A deusa vaca neolítica evoluía até Hathor, a Vênus egípcia com cabeça de vaca, "hat hor", a casa de Hórus. Hórus era o filho autogerado, filho e consorte de sua mãe. Usando outras figuras, nós teremos Nuit e Hadith[3] ou o Iniciado, sendo o filho e o universo, a grande mãe. Supremo mistério de onde se descobre que igualmente somos o criador e a criatura. O mito do filho divino e da grande mãe, do rei sacrificado que copula com sua mãe, a engravida e morre, renascendo dela. Jesus e Maria, Merlin e Cerridwen, a relação do ser com o universo que o cerca.

De todos os animais o lobo (e o cão, o lobo domesticado) tem um papel deveras importante, inimigo e aliado do ser humano. Nas grandes noites glaciais, dividiam as mesmas cavernas, e as mesmas caças. Ambos são animais grupais e predadores. É fácil imaginar, e o xamanismo comprova, que o lobo tornou-se o animal totêmico dos primeiros hominídeos, não tão forte como o tigre ou o urso, mas o trabalho em equipe supria essa deficiência, com um avançado sistema de comunicação, o uivo, que reunia a alcatéia para os mais diversos fins, corajoso, e selvagem na caça e na defesa, mas amigo e carinhoso com os seus, enfim, um espelho para os nossos ancestrais. Jack London ilustra muito bem isso em um de seus livros, onde um cão doméstico é levado de volta ao ártico. Buck (o nome do cão) acessa suas memórias atávicas, seus instintos afloram, o lobo que dormia nele desperta.

Junto com o despertar destes atavismos vem um sonho onde ele sonha com um homem atarracado e barbudo, um homem pré-histórico, juntos (neste sonho) eles enfrentam os perigos, e o fogo usado pelo homem muitas vezes os salvou de outras feras, olhos que cintilavam na escuridão. Este trecho de London nos faz refletir, inúmeras considerações ganham vida, mas duas delas sobremaneira. Duas coisas de importância capital no desenvolvimento da humanidade, a associação entre humanos e lobos, e o uso do fogo. Tão marcante foi este momento que ficou registrado na psique humana, nas mitologias mais variadas ele está presente: no mito de Prometeu que rouba o fogo dos deuses para dá-lo ao ser humano, ser humano este que havia sido criado pelo próprio Prometeu. Nosso pai foi um Titã, muito belo constatar isso.

Este fogo é, por sua vez, associado a Kundalini, o fogo serpentino que reside na base da espinha, no osso Sacro (sagrado). Quando o iniciado eleva este fogo, o mundo inteiro é consumido pelas chamas, ou seja, todas as ilusões caem por terra, todos os objetos e coisas são unidos, integrados ao ser. Kenneth Grant, em *Renascer da Magia*, menciona que a serpente kundalini bebendo o fluido do Visudha Chacra, o Soma, bebida da imortalidade, pode ser uma das raízes do mito do vampiro. Uma reunião no Olimpo foi levada a termo para descobrirem a melhor forma de esconder da humanidade o fato do homem poder se tornar deus.

Eles confabularam, no fundo dos oceanos, no alto das montanhas, na lua, inúmeros lugares foram sugeridos, para esconder este segredo, até que um bem, mais vivo, falou: Escondamos no coração dos homens, eles nunca procuraram lá. Mindanau teve seu fundo vasculhado, a lua já começou a ser loteada e o Everest há muito tempo já foi escalado. De fato os deuses foram espertos.

E o mundo foi formado assim, Prometeu, como Lúcifer, acorrentado no Cáucaso (ou no inferno), e a raça humana na ilusão. Carreira, religião, moral e outras lendas, muros nefastos, que privam as crianças de seu jardim, nossos semáforos e orfanatos são os reflexos de nossa sociedade, os dados da Unicef são estarrecedores. Nem sempre o que parece bom o é, e isto vale para o mau. A lenda do Vampiro Indiano, contada por Sir Richard Burton, demonstra isso perfeitamente.

Me defrontei em minha vida com alguns casos de vampirismo, infelizmente para os amantes de emoções fortes não foram mortos retornando da tumba, nem estacas ou corpos sendo queimados. Selecionei

---

[3] *Nudit e Hadith no Panteão Thelêmico são as energias primordiais que criam e permeiam o Universo, sendo similares ao Yin e Yang.*

alguns que os protagonistas liberaram para publicar resguardando as suas identidades. Um caso estarrecedor está sendo tratado por Frater Piarus, mas, devido à gravidade e aos riscos às pessoas envolvidas, ele será omitido. Serve como um alerta às nossas vidas, onde o inexplicável pode adentrar com o seu lado assustador. Para as pessoas neles envolvidos foram fortes, e acima de tudo dolorosos, para outros envolveu medo, mas também alegria e perplexidade.

Um dos casos trata de um vampiro inconsciente, um Iniciado que no decorrer de anos drenou suas companheiras energeticamente. A pessoa em questão é membro da Ordo Templi Orientis, praticante de magia há muitos anos e outras Artes Negras. O lidar com o oculto de forma séria e sistemática, somado a uma certa predisposição, possibilitam desenvolver os chamados corpos sutis, que por sua vez facultam capacidades, poderes. Nem sempre essas capacidades são de domínio do Magista, muitas vezes elas afloram por si mesmas. As mulheres na vida deste Iniciado se queixavam de cansaço, sono e dores musculares. Elas tinham alimentação, sono e tudo mais para mantê-las saudáveis, mas mesmo assim todas as três desenvolveram anemia.

Este fato não se deu em um único ano, mas no decorrer de quatro. A percepção do que ocorria, vampirismo, veio quando a ultima das companheiras desconfiou do seu estado. Uma pesquisa foi feita e as outras duas últimas companheiras do Magista desenvolveram os mesmos sintomas. Para esclarecimento dos fatos, todas desenvolveram uma anemia leve e atualmente estão muito bem. O Iniciado em questão não tinha a menor idéia do que ocorria, e muito menos de sua atuação nefasta.

O segundo caso lembra o primeiro, com o agravante do vampiro talvez ter consciência do que faz. Fui procurado por uma amiga que narrou ter reencontrado uma pessoa do seu passado. A pessoa era um homem extremamente narcisista, que teve experiências com satanismo e outras formas de magia. O dito homem ainda tinha por hábito cortar-se, gostava de ver o sangue verter. Nas suas relações sexuais com a minha amiga, o homem se transfigurava, ela tinha de tomar cuidado para, nas suas próprias palavras, não ser destruída por ele. Era como se o homem fosse um animal. Há também um forte caráter sadomasoquista na relação.

Ela se sente completamente dominada por ele, e também sem energia, sem vida e melancólica. Poderíamos pensar apenas em uma paixão mórbida, não fossem alguns detalhes. Um determinado dia esta minha amiga, na presença de outras pessoas, perdeu sua consciência e agiu como outra pessoa, era aparentemente um outro ser que ali estava. Agressiva, nervosa e ausente, este quadro era acompanhado de movimentos corporais sinuosos e estranhos. Inúmeras noites ela teve a sensação de que o homem estava em seu quarto, um espectro, gerando sentimentos de prazer sensual e medo, sentia seu peso, sua presença, e ficava paralisada sem poder se mexer. Curiosamente, uma vez, após o sexo com ela em um quarto de hotel, o homem foi ao banheiro, e ela começou a sentir a mesma paralisia que havia sentido em seu quarto. Logo que ela acabou o relato, achei por bem fazer uma cerimônia para livrá-la por hora, pelo menos da influência nefasta.

Ao fim da cerimônia ela estava aparentemente sem sentidos ou bastante concentrada, passados breves segundos ela foi despertando. Estava com uma profunda dor de cabeça, como se uma lâmina entrasse por sua nuca, durante o Ritual sentia uma grande pressão sobre o peito e num dado momento ela disse que foi tomada por um sentimento de ódio por mim, inexplicável, ódio e vontade de destruir de tudo e acabar com o ritual. Claramente o ritual atingiu os seus objetivos. Este caso ainda está em andamento, desta forma não temos ainda o seu desfecho. Um outro Frater da O.T.O sempre teve uma inclinação ao vampirismo, até que em um dia, em um sonho, ele foi visitado por uma entidade, um Vampiro.

Ele acordou em catalepsia, não conseguia mover um músculo do seu corpo, perguntou-se o que estaria lhe causando aquilo, em resposta veio o Demônio. “Olhei ao redor e me assustei ao ver um pouco acima do meu peito duas pequenas luzes vermelhas, semelhantes a olhos que me olhavam”. Ele continua o relato: “Os olhos ainda estavam na mesma posição, só que dessa vez eu conseguia notar um leve contorno de um rosto, o monstro foi se materializando mais e mais até eu conseguir enxergá-lo

completamente, e então algo aconteceu. Aquele rosto começou a abrir sua boca, quando notei dois pequenos caninos, brilhavam tanto quanto os olhos, avançou sobre meu rosto, só vi escuridão, desmaiei. No outro dia acordei cansado, maldisposto, não conseguia nem levantar da cama..."

O Frater em questão teve a confirmação do ocorrido por uma sensitiva, que sem saber nada do ocorrido, ela mencionou: "você procurou, agora achou, e ele voltara". De fato o Vampiro voltou. A partir desta data o Frater desenvolveu apetite por sangue. Hoje em dia ele se vale de certos Arcanos secretos para controlar o seu vampirismo. O vampirismo que se desenvolveu nestes casos ilustra o que vimos no Capitulo IV sobre o duplo etérico e as viagens astrais. O ataque feito com o etérico materializado pode tanto drenar o prana sob a forma de energia ou sangue. O por que ocorrem as duas formas ou como isso se processa é campo para especulação. É bem conhecida a capacidade de alguns Magos e espíritas de materializarem seus corpos elétricos e produzirem uma série de manifestações.

Ora, se um corpo etérico materializado pode mover objetos, em raras vezes de peso enorme, impossível mesmo para várias pessoas, é de se imaginar que arrancar o coração ou sugar as veias de alguém não seja mais difícil. Um certo iniciado conseguiu derrubar uma pessoa com o uso do seu corpo astral, o inusitado é que ele não estava deitado, relaxado ou em catalepsia, mas sim em pé andando em uma rua de Londres. Ele projetou o corpo adensado de tal forma que pode desferir "um golpe". O meu instrutor na A:. A:.(Astrum Argenteum), um inglês residente em Manchester, conseguiu derrubar uma pessoa que estava a três metros dele. Usando o que ele chamou de energia Ki (usada em artes marciais).

Por estarrecedor que pareça, talvez alguns vampiros consigam moldar um novo corpo físico tendo como base o duplo etérico. É sabido que o duplo é uma réplica do corpo humano, desta forma, então, eles poderiam voltar a viver no meio dos vivos, isto explicaria os vários relatos sobre o vampiro voltar a viver aparentemente como uma pessoa normal. O que notei nos meus encontros astrais com os mais variados seres (não humanos normais) é que, por algum motivo, ocorre a imobilidade, e mais de uma vez fiquei em um estado intermediário, no corpo físico, mas com os sentidos astrais. Não podia mover o físico ou o astral, muito possivelmente pressenti o perigo e tentei voltar para o corpo, mas a entidade intrusa não deixou.

Na maioria das vezes consegui destruir o atacante (momentaneamente), recuperando a mobilidade. Todas as vezes que isto ocorreu, eram entidades aparentemente agressivas e perigosas. Antes de tudo, o fenômeno da paralisia do corpo físico e do etérico no momento da projeção é comum, e de forma alguma significa um ataque ou algo ruim. Refiro-me aqui aos encontros objetivos com seres no astral, quando pode se dar uma luta e o ser nos imobilizar, ou ali mesmo nos "prender" em seu olhar. Eu enfrentei todas estas variantes em meus encontros astrais.

É bem sabido que o raio de ação do cordão de prata é razoável, podendo ter alguns metros de distância do corpo projetado Se este corpo projetado pode mover objetos, causar sons, ele pode muito bem ser usado para imobilizar, ou coisas bem piores. Quando venci os confrontos astrais (felizmente a maioria), uma luz saiu do meu chacra cardíaco e atingiu o oponente ou utilizei fórmulas mágicas de repulsão. Foram ações instintivas, quando me dava conta estava fazendo uma coisa ou outra.

O Vampirismo mescla atavismos com a fase oral destrutiva sem esquecer o narcisismo, um elemento presente no vampirismo. O corpo astral é susceptível a todas essas influências, podendo ser moldado por elas. Não só os corpos dos seres vivos têm centros energéticos, a própria Terra os tem. O externo e interno se completam e se refletem, como o Augoeides que é a estrela da manha, Lúcifer e também o nosso Anjo Guardião, Self. Ou seja, há uma correspondência macrocósmica e uma microcósmica.

O caminho de Santiago já era percorrido antes do advento do cristianismo, há uma fonte sagrada sob a construção da catedral de Chartres, ou mesmo Meca. São centros de força da terra, locais de vida, rodas de energia como as ruínas incas. Betei, casa ou pedra de deus abrigava a própria divindade (hebraico Beth casa el deus). São as pedras sagradas, dolmens. Ficavam em encruzilhadas ou em locais

energéticos onde se uniam os meridianos da Terra, os luy mei, os caminhos do dragão. Hermes, senhor dos caminhos, tinha seus templos, ermidas, nas encruzilhadas, como Theutatis, o Thoth (Hermes) inglês.

Os caminhos do dragão são correntes energéticas que são formadas pela rotação do planeta, influência dos astros, a atmosfera, composição mineral e mais uma gama de fatores. Mas com certeza são locais de poder, onde ritos e cultos eram celebrados, locais de conhecimento. A Magia e o oculto são uma ponte entre o homem e o infinito. Em toda a temática mágica é notada a força do sangue, e, conseqüentemente, de entidades que se nutrem dele. Maias, incas e astecas faziam inúmeros sacrifícios humanos, e o sangue era elemento primordial.

Em uma cerimônia inca, crianças de dez anos eram sacrificadas ritualisticamente, nos festejos do ritual se consumia sangue de lhamas sagradas. Uma máscara pré-colombiana, de 200 A.C, retrata um deus vampiro, metade homem, metade morcego. Curiosamente a máscara é articulada, escancarando a terrível boca. De forma alguma o fenômeno se restringe a culturas exóticas, relatos de vampirismo fazem parte de todos os povos. Compilamos mais este, da pág 59.

Este relato encontra-se no livro *Filosofia Oculta* de Cornélio Agrippa. O livro foi escrito por volta de 1500, ou seja, 200 anos antes da histeria de vampiros que varreu a Europa. Agrippa foi um dos maiores Magos de todos os tempos, grande cabalista, alquimista e teurgo, tendo feito parte das cortes de Carlos V e Maximiliano I. No Brasil, também temos pessoas ligadas à Magia que se interessaram pelo vampirismo, um deles foi Marcelo Motta. Ele dizia que da crença nos Vampiros três coisas eram comprovadas: A destruição do corpo do vampiro para erradicá-lo. O vampiro assume várias formas animais; O vampirismo é transmissível.

Motta narra que em 1903 Crowley estava na França, lá ele encontra um velho amigo. Este amigo pede ajuda a Crowley, sua namorada era presa de uma feiticeira. Ela era uma vampira, e como se não bastasse ainda estava empenhada em imantar com energia mágica uma estatueta para seus fins nefastos. Crowley vai até a casa da vampira acompanhado de seu colega, ela e a namorada do rapaz moram juntas. Lá chegando, Crowley menciona que gostaria de conhecer a artista (a vampira era artista plástica) e eles foram apresentados. Crowley achou a pretensa vampira uma mulher comum de meia idade, e que possivelmente seu amigo estivesse meio paranóico. Ele e a suposta vampira ficaram conversando enquanto o casal foi preparar um chá.

Crowley toma em suas mãos um busto de Balzac, escritor do qual gostava, sentou-se a uma certa distância da senhora e absorto contemplava o busto. Crowley se sente levado a uma sensação de devaneio, agradável, um sonho. Ele sentiu uma compulsão erótica, havia algo aveludado tocando-lhe as mãos e indo em direção do pulso. A vampira deixara o sofá sem ruído algum e estava agora sobre ele. Cabelos soltos, acariciando o pulso de Crowley vagarosamente. Ele olha sem acreditar a senhora de meia idade se converter em uma bela moça. Crowley percebeu que estava em perigo, uma influência hostil de grande poder. Não perdendo o domínio da situação, ele levanta e coloca o busto no seu lugar. Desta forma ele quebrava a cadeia glamurosa dela, seu encanto mágico. Crowley a encara e conversa como se nada ocorresse, só que atacando-a energeticamente, em especial em seu coração.

Ela volta à carga com mais força ainda, sedução, perfumes adocicados enchem o ar. Mas ela já sentia o furor do ataque mágico de Crowley e tombou em seus braços ainda tentando beijá-lo. Mais uma carga energética e uma luz esverdeada se desprende do corpo da vampira, ela voltando a ser a senhora de meia idade, ou melhor uma velha, encarquilhada sentindo o peso dos anos. Cambaleando ela se afastou da presença de Crowley. Possivelmente ela não era a vampira principal, o certo é que a laceração produzida em seu corpo astral a impediu de voltar ao vampirismo tornando-se uma velhinha excêntrica.

Marcelo Ramos Motta foi um ocultista brasileiro que por muito pouco não foi o sucessor de Aleister Crowley na O.T.O (Ordo Templi Orientis ou Ordem dos Templários Orientais). Ele aprendeu Thelema diretamente com Karl Germer, o último Chefe da O.T.O tendo recebido diretamente de Crowley o

poder. Ao que tudo indica Motta, por ser o seu aluno dileto, seria o herdeiro, há inclusive a menção de uma carta extraviada endereçada a Motta, onde Germer o empoçava como chefe mundial da O.T.O.
Por esta sina do destino e uma decisão arbitrária das cortes Californianas, o Brasil perdeu a chance de ter o sucessor incontestável de Aleister Crowley.

Nos dias de hoje há inúmeras O.T.O.s, uma delas dirigida por Kenneth Grant, discípulo e amigo pessoal de Crowley. Grant inclusive tem cartas do próprio punho de Crowley, nomeando-o chefe da O.T.O. Imagina-se que Crowley tenha feito isso para alguma eventualidade, caso Germer não suportasse o peso do cargo. Tanto é que o próprio Germer sugeriu a Grant tornar-se chefe da Ordem, mas este recusou (isso alguns anos antes de Motta entrar para a Ordem), fundando por fim o seu ramo da O.T.O., um dos mais inovadores e ativos.

Além dos grupos de Motta e Grant (ambos ativos) há também a O.T.O. Suíça, existindo desde a época de Crowley, sendo que Hermann Joseph Metzger foi seu Rex Summus Sanctissimus, ou seja, o Rei da Ordem na Suíça. Este grupo de Metzger manteve estreita relação com outra Ordem, a conhecida Fraternitas Saturni, as duas Ordens viveram sobre o mesmo “teto” durante anos.

A Fraternitas Saturni é uma Ordem Alemã, foi fundada por Eugen Grosche, amplamente influenciada pelas teorias de Aleister Crowley, a Lei de Thelema. Grosche ainda reuniu Magia Medieval Alemã, Vampirismo, Astrologia e Magia Pantacular. A ligação da história da Alemanha com o sobrenatural é inconteste, os casos de Vampirismo e Licantropia são bem conhecidos, não é à toa que um dos Rituais principais da F.S seja “In Nomine Demiurgi Nosferati”, em nome do demiurgo Nosferatu.

Um grupo da O.T.O nasceu da Fraternitas Saturni, para ser mais preciso do Grau Pentalfa. Este grau trazia em si uma corrente adormecida da Ordo Templi Orientis, fruto de um pacto firmado entre Metzger e Grosche. Esta corrente foi revivida por Frater U.D, um dos maiores ocultistas da atualidade, fundador da Illuminates of Thanateros, e membro da F.S (Máster Scorpio).

Este ramo da O.T.O está no Brasil e pode ser contatado no endereço: Caixa Postal 12108, CEP 02013-970, São Paulo, SP ou pelo e-mail oto@otobr.org.

Ainda existem outros grupos da Ordo Templi Orientis e inclusive outras Ordens Thelemicas, o que é benéfico, afinal “toda a unanimidade é burra”.

Posfácio

O sábio que busca o prazer descobre que existem
“inúmeros níveis de desejo”, então ele abandona
tanto a Virtude quanto o Vício e se torna um Kiaísta.
Montado no Tubarão do seu desejo, ele cruza
o oceano da dualidade e mergulha no auto-amor.

Austin Osman Spare

O tema do vampirismo é abrangente e nebuloso. Tentamos neste livro enfocar alguns tópicos antes não abordados para que, dessa forma, facetas profundas do mito pudessem vir à tona. Sinceramente, me desculpo perante o leitor pelas possíveis falhas que o livro porta, o que de certa forma é esperado, visto que é uma pesquisa multicultural, abrangendo um vasto período histórico. De qualquer forma, creio que o objetivo do livro será alcançado, ou seja, dará uma dimensão iniciática ao vampiro, avaliando-o como um arquétipo ou mesmo um deus.

Deixo o amigo leitor na companhia de Friedrich Nietzsche.
Sinceramente,

Marcos Torrigo

Atua neste livro um ser "subterrâneo", dos que aprofundam, que corroem, que minam. Nós o vemos, se tivermos olhos que enxerguem tal profundidade, progredir lentamente, prudentemente, com inflexível suavidade, sem denunciar em demasia a angústia que acompanha a privação de luz e ar; podemos até dizer que satisfeito por realizar este trabalho soturno. Não parece guiado por uma espécie de fé e compensado por qualquer consolação? Deseja talvez conhecer as trevas profundas, o seu elemento incompreensível, secreto, enigmático, porque sabe muito bem o que terá em troca: a sua redenção, a sua aurora?... Voltará sem dúvida à superfície: não lhe pergunte o que procura lá embaixo; ele mesmo lhe dirá, apesar da sua aparência de *trophonius*, de animal subterrâneo, uma vez que de novo "se torne homem". Esquecemos inteiramente o silêncio quando, como ele, estivemos tanto tempo subterrados, isolados...

Vou efetivamente dizer-lhes, pacientes amigos, o que busquei lá embaixo; vou lhes dizer que poderia muito bem ter sido um último adeus, uma oração fúnebre, pois que voltei e estou aqui. Não pensem, por um momento sequer, que pretendo incitar-lhes a semelhantes audácias! Nem sequer à mesma solidão! Pois o que caminha na sua própria trilha não encontra ninguém: isso é essencial à natureza da "sua própria trilha". Ninguém vem auxiliá-lo no seu empreendimento: perigos, acaso, maldades e tempestades, tudo quanto o assalta deve ser por ele próprio ultrapassado. É que seu caminho reside nele mesmo, naturalmente.

Nietzsche

Apêndice I

Chupa-Cabras

Recentemente, o mundo foi varrido por uma onda de ataques a animais domésticos. O mais desconcertante é que a vítima era esvaída completamente de sangue. O ser autor dos ataques foi denominado chupa-cabras devido ao extermínio de caprinos levado a cabo por ele. O fenômeno foi inúmeras vezes relacionado com aparição de ovnis, e as teorias sobre o que é o ser e de onde ele vem têm propiciado debates acalorados. Há alguns anos animais domésticos vêm sendo mutilados, só que

cirurgicamente, ou com o emprego de técnicas avançadas. Aparentemente uma pesquisa científica estava em andamento.

Em 1974, jornais americanos já falavam das mutilações animais, e alguns também tiveram o sangue drenado. O chupa-cabras com esta designação é um evento mais recente, datando de 1995. Os municípios de Orocovis e Morovis, em Porto Rico relataram os primeiros ataques conhecidos; galinhas, cabras e ovelhas eram as vítimas. O fenômeno se espalhou rapidamente, e uma onda de ataques se seguiu por toda a América, notadamente a latina.

Nos mais recentes, contudo, um ser foi avistado. Tinha caninos compridos como os vampiros cinematográficos, olhos vermelhos grandes, ereto, com patas terminando em três dedos com garras, placas como a de uma iguana nas costas, altura entre 1,20 e 1,60 m, cor cinza escuro. Outras pessoas mencionaram asas, escamas e pequenos pêlos, e por vezes se referem à aparência de um gárgula; o restante da descrição é muito similar. Relatos como o do chupa-cabras ocorreram em outras épocas. Nos anos 50, no Arizona, um animal descrito como lembrando um canguru atacava os rebanhos e bebia o sangue dos animais.

Há quem diga que os chupa-cabras são intraterrenos, e por causa de algum desequilíbrio ecológico teriam começado a atacar animais de criação. Pessoas comentam que ele tem um cheiro muito forte, de enxofre ou ácido sulfúrico, pelo visto algo indefinível. O chupa-cabras é provido de grande força. Uma porta metálica de 5 metros de altura por 4 de largura foi arrancada no México por um chupa-cabras. Houve registro de ataques a seres humanos no México; a pessoa sobreviveu com escoriações feitas pelas garras do chupa-cabras.

A extração de glândulas endócrinas também é relatada em alguns ataques. O animal tem especial predileção por fêmeas grávidas, e os fetos desapareceram das fêmeas atacadas. Das inúmeras teorias, a que me parece mais lógica é a que diz se tratar-se de um animal alienígena, criado ou modificado em laboratório por seres extraterrestres com objetivo de coleta de dados. O chupa-cabras faria o trabalho de campo, atacando os animais, e depois seria coletado pelas naves espaciais. Pode parecer história de ficção científica, só que a quantidade de casos e narrativas é estarrecedora. No Brasil, os ataques cresceram vertiginosamente, incluindo alguns casos que vão além dos moldes usuais dos ataques do chupa-cabras.

Listamos alguns ataques de chupa-cabras e outros relatos atribuídos a alienígenas.

Em Sorocaba, São Paulo, um comerciante, Laércio Longo, informou a morte de trinta galinhas. A tela do galinheiro estava intacta, e os corpos das galinhas também, não fossem pequenas perfurações no corpo.

Em Araçoiaba da Serra, São Paulo, uma vaca da raça jérsei é encontrada sem o úbere, que havia sido retirado cirurgicamente. O local onde a vaca estava não tinha uma gota de sangue, fato incomum, pois uma operação como esta produz abundante sangramento, de acordo com o veterinário que atendeu o caso. A propriedade era protegida por quatro pastores alemães e o caseiro, Lázaro Jorge, estava a poucos metros do curral das vacas. O corpo do animal foi achado a 20 metros do curral onde se encontravam as outras vacas.

Relatos há de ataques a galinhas, cabras e bois na região de Campinas. O padrão é o mesmo: suga o sangue dos animais e arranca coração, vísceras e olhos. O fenômeno foi estudado pelos ufólogos Eduardo e Osvaldo Mondini. Os ufólogos também se engajaram na busca do chupa-cabras nas matas da cidade de Rafard, interior de São Paulo, onde casos de ataques têm surgido.

Um caso tétrico aconteceu na represa de Guarapiranga. Um aposentado de cinqüenta e três anos tinha o costume de pescar ali. Ele se dirigia a nado até uma ilha deserta no centro da represa, nadando apenas de cueca. Seu corpo foi mutilado; não havia um único órgão interno, pois haviam sido retirados

por pequenos furos que deixaram os legistas pasmos sobre como aquilo poderia ter sido feito, especialmente às margens de uma represa no meio do mato.

O aposentado estava de cueca, mas sem os testículos, o ânus perfurado, sem o reto, o pênis rijo e enegrecido, bem como todos os outros membros. O cadáver também estava sem olhos, orelhas e língua. O mais mórbido é que, para os médicos do IML, tudo isso foi feito com a vítima ainda viva, provavelmente devido à velocidade da ação do mutilador.

